

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BRUNO DOS SANTOS HAMMES

*NO FEIRÃO DO CHOPE*

UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE INTERSECÇÕES ENTRE MARCADORES  
SOCIAIS DA DIFERENÇA EM UM BAR NA REGIÃO PERIFERIZADA DE GOIÂNIA

GOIÂNIA

2015

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9810/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico:     Dissertação     Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

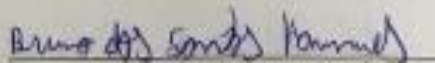
Nome completo do autor: Bruno dos Santos Hammes

Título do trabalho: No Feirão do Chope: um estudo antropológico sobre intersecções entre marcadores sociais da diferença em um bar na região periférica de Goiânia

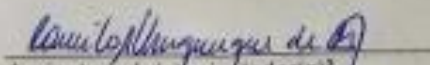
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 15/04/2019

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A renovação desse prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser manuscrita.

BRUNO DOS SANTOS HAMMES

*NO FEIRÃO DO CHOPE*

UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE INTERSECÇÕES ENTRE MARCADORES  
SOCIAIS DA DIFERENÇA EM UM BAR NA REGIÃO PERIFERIZADA DE GOIÂNIA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Faculdade de Ciências Sociais (FCS), da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Linha de pesquisa: Corpo, representações e marcadores sociais da diferença

Orientador: Prof. Dr. Camilo Albuquerque de Braz

GOIÂNIA

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

dos Santos Hammes, Bruno

No Feirão do Chope: [manuscrito] : um estudo antropológico sobre intersecções entre marcadores sociais da diferença em um bar na região periferizada de Goiânia / Bruno dos Santos Hammes. - 2015.

CXXXIX, 139 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Camilo Albuquerque de Braz.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2015.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, lista de figuras.

1. lugar. 2. negritude. 3. performance. 4. sexualidade. 5. sociabilidade. I. Albuquerque de Braz, Camilo, orient. II. Título.

CDU 572



## ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ao terceiro dia de agosto de 2015, às 14 horas, no Mini-auditório da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado do mestrando **Bruno dos Santos Hammes** intitulada *No Fim do Chope: um estudo antropológico sobre intersecções entre marcadores sociais da diferença em um bar na região periférica de Goiânia*. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores Doutores: **Camilo Albuquerque de Braz** (PPGAS/UFG/presidente), **Waldemir Rosa** (UNILA/membro externo), **Alexsandro José Prudêncio Ratts** (PPGAS/UFG/membro interno) e **Roberto Lima** (PPGAS/UFG/suplente). O candidato apresentou o trabalho, os professores o arguíram e ele respondeu as arguições. Às 16:30 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, pela qual foram atribuídos ao mestrando os seguintes resultados:

Aprovado     Reprovado

Prof. Dr. Camilo Albuquerque de Braz: Camilo Albuquerque de Braz  
PPGAS/UFG (presidente)

Aprovado     Reprovado

Prof. Dr. Waldemir Rosa: Waldemir Rosa  
UNILA/membro externo

Aprovado     Reprovado

Prof. Dr. Alexsandro José Prudêncio Ratts: Alexsandro Ratts  
PPGAS/UFG

Resultado Final: Aprovado

Reaberta a sessão pública, o presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão. Foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Camilo Albuquerque de Braz, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e pelos membros da Banca Examinadora.

Camilo Albuquerque de Braz: Camilo Albuquerque de Braz

Camilo Albuquerque de Braz  
Coord. Programa Pós-Graduação  
Em Antropologia Social/FCS-U

A meu pai, Hélio (*in memmorian*).

Aos sujeitos de pesquisa

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, seria impossível começar bem os trabalhos sem agradecer ao Senhor dos Caminhos, que possibilitou chegarmos até aqui. Ainda no que diz respeito às dimensões que fogem ao humano, agradeço ao Tempo por ter concedido a sabedoria necessária para trilhar este caminho.

Há muito o que e a quem agradecer, a começar por minha(s) família(s). Família(s) esta(s) que se espraia(m) em uma infinita aquarela de genealogias, laços e, principalmente, afetos. Assim, como é da práxis e também do desejo, gostaria de (re)começar (ou continuar) agradecendo à minha mãe Cassia N. S. Hammes, a D. Cassia, e ao meu pai Hélio José Hammes, o Sr. Hélio (*in memorian*). A eles devo minha existência, e, principalmente, por nunca terem desistido de mim. Criaram-me em meio a adversidades e turbulências inerentes a um mundo machista, misógino e, principalmente, hipócrita. Agradeço ao meu pai nunca ter hesitado ou indagado sobre “para que ia me servir a tal das Ciências Sociais e a Antropologia”, e à minha mãe, ao contrário, ter feito e ainda fazer indagações, posicionando-se fortemente em suas opiniões, com seu espírito questionador, crucial para a escolha profissional que fiz.

Quanto às irmãs (uma lista vasta!), agradeço, primeiramente, à Cátia e à Carina, sempre cúmplices, confidentes e amigas, que, ao mesmo tempo em que se permitem espelhar em mim, são meus exemplos, e as agradeço a compreensão nos muitos momentos ausência, e os seus abraços carinhosos e as constantes palavras de incentivo!

Agradeço aos irmãos que a vida me deu, com os quais eu aprendi muito sobre afeto e sobre família. Agradeço à amiga e irmã Rose Naiff (obrigado, Ogum!) e a Ronaldo Naiff (*in memorian*), amizade certa nas horas incertas. Agradeço à Taís Espírito Santo (obrigado, Oxalá!) todo o seu esplendor e amizade sincera. Agradeço a Lipi Navegantes (obrigado, Logun Edè!) pelo abraço afetuoso e sincero. Agradeço à amiga-irmã Alessandra Nzinga (obrigado, Omolu!), por continuar acreditando e contando comigo. Agradeço a Jeferson (obrigado, Jeová!), por ser de tão fiel à aliança e cumplicidade. Agradeço a Joilson Santana Jr (obrigado, Jesus!) por ser amigo, “pintosa” e de uma sutileza sem igual. Agradeço à Sheila Dias (obrigado, Oyá!) a sinceridade e os sorrisos. Agradeço ainda ao amigo Cleiton (da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) a amizade e hospitalidade de sempre. Por fim, mais uma vez, agradeço a Xangô a amizade, o afeto, as brigas e o pensamento vivo em uma das mais brilhantes pessoas que tive o prazer de conhecer, meu irmão Rodrigo Reduzino, de

personalidade forte e alma extremamente bondosa, pessoa sem a qual a vida não teria as mesmas cores! A benção.

Agradeço a Paulo Reis, pessoa sem a qual minha trajetória não teria a mesma graça, com quem vivi e vivo o sentido de amar e vários amores em um só, com quem partilhei e reinventei o sentido da palavra cumplicidade!

Agradeço à turma PPGAS 2013, de maneira geral, pelos bons e profícuos dias letivos e de diversão. Não é segredo o especial agradecimento à Francly Eide Leal (minha preta!), amiga confiante e amor. Amor que também perpassa a amizade com Carolina Cadima (e Amilton Rosa), Izadora Acypreste, Filipe Augusto, Brisa Evangelista, Amélia Stival (#asNutriPira), Lucinete Moraes (Arthur, Clarinha, Cora e Zara), Paula Acotirene, Tetê, Livia Nunes (mooorta), Lídia Borges, Dayane, Bernardo e, por último, mas com certeza não menos importante, minha amiga Tanieli, que dividiu comigo as dores e as delícias da pesquisa em Sexualidade e outras proezas mensais. Sem cada uma e cada um de vocês, as aventuras antropológicas e os shows das antropólogas não teriam sido tão excitantes e vitais!

Ainda no PPGAS e na FCS, agradeço às/aos *outsiders* do *Ser-Tão*, em especial, às/aos que tive o prazer de conviver e viver no *Trans\*UFG* – Dariuska, Bento e Paula Nogueira – e ao Igor Santana. Por falar em *outsiders*, como não lembrar da maior e mais antropológica tigresa da UFG (e de *Gottan*?) Giórgia (de Aquino Neiva), amiga e muito mais do que belas unhas negras! Ela é exemplo de conduta profissional e de vida que merece ser citado, inclusive nas referências, a saber, Neiva (2014; 2015; 2016). Pessoa com quem aprendi muito. Em suma, a melhor e mais gostosa risada de todo o Centro-Oeste, e quiçá do Brasil!

Agradeço ainda à amiga Loryane Naciff e ao (nosso querido esposo) César serem tão amáveis e acolhedores! Como não agradecer ao meu mais que amigo Raphael Moraes? Pessoa sem a qual não seriam possíveis várias viradas antropológicas dentro e fora de campo.

Gostaria ainda de lembrar, em forma de “muito obrigado”, a grata surpresa de poder ter encontrado muito mais do que fotocópias na *MDM Copiadora* e cafés com pão de queijo no *Delícias do Campus*. Em ambos, muitas vezes, encontrei afeto, confiança e principalmente risadas e amizades, com as quais fui surpreendido. Desta forma, agradeço à equipe da *MDM Copiadora* (os amigos Pinheiro e Maria Dolores). Dodô, um amor desta e de outras vidas que tive o prazer de reencontrar nesta passagem por esta Terra. Em consideração à equipe do *Delícias do Campus*, agradeço à Cleumisse o bom serviço e os muitos dois dedinhos de prosa.

Agradeço também ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG), principalmente à servidora Margarida, a quem não é redundante chamar de flor, com quem, entre outras coisas, pude contar cotidianamente, em sua prontidão e presteza, que

tornaram o burocrático sistema e a temida apreciação pelo comitê algo mais suave. Neste sentido, agradeço ainda aos servidores da Faculdade de Ciências Sociais, principalmente ao nosso secretário, Elder, por salvar nossas vidas e prazos inúmeras vezes!

Agradeço ainda às turmas que, mais ou menos, pude acompanhar naquela inebriante trajetória na licenciatura, uma feliz escolha que me fez conhecer e ter motivos de sobra para conhecer os discentes Neidiane, Cleise, Rafael, Miguel, Allvaro, Laise, Augusto e Emília, a quem também agradeço.

Não poderia deixar de agradecer ainda àqueles (e àquelas) de quem tive o privilégio de ser aluno na Licenciatura em Ciências Sociais: na Faculdade de Educação, Maria Augusta e Gina; na FCS, Ricardo Barbosa de Lima, Carlos Eduardo, e, em especial, Maria Luiza, que me ensinaram e me mostraram o potencial que existe em se apaixonar pela docência, o que justifica meu agradecimento em forma de eterna gratidão. Faço, também, um agradecimento mais que especial à Marcela Amaral, quem, além de compartilhar a satisfação com a docência, revelou-se, em diversas oportunidades a mim, sendo, também, alguém a quem pude me revelar (ser humano de uma leveza e de uma sensibilidade ímpar!). A todos, só posso dizer o quão bom e quão fundamental foi, para mim, ter sido aluno de cada uma/um de vocês!

Preciso ainda agradecer a cada uma/um das/dos docentes do PPGAS, seja às/aos com quem cursei disciplinas, seja às/aos que a representação discente me deu o privilégio de conhecer. Primeiro agradeço às/aos docentes com quem cursei disciplinas: ao Gabriel Alvarez os ensinamentos e credibilidade transmitidos não só como professor, mas como coordenador; ao Alexandre Herbetta a sua inteira e máxima disposição em ajudar; à Joana as aulas e a leveza que transmite para a vida; ao Roberto Lima os giros antropológicos e o aceite em participar da banca de qualificação com tão ricas contribuições; à Isabela Tamaso a demonstração do enorme conteúdo e flexibilidade necessários, que tornou única a experiência na área de ‘performance’ e que muito contribuiu para a minha formação! Agradeço ainda à Telma Camargo o afetuoso incentivo, e à Janine a inteira disponibilidade e o livre acesso à direção da FCS.

Agradeço ainda à amiga e pós-doutoranda Ângela Sacchi os bons papos e bons almoços, bons “para pensar”. E agradeço a todxs xs amigxs do *LaGENTE*: Ana Lúcia, Daniel Lopes, Antonilde (Tomtom) Rosa, Talita Cabral, Danilo Cardoso e, em especial, à Kênia Costa, amiga e incentivadora nas horas certas e incertas!

Difícil é encontrar palavras para agradecer ao meu orientador, Prof. Camilo Braz. Então, agradeço-o ter se permitido e nos permitido passar por este intenso e criativo processo de construção e dissertação de pesquisa (!), pois sem ele o projeto inicial dificilmente teria

sido construído de maneira tão autoral e, ao mesmo tempo, tão orientada. Camilo, tenho que te agradecer o respeito, maturidade e, principalmente, sensibilidade ao conduzir com cuidado e preocupação todo o processo e, respeitando nossos limites, minhas ideias e angústias. Agradeço também a você a paciência quando dos meus rompantes filosóficos e agradeço ter estendido a mão nos momentos de maior insegurança. Espero que tenha valido a pena ter esperado o meu momento! Meu muitíssimo obrigado a todos (absolutamente todos!) os momentos, conselhos e crédito!

Agradeço ainda ao Alex Ratts, agradecimento que devo também a Xangô, que na manifestação de Sua Justiça permitiu a este seu filho o discernimento necessário para saber avaliar e fazer as críticas necessárias, as quais foram pertinentes para o desenvolvimento desta dissertação. Agradeço o seu rigor, o seu afeto, e, neste momento, agradeço especialmente o seu profissionalismo, as recomendações e os debates. Agradeço ter aceitado fazer parte da banca de qualificação e fazer parte desta banca de defesa, emprestando sua rica trajetória e realizando sua rica e atenta leitura para a consolidação desta dissertação.

Agradeço ao Professor Waldemir Rosa ter aceitado o convite para participar desta etapa importante do meu processo de formação, brindando-nos com suas contribuições e leitura da dissertação.

Agradeço ainda aos amigos dos tempos de *ENUDS*, Elaine, Fátima, Poly, Estevão e Fernando; a este último, em especial, agradeço as contribuições que me ajudaram a pensar alguns dados de campo. Obrigado!

Agradeço ainda ao Joãozinho Mercês a guarida e a total disposição habitual! Agradeço ainda às/aos “sujeitas” e sujeitos com quem tive a oportunidade de conviver e viver durante e depois do trabalho de campo!

Por fim e não menos importante, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), que, por meio de chamada pública, edital 03/2013, concedeu-me bolsa de formação (mestrado), possibilitando a realização deste trabalho.

Muito obrigado!

*“Quem é esse rapaz que tanto androginiza?  
Que tanto me convida pra carnavalizar  
Que tanto se requebra do céu de um salto alto  
E usa anéis e plumas pra lantejoulizar  
Que acena e manda beijos pra todos seus  
amores  
E vive sempre a cores pra escandalizar  
A minha mãe falou que é um tipo perigoso  
Que vive sorridente fazendo quá, quá, quá  
O meu pai me contou que um dia viu o cara  
Num cabaré da zona dançando tchá, tchá, tchá  
Quem é esse rapaz que tanto androginiza?  
Que tudo anarquiza pra dissocializar  
Com mil e um veados puxando seu foguete  
Que lembra um sorvete pra refrescalizar  
Cuidado aí vem ele, é um circo, é um cometa  
Abana, abana, abana, que é o Papai Noel  
Eu pensei que todo mundo fosse filho de papai  
Noel..” (Kleiton e Kledir Ramil, 1978)*

## RESUMO

A presente dissertação de mestrado é resultante de um estudo etnográfico realizado no “Feirão do Chope”, um bar na região ‘periferizada’ de Goiânia (capital do Estado de Goiás, Brasil), e teve como objetivo geral analisar e compreender os processos de constituição de identidades, subjetividades e pertencimentos experimentados por jovens frequentadoras/es desse espaço de lazer e sociabilidade noturna. Para tanto, foquei a investigação e a produção de dados em uma das redes de amizade e sociabilidade dentre as várias que se estabelecem no “Feirão”. Assim, indaguei e observei aspectos que pudessem suscitar questões acerca de como se dá a formulação dos elementos que compõem subjetividades e pertencimentos. Procurei também resgatar e desconstruir a associação artificial entre ‘periferia’ e ‘negritude’, que naturaliza um local que concentra população de baixa renda e afastado dos centros econômicos urbanos como ‘lugar de negro’, e problematizar os efeitos da erotização do corpo dos homens negros nesse contexto. Por fim, ressalto que procurei produzir uma análise pautada principalmente pela intersecção entre as categorias de gênero, sexualidade e raça para produzir uma investigação e formular conhecimento sobre e a partir de um lugar marginalizado.

**Palavras-chave:** diferença; identidade; gênero; juventude; lugar; negritude; performance; raça; sexualidade; sociabilidade.

## ABSTRACT

*This Master's Dissertation is resultant of an ethnographic study carried out in the "Feirão do Chope", a bar located in a 'peripheralized' region of Goiânia (capital of the State of Goiás, Brazil). The main goal of this work is to analyze and understand the processes of constitution of identities, subjectivities and social belongings experienced by young people in this space of leisure and nocturnal sociability. To do so, I focused the fieldwork and the data production on one of the networks of friendship and sociability among the various established in the "Feirão". Thus, I inquired informants and observed aspects that could raise questions about how the formulation of the elements that make up subjectivities and social belongings happens. I sought to rescue and deconstruct the artificial association between 'periphery' and 'blackness', which naturalizes a place that concentrates low income population and that is away from the urban economic centers as 'black's place', and to problematize the effects of the eroticization of the black men's body in this social context. Finally, I want to emphasize that I attempted to produce an analysis based mainly on the intersection between the categories of gender, sexuality and race to produce an investigation and formulate knowledge about and from a marginalized place.*

**Keywords:** *difference; identity; gender; youth; place; blackness; performance; race; sexuality; sociability.*

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.

COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as.

DERGO – Departamento Estadual de Rodagem do Estado de Goiás.

DJ – *Disc Jockey*.

ENUDS – Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual.

FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.

FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

FCS/UFG – Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

GLBTS – *Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Simpatizantes*.

GLS – *Gays, Lésbicas e Simpatizantes*.

HSH – Homens que Fazem Sexo com Homens.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

LaGENTE – Laboratório de Estudos de Gênero Étnico-Raciais e Espacialidades.

LGBT – Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

PPGAS/UFG – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás.

SMS – *Short Message Service*.

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba.

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

UFG – Universidade Federal de Goiás.

UFPB – Universidade Federal da Paraíba.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Trajeto Entre a Avenida T-63 e a Chácara 12.....	36
Figura 2 – Trajeto entre o Setor Jardim Novo Mundo e a Chácara 12 .....	37
Figura 3 – Visão frontal/lateral da fachada do Feirão .....	39
Figura 4 – Croqui do Feirão .....	40

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	14
2 ACESSANDO O FEIRÃO: OU DAS ESTRATÉGIAS PARA ENTRAR EM CAMPO ....	22
2.1 “O público vai aonde o Feirão está”: história e trajetória do bar .....	23
2.2 Provoações imagéticas de um noturno de campo .....	29
2.3 Justificando as escolhas (ou de como o campo afetou a investigação) .....	43
2.4 Entre “saías justas” e “ser gay também”: notas metodológicas de quando não se está solteiro em campo... ..	50
3 ‘COM QUE CORPO EU VOU?’ – INTELIGIBILIDADE DA DIFERENÇA NO FEIRÃO .....	54
3.1 Ser ou não ser “bagaceira”: apreensões na homossociabilidade do Feirão .....	59
3.2 “Bermudinha dobrada”: se “montando” de feminina? .....	68
3.3 “Cafuços”: corpo, fetiche, interseccionalidades e poder .....	75
4 “ESSA É A PRIMEIRA VEZ QUE EU VIM AQUI”: NOTAS SOBRE OS RISCOS E PERIGOS DE ESTAR NO FEIRÃO .....	83
4.1 Procura-se um goiano para namorar... ..	88
4.2 “Vai lá dentro pra ver o que acontece no escuro” .....	91
4.3 “Eu vim acompanhando meu vizinho...” .....	94
4.4 “Você vai lá? Essa semana?” – o lugar que não se deve dizer o nome .....	101
4.5 Tanta diversidade assusta? .....	102
4.6 Entre a intenção e a comunicação existe um... ..	106
4.7 Do medo de “ter que ir embora sozinho” .....	107
4.7.1 “E como você faz para ir embora?” – notas sobre risco e performances .....	111
4.7.2 Performances de gênero x risco de homofobia .....	117
4.7.3 “É possível evitar o risco de ser negro?” .....	120
4.7.4 “ <i>Performance</i> ou enquanto <i>performance</i> ?” .....	121
5 CONCLUSÕES .....	123
6 REFERÊNCIAS .....	126
APÊNDICE .....	136

## 1 INTRODUÇÃO

A investigação que deu origem a esta dissertação<sup>1</sup> foi proposta e desenvolvida com o objetivo de dar continuidade aos estudos sobre pertencimento,<sup>2</sup> juventude e sexualidade, temas acerca dos quais tenho desenvolvido reflexões desde as pesquisas de iniciação científica ainda na graduação em Ciências Sociais. Pertencimento, juventude e sexualidade foram, portanto, os elementos norteadores (ou eixos analíticos) sobre os quais me debrucei ainda em minha monografia (HAMMES, 2013a). Busquei, naquela ocasião, aprofundar-me nas discussões e nas temáticas específicas da sexualidade, juventude, família e violência familiar.

Quando ingressei no Mestrado, estava em andamento a pesquisa intitulada *Memórias, Margens, Mercados: um estudo sobre locais GLS em Goiânia*, a qual foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) e se vinculava ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Buscou-se, nessa pesquisa, realizar um levantamento de dados acerca do surgimento, em Goiânia, de um mercado de lazer voltado para gays e lésbicas (BRAZ, 2012). A partir desse mapeamento, realizou-se uma coleta de dados e entrevistas com empresários/as e algumas/uns frequentadores/as, a fim de compreender qualitativamente e através de aporte antropológico os processos de constituição de categorias e convenções que informam a produção de identidades e subjetividades.

Se, tradicionalmente, tais questionamentos (a respeito da formulação de subjetividades homossexuais) partem da atuação dos movimentos sociais e políticos voltados a essa população (FACCHINI, 2005), pretendeu-se, por meio dessa pesquisa, ampliar a discussão para as dinâmicas relativas ao mercado (FRANÇA, 2006). Entendendo-se o mercado a partir dos processos de produção, circulação e consumo de bens (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009). Nesse sentido, importam, sobretudo, os diversos usos dos bens e os significados que adquirem para diferentes grupos em distintos contextos sociais e culturais.

Encontrei, nesse contexto de questionamento e produção de conhecimento relativos aos temas que já me interessavam, um ambiente propício ao desenvolvimento de uma

---

<sup>1</sup>Esta é a versão final da dissertação de mestrado, tendo sido consideradas as sugestões da banca de defesa pública e realizadas as devidas revisões textuais.

<sup>2</sup>Pertencimento, como utilizado, remete aos modos de organização, formais ou informais, utilizados pelo indivíduo visando a se sentir pertencente de um grupo identitário, no qual há reconhecimento mútuo entre seus membros. Segundo Escorel (1999, p. 54), “as ‘unidades de pertencimento’ são unidades sociais que constituem os âmbitos de referências materiais e simbólicas dos indivíduos”.

pesquisa voltada às sociabilidades juvenis atravessadas ou interseccionadas pelas homossexualidades e outras marcas da diferença na cidade de Goiânia.

A inovação que as pesquisas desenvolvidas no âmbito do *Ser-Tão* – assim como, mais especificamente, a que fundamentou esta dissertação – trazem é o fato de se proporem a produzir conhecimento na cidade de Goiânia, afastando-se assim do, já consolidado, eixo Rio-São Paulo, espaço em que, diferentemente de Goiânia, diversas pesquisas foram realizadas sobre tais temas. O que não quer dizer que esteja exaurido o campo, ao contrário, ainda há muito a se pesquisar, porém comparativamente e dadas às desigualdades regionais o centro-oeste ainda é um campo a se explorar. Além disso, deve-se destacar a especificidade da pesquisa, que trata analiticamente do chamado mercado GLS (*Gays, Lésbicas e Simpatizantes*) da ‘periferia’<sup>3</sup> de Goiânia.

França (2006) argumenta que, na década de 1990, aqueles espaços que se conhecia como “guetos” *gays* se transformaram e consolidaram, tornando-se nichos mais sólidos de mercado, englobando desde festivais de cinema, agências de turismo, até um circuito de casas noturnas. Nesta época, surge a categoria GLS como definidora desse mercado, em que o “S”, como dito anteriormente, significa “simpatizantes”, em uma tradução da ideia estadunidense de *gay friendly*, com a “intenção de expandir as fronteiras do ‘gueto’, abarcando [...] consumidores que não se identificam como homossexuais, mas que de alguma forma participam desse universo” (FRANÇA, 2006, p. 2).

Nesse sentido, para adensar a proposta do projeto de dissertação e revelar uma dimensão um pouco mais geral do ato de consumir/comprar, tornou-se relevante, por um lado, examinar as relações de consumo, tanto sob uma perspectiva metafísica, como a que encontramos em Campbell (2006), quanto sob uma perspectiva clássica (da perspectiva antropológica), tal como encontramos em Douglas e Isherwood (2009); assim como, por outro lado, discutir a dimensão da elaboração de identificações e as dinâmicas sociais que as instituem, a partir de etnografia feita em local específico, no contexto de um mercado segmentado direcionado a homossexuais, mercado frequentemente denominado GLS ou *gay*. (FRANÇA, 2006).

Colin Campbell (2006, p. 53-54), no capítulo intitulado *Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno*, remete-nos à famosa máxima enunciada

---

<sup>3</sup>O conceito de ‘periferia’ aqui apresentado serve ao propósito de problematizar a definição do conceito e revelar que suas variadas significações, as quais possibilitam perceber a natureza processual e instável do termo, impossibilitam a estabilidade e uma única definição do conceito, como será trabalhado em seguida.

por René Descartes (1596 – 1650), “penso, logo existo”. Neste, o autor afirma que a atividade de comprar não só é um “meio pelo qual as pessoas descobrem quem elas são, como fornece a elas a comprovação básica de sua existência”. Ambos enunciados – tanto o original de Descartes, quanto o de Campbell – sinalizam para a comprovação da existência do Ente<sup>4</sup>. Em síntese, Campbell, ao perceber o ato de consumir pelo viés da metafísica, mais especificamente da ontologia, interpreta a ação como comprovação da existência do ente metafísico.

Apesar de, inicialmente, haver buscado analisar e entender o processo de constituição de subjetividades e pertencimentos experimentados por jovens, posteriormente e a partir das discussões teóricas, acabei optando por me concentrar na coleta e produção de dados de campo, privilegiar a articulação entre o recorte geracional com um lugar específico no contexto de consumo e sociabilidades noturnas sem perder de vista, contudo, o objetivo inicial. Estudei a literatura que trata desse tema de modo a elaborar um roteiro de entrevistas/conversas apropriado. Esforço este que resultou em melhor compreensão do processo de elaboração dos discursos de si no âmbito das redes<sup>5</sup> de frequentadores, as quais perpassam o sentimento de pertencimento que estes jovens formulam relativamente aos possíveis grupos<sup>6</sup> com quem tem contato no local.

Esta noção de “sociabilidade” é analisada a partir da definição de Georg Simmel (1983), a fim de retomar e ampliar a discussão de sua definição, destacando a dimensão, ainda pouco explorada, da intencionalidade deliberada ou não dos atos.

Para a realização desta pesquisa o consumo foi considerado como vetor viabilizador da existência de certas formas de lazer e sociabilidades para um público pouco assistido e com práticas pouco usuais. Tendo como norte a apreensão de uma sociedade capitalista, em que mercado/consumo norteiam o lazer, em especial para um mercado GLS, confiro à iniciativa privada uma importância fundamental e considero as implicações disso.

---

<sup>4</sup> Para uma compreensão da discussão metafísica e em oposição a Descartes, recomenda-se a leitura da obra de Martin Heidegger (1889 – 1976), em especial: *Ser e Tempo* (1927) e *Introdução à Metafísica* (1953).

<sup>5</sup> Em sua dissertação, *Nas redes dos alternativos – mercado, sexualidade e produção de diferenças na cidade de Goiânia*, Neiva (2014, p. 38) alerta que, no âmbito das “casas noturnas é importante relativizar a ideia de grupo, uma vez que o público, embora regido por objetivos comuns, não é inteiramente homogêneo”.

<sup>6</sup> Nota-se que a noção de “rede” referendada na discussão de Neiva (2014) e em suas leituras, embora seja pertinente e importante para o exercício de relativização, neste estudo etnográfico harmoniza-se com outro paradigma: o que percebe relações mais coesas e que inspira maior grau de seriedade aos sujeitos que se veem pertencente a grupos.

Ainda que focar a investigação nas ‘sociabilidades juvenis’ já signifique um relevante recorte, considero este relativamente amplo, visto que, o plural universo do qual é composta a categoria identitária ‘jovem’, existem múltiplas redes e vários grupos que adotam práticas específicas e possuem gostos particulares. Gostos e práticas tão distintos a ponto de tornarem onerosa a realização de uma investigação genérica, daí a necessidade de caracterizar melhor o possível o escopo da investigação. Nesse sentido, opto por focar a produção dos dados nas sociabilidades juvenis entre rapazes que se identificam ou não como *gays*, mas que tem em comum o fato de frequentarem o “Feirão do Chope”, o qual foi escolhido justamente em razão de se localizar em região considerada periférica da cidade, ou ‘periferizada’, noção que será melhor desenvolvida nos capítulos seguintes.

A hipótese que norteia essa escolha se baseia no fato de as desigualdades econômicas e raciais – que, em Goiânia, especificamente, e no Brasil, em geral, articulam-se de maneira notória –, trazerem como consequência o estabelecimento de limites (físicos ou simbólicos) mais ou menos rígidos entre grupos e territorialidades, criando assim ‘centros’, ‘periferias’ e seus limites e paisagens. A periferia é aqui recortada e percebida em um de seus territórios possíveis: a “Chácara 12 Eventos”, ou “Chácara 12”, ou “Feirão do Chope”, ou, simplesmente, “Feirão”.

Pretendi perceber – seja pela frequência no bar, seja pela residência na região ou pela combinação destes fatores – como os sujeitos da pesquisa acionam ou não a sua região de residência ou a predileção pelo bar como marcas identitárias importantes para produção de suas subjetividades. Objetivei inter-relacionar juventude, gênero, sexualidade e raça, considerando tais categorias em relação ao espaço e aos contextos social e cultural. Direcionei a análise às narrativas desses sujeitos para justamente entender como se constitui o lugar como um espaço situado em uma região ‘periferizada’ da cidade.

Pensar classes sociais e raça no Brasil, sociedade que se desenvolveu sob a égide do trabalho de escravizados e na qual a abolição da escravatura não contou com mecanismos para uma real inclusão desses sujeitos à economia, pode dar a impressão de que houve na história recente uma mera substituição de “raças” por “classes sociais” (MUNANGA, 2012), quando o que ocorreu foi uma sofisticação de nosso sistema social racista, que se tornou mais fácil de compreender com o advento da noção de “intersecção” (CRENSHAW, 2002) das desigualdades de classe e raça e outros marcadores sociais da diferença.

A opção por ‘periferização’ ao invés de ‘periferia’ visa introduzir desde agora uma discussão que será retomada nos Capítulos 2 e 4, em que exponho os motivos da formulação do conceito. Uma das chaves analíticas por trás dessa opção é a noção de “sistema de poder” presente na obra de Michel Foucault (1977), mas não apenas, cabe acrescentar ainda as ideias de Pierre Bourdieu (2008) desenvolvidas no livro *A Distinção: crítica social do julgamento*, as análises encontradas na obra *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*, de Mary Douglas e Baron Isherwood (2009), e as preocupações metodológicas e epistemológicas da “antropologia urbana” proposta por José Magnani (1996).

Neste momento, contudo, a minha principal influência para a concepção de ‘periferização’ vem dos campos que buscam pensar a “colonialidade” e a sua influência na construção epistemológica (MIGNOLO, 2003). Uma vez que estas experiências e resistências do e no local constituem (ou subvertem) a imagem de senso comum que se tem em relação à vida, às possibilidades de lazer e às práticas amorosas dos sujeitos na ‘periferia’, tomarei as histórias e as narrativas produzidas no “Feirão” como exemplo não de uma periferia genérica, mas, em especial, da “Região do DERGO”.<sup>7</sup>

Com vistas a uma discussão que farei mais à frente no texto, adianto que as narrativas das ‘trajetórias’ compartilhadas comigo pelos interlocutores se tornaram tão fundamentais a ponto de nortear os processos de construção e arranjo aplicados aos dados de campo. Destaco também que, durante a escrita desta dissertação, optei por estruturar ou agrupar o material de campo em torno da experiência de ‘ir ao’, ‘permanecer no’ e ‘voltar do’ “Feirão”.

Assim, reúno elementos comuns às narrativas dos sujeitos da pesquisa a fim de tornar nítido o entendimento de que, durante uma noite de lazer no “Feirão”, cada sujeito transita, no mínimo, por três momentos: o acesso ao “Feirão” (ir e chegar), o estar no “Feirão” e o ir embora (sair e voltar para casa). E, com base nestes momentos ou etapas, estruturei também os capítulos que dividem o desenvolvimento desta dissertação.

Por fim, busquei compilar elementos empíricos comuns às narrativas dos sujeitos a fim de produzir uma ‘narrativa ideal’, de modo semelhante a um “tipo ideal” weberiano, de narrativa do “Feirão”. Dito de outro modo, busco agrupar várias similaridades e algumas especificidades factuais implicadas na experiência de frequentar o “Feirão” tal como narradas pelos sujeitos.

---

<sup>7</sup>“Região do DERGO” se refere aos arredores do Terminal de ônibus situado na região oeste da capital goiana, mas não se resume a isso, como veremos no Capítulo 2.

Tais especificidades possibilitaram a criação de uma narrativa supra ou intersubjetiva,<sup>8</sup> a qual destaca elementos encontrados nas falas de distintos sujeitos, falas que procurei aqui delinear com a intenção de produzir uma estrutura dissertativa coerente, que não apenas abarcasse as especificidades das experiências individuais de alguns dos meus interlocutores, mas também exprimisse os dilemas (e delícias) vividos por elas/es e outras pessoas (inclusive possíveis leitores desta dissertação) que não tiveram a oportunidade de contar suas experiências.

Ao afirmar que as experiências são individuais, a preocupação não é a individualização como fim, mas como meio para descrever e analisar as ‘realidades’ dos frequentadores do “Feirão”, as quais, com isso, quero ainda que em parte acessadas de maneira individualizada (por meio de conversas e/ou entrevistas, etc.), não perdem sua dimensão ‘coletiva’, uma vez que são compartilhadas e/ou socializadas entre pares, passando a fazer parte do imaginário e das narrativas coletivas.

Visando enfatizar o tema das intersecções entre “marcadores sociais da diferença”<sup>9</sup> em um bar na região ‘periferizada’ de Goiânia, elenco os objetivos desta investigação. O objetivo geral é analisar e compreender o processo de constituição de identidades, subjetividades e pertencimentos de jovens frequentadoras/es de um espaço de lazer e sociabilidade noturna.

Os objetivos específicos são: analisar as redes de amizade e sociabilidade que se estabelecem no “Feirão do Chope”; investigar a formulação de elementos de subjetividade e pertencimento; desconstruir a associação artificial entre “periferia” e “negritude”, que naturaliza os locais com populações de baixa renda, afastados dos centros econômicos e estigmatizados socialmente, como “lugar de negro” (GONZALEZ; HASENBALG, 1982); produzir uma análise pautada na intersecção entre gênero, sexualidade e raça (principalmente); e, finalmente, poder formular conhecimento antropológico acerca e a partir de um lugar marginalizado.

Para cumprir este propósito, a presente investigação se inspira na tradição etnográfica, de modo que foi realizada uma etnografia do/no lugar. Para a produção dos dados, lancei mão

---

<sup>8</sup> A ideia aqui é que, apesar de a experiência ter sido narrada apenas por um interlocutor, há um núcleo ou um repertório com o qual mais pessoas se identificam, por terem vivenciado algo semelhante.

<sup>9</sup> De acordo com Simões et al. (2010, p. 40): “Marcadores sociais da diferença são produções culturais e históricas, articuladas em sistemas classificatórios que envolvem dimensões semânticas e pragmáticas. A marcação da diferença é um componente-chave de qualquer sistema classificatório. Desse modo, pessoas, objetos e comportamentos ganham sentido – são socialmente produzidos – por meio de atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório. É importante distinguir entre a lógica interna que articula categorias em sistemas classificatórios e os processos de classificação propriamente ditos”.

dos métodos da observação participante, do caderno de campo e de conversas informais, por um período de aproximadamente oito meses de trabalho de campo.

É preciso também destacar o caminho e as escolhas que realizei ao compilar e organizar os dados. Como já mencionado na apresentação, o texto foi produzido visando a provocar no leitor a sensação de uma ida ao “Feirão”. Desse modo, trata-se de uma ‘trajetória ideal’ que inclui o acesso ou a ida ao “Feirão”, o estar no “Feirão” (ou as dinâmicas no local) e, por fim, o retorno para casa. Devo pontuar ainda que esta estrutura reflete uma maneira possível de organizar as diversas experiências e que não pretende dar conta da ‘realidade’ ou exaurir as possibilidades relativas aos dados.

O primeiro dos três capítulos do desenvolvimento (Capítulo 2) é dedicado a apresentar a metodologia e as estratégias utilizadas para entrar em campo e estabelecer contato com a rede de sujeitos com quem dialoguei, ao mesmo tempo em que revela, parcialmente, os motivos pelos quais eu os escolhi (ou eles me escolheram). Logo, este capítulo poderia ser resumido, metaforicamente, como a apresentação das lentes pelas quais vi o “Feirão” e a maneira como as poli. O capítulo está subdividido em quatro tópicos: (1) *“O público vai aonde o Feirão está”*: história e trajetória do bar; (2) *Provocações imagéticas de um noturno de campo*; (3) *Justificando as escolhas (ou de como o campo afetou a investigação)*; e, por fim, (4) *Entre “saías justas” e “ser gay também”*: notas metodológicas de quando não se está só em campo....

No segundo capítulo do desenvolvimento (Capítulo 3), apresento e discuto os dados que dizem respeito ao que denomino “dinâmicas do Feirão”. Esse capítulo é dedicado à construção de interpretações relativas às formas que as sociabilidades tomam e a como se estabelecem as redes e os laços de pertencimento. Para tanto, enfoco a apreensão da diferença que perpassa o corpo, discussão inicialmente desenvolvida no tópico *Ser ou não ser “bagaceira”*: apreensões na homosociabilidade do “Feirão”. Em seguida, no segundo tópico, *“Bermudinha dobrada”*: se “montando” de feminina?, analiso a relativização do corpo, problematizando a indumentária e seus significados para a construção da identidade. Para concluir, no terceiro e último tópico do capítulo, *“Cafuços”*: corpo, fetiche, interseccionalidade e poder, concentro-me na discussão interseccional relativa à fetichização do corpo negro masculino.

O terceiro e último capítulo do desenvolvimento (Capítulo 4), dividido em sete partes, abriga uma série de discussões relativas ao acionamento do “Feirão” e/ou estar no “Feirão”, as

quais culminam nas discussões relativas à “hora de ir embora” do “Feirão”, em que discuto os “riscos” envolvidos. De início, esse capítulo comporta discussões relativas ao modo pelo qual o “Feirão” é acionado como lugar de afeto ou de maneira acusatória por alguns frequentadores.

No primeiro tópico deste quarto capítulo, *Procura-se um goiano para namorar*, discuto como a assiduidade no “Feirão” se relaciona a escolhas amorosas. No tópico seguinte, *Vai lá dentro pra ver o que acontece no escuro*, reflito acerca de como os frequentadores desenvolvem diferentes performances dentro do “Feirão”, em determinados momentos e espaços (tendas e pista de dança). No terceiro tópico, *Eu vim acompanhando meu vizinho*, discuto uma das típicas justificativas de alguns homens que não se identificam socialmente como gays para estarem em um local com clientela majoritariamente homossexual.

No quarto tópico, *“Você vai ‘lá’ esse fim de semana?” – o lugar que não se deve dizer o nome*, discuto o fato de os sujeitos evitarem mencionar o nome “Feirão” e estratégias outras que utilizam para manter uma boa impressão de si, refletindo sobre a valoração social negativa que se atribui aos estabelecimentos GLS. No quinto tópico, de título *Tanta diversidade assusta?*, discuto a diversidade de ‘estilos’ e de performatividades associados ao gênero e a sexualidade dos frequentadores do “Feirão”.

No sexto tópico, *Entre a intenção e a comunicação existe um...*, trato da intencionalidade na comunicação e da comunicabilidade da indumentária como recurso semiótico aliado às performatividades na construção dos corpos e da agência do sujeito mediante as expectativas sociais. No sétimo e último tópico, *Do medo de “ter que ir embora sozinho”*, concentro esforços para pensar as dinâmicas relativas à “hora de ir embora”, e considero uma série de questões, bem como problematizo os riscos que dizem respeito à ida ao Feirão, tópico que se desdobra em quatro subtópicos, nos quais articulo a noção de performance (principalmente) e o gênero às noções de risco e de pertencimento étnico-racial, a fim de apresentar um panorama das escolhas e estratégias que estão presentes neste terceiro momento, o de saída, o de voltar para casa.

Após os capítulos de desenvolvimento deste texto de dissertação, realizo algumas considerações finais, as quais sintetizam aquelas apresentadas ao longo do trabalho.

## 2 ACESSANDO O FEIRÃO: OU DAS ESTRATÉGIAS PARA ENTRAR EM CAMPO

Fomos os primeiros a insistir em que vemos a vida dos outros através das lentes que nós próprios polimos e os outros nos veem através das deles. (GEERTZ, 2001, p. 66)

Nesta clássica passagem, Geertz (2001) chama atenção para a reflexividade na relação intercultural, na qual tanto o “eu” quanto o “outro” veem e são vistos e o fazem através de suas “lentes”, as quais representam algo colocado entre os olhos e a “paisagem” ou a “realidade”, causando interferência na maneira como os/as sujeitos/as veem e interpretam o mundo, que aqui poderíamos entender como a moral, os costumes, ou, simplesmente, a cultura.

O autor advoga uma explicação acerca das maneiras de ver e interpretar o mundo e, principalmente, os outros e seus modos, a qual é calcada no entendimento de que nossa forma de ver o mundo (nossas lentes) sofre(m) influência da maneira como fomos criados, ou seja, da maneira que nossas lentes foram polidas, como diz o autor. Ressalte-se que o modo como vemos e somos vistos por outros é cultural e/ou social, porquanto é preciso mais do que apenas as lentes, é preciso o ‘polimento’ que cada cultura e cada sociedade dá às lentes dos indivíduos que dela fazem parte.

Mais do que uma explicação, essa noção se torna, ao menos para mim, uma preocupação que percorre e orienta minha postura em situações nas quais tenho que elaborar ou compartilhar uma narrativa desenvolvida por mim para explicar, descrever ou, até mesmo, concluir algo a respeito de uma situação social, como é o caso deste texto dissertativo. Visando a dirimir o problema, optei por provocar ou construir condições que permitam ao leitor uma ‘ida a campo’ junto comigo.

Como veremos em seguida, a pesquisa e o trabalho nas ciências sociais, assim como na antropologia, apresenta-se não em termos da busca de ‘verdades’ absolutas, mas antes visando a entender, a partir das narrativas dos sujeitos, as construções sociais e as maneiras como se estabelecem as relações sociais. Destarte, esse tópico se propõe a demonstrar, ainda que de modo tangencial, como as diferentes abordagens podem interferir no desenho da pesquisa e na leitura dos dados produzidos.

No caso do texto científico (com todas as problematizações que se possa fazer ao termo), acredito que seja necessário evidenciar as escolhas feitas, o que inclui delimitar e referenciar o recorte da pesquisa, a delimitação do campo e as estratégias utilizadas nas

abordagens dos sujeitos da pesquisa. Além disso, julgo importante reconhecer que as referências bibliográficas também são escolhas. Acredito que, desse modo, é possível compartilhar com as/os leitoras/es as ‘lentes’ através das quais pude observar o campo da pesquisa e fazer entender as maneiras como o campo “afetou” (FAVRET-SAADA, 2005)<sup>10</sup> a pesquisa e este pesquisador.

Este capítulo vai além de uma mera apresentação da ‘chegada’ ao campo, como se poderá perceber no item *Provocações imagéticas de um noturno de campo*. Em seguida, no item *Justificando as escolhas ou de como o campo afetou a investigação*, destaco o quanto a minha trajetória em pesquisas relacionadas aos temas ‘juventude, sexualidade e sociabilidades’ influenciou a investigação e abordo como o projeto teórico pôde ser aplicado e realizado no campo, relatando brevemente como minha presença e performatividade criou ‘cercas e pontes’, ou seja, abriu algumas possibilidades e fechou outras, no que diz respeito ao acesso a sujeitos, levando em consideração as especificidades de um local de sociabilidade homoerótico, ou seja, voltado para o flerte entre homossexuais.

Para finalizar este capítulo, no item *Entre “saias-justas” e “ser gay também”*: notas metodológicas de quando não se está solteiro em campo..., trabalho o tema inicial deste preâmbulo. Em contraposição às dificuldades expostas, narro as opções que possibilitaram a entrada no campo e o contato com as redes de sujeitos que viriam a ser os meus sujeitos de pesquisa, revelando assim a eficácia de certa performatividade em campo.

## 2.1 “O público vai aonde o Feirão está”: história e trajetória do bar

O campo se insere na cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás, situada a duzentos e nove (209) quilômetros de Brasília, capital do país, compreendendo uma área aproximada de 740 quilômetros quadrados. Segundo dados do IBGE expostos no site da prefeitura:

Goiânia é a sexta maior cidade do Brasil em tamanho, com 256,8 quilômetros quadrados de área urbana. A Região Metropolitana de Goiânia possui mais de 2,2 milhões de habitantes, o que a torna a décima região metropolitana mais populosa do país. (GOIÂNIA, 2014)

---

<sup>10</sup>Em seu artigo, “Ser Afetado”, Jeanne Favret-Saada (2005 [1990]) discorre sobre a noção como parte componente da interação e do trabalho de campo, como se a “sensibilidade” e os sentimentos fossem articulados na experiência de campo e corroborassem o exercício etnográfico.

Meu destino é a Chácara 12 Eventos, um bar situado na Avenida Anhanguera, Estação Cascavel, Setor Aeroviário, sentido Terminal DERGO<sup>11</sup>, ao lado da Faculdade Padrão. Trata-se de um “bar”<sup>12</sup> que o proprietário João Mercês, vulgo Joãozinho Mercês, mantém desde 1984. Quando o bar, ainda sem nome, começou a funcionar, situava-se no cruzamento entre as Ruas 4 e 24, no centro de Goiânia. Tão logo foi apelidado de “Feirão do Chope”, ou simplesmente “Feirão”. O apelido se deveu, primeiramente, ao fato de o comércio ter começado a funcionar sob tendas (que, inclusive, são mantidas até hoje), de maneira similar à organização de uma feira livre; deve-se também ao chope de fabricação própria que, já naquele momento, tornou-se o carro chefe do bar.

Joãozinho faz questão de ressaltar a importância do bar:

Eu criei e popularizei o *chope* em Goiás. Posso dizer que saiu ali da Rua 4, [...] – principalmente nessa época – eram pouquíssimos bares em Goiânia que serviam *chope*, no preço do *chope* que é preço alto, né, e *eu fiz o contrário, a rota inversa disso aí*. (Entrevista, grifo meu).

Fazendo uma referência ao que poderíamos chamar de ‘lógica de mercado’, Joãozinho, referindo-se ao bom preço que praticava desde então, reforça que ia contra a convenção do mercado, que era de praticar preços altos, em virtude da novidade que o produto representava. Os frequentadores mais antigos atestam ter sido o valor “bem em conta” da entrada e do chope o principal atrativo do bar, o que, ainda hoje, é um motivo relativamente importante para os clientes do bar.

Hoje (2015), todavia, com o material que esta pesquisa produziu, podemos perceber outros atrativos que também configuram e fidelizam o público frequentador como, por exemplo, a localização estratégica, a relativa proximidade de casa (visto que boa parte do público é de moradores daquela região da cidade), a música ou, ainda, as outras pessoas que frequentam o local.

O nome afetivo “Feirão” persiste, preservando, de certa forma, algo desta história e dos momentos iniciais. Além disso, pela trajetória de mais de 30 anos, pode-se supor que alguns destas/es clientes que se fidelizaram ao bar anos atrás, provavelmente ainda bem jovens, hoje têm outra condição financeira, pelo menos o próprio empenho, o que torna o preço (barato ou não) do ingresso algo relativo que não justifica mais a escolha por continuar

---

<sup>11</sup> Segundo Miranda (2011), o nome do Terminal de passageiros, no setor Aeroviário, deve-se ao fato de o Departamento Estadual de Rodagem do Estado de Goiás (DERGO) ser o único órgão público de relevância que havia no setor, servindo de referência para tudo.

<sup>12</sup> A definição apresentada resulta da compilação de entrevista realizada com o proprietário do estabelecimento.

frequentando o Feirão apenas pela questão dos valores praticados ali, nos fazendo supor outros atrativos do espaço.

Alguns destes possíveis atrativos serão explorados nos capítulos desta dissertação e podemos citar entre estes: estilo musical, valor da entrada e, até mesmo, como pontuado por alguns interlocutores, a questão da proximidade de casa (o “Feirão” fica próximo da casa de boa parte das pessoas que frequentam o local, e, assim, economizam tempo e o valor do transporte); além da apontada escassez de alternativas de lazer e de sociabilidade na região onde o bar se localiza. Dentre os elementos elencados, ao menos os dois primeiros, enquanto categorias êmicas, possibilitam que seja dado contorno à questão que venho pontuando<sup>13</sup> por meio de análises preliminares, como o caráter (da cultura) popular não sintonizado com as referências hegemônicas presentes no mercado de sociabilidade GLS. Assim, tanto o estilo musical quanto o preço popular divergem do que seria uma “cena *gay*” de classe média.

Tal contorno corrobora a análise realizada por Denise Fagundes Jardim (1991), que numa leitura de Bourdieu (1989), entende que os elementos disponíveis em um bar, entre outras coisas, selecionam os fregueses justamente por remeter a um repertório de símbolos que, na pesquisa da autora, tem a ver com certa ideia de masculinidade heterossexual interseccionada por uma ideia de “popular” (mais especificamente “camadas populares”); atribuída pelo fato de a região da cidade de Porto Alegre, região boêmia onde se localizava o bar, ter sofrido com o processo de degradação e esvaziamento. Isto coincide com a atual imagem da região onde está localizado o “Feirão”, embora, no nosso caso, a região apenas comece a sofrer com o processo inverso<sup>14</sup> e seus efeitos.

Ressalte-se que, por aproximadamente 20 anos, entre 1984 e 2004, o bar ficou no mesmo endereço, já citado, no centro de Goiânia e que, a partir de então, ocorreram três mudanças de endereço, todas em um curto espaço de tempo entre 2004 e 2009. A primeira para a saída da GO-080, a segunda para o Setor Marista e a terceira para o atual endereço: uma chácara situada na Avenida Anhanguera, de número 12, que inspirou Joãozinho a criar o novo nome: “Chácara 12” e/ou “Chácara 12 Eventos”.

O empresário relata que a mudança de endereço e de nome do estabelecimento visava principalmente alcançar um público maior do que aquele que havia se fidelizado ao local, a

---

<sup>13</sup>Hammes e Braz (2013).

<sup>14</sup>A região de Campinas e, em especial, o entorno do DERGO, por sua proximidade do Centro da cidade de Goiânia e pela relativa abundância de opções de transportes, bem como pela concentração populacional, começa a passar por um processo de valorização/ ocupação. Num intuito mascarado de “revitalização”, seus lotes baratos vêm sendo adquiridos na esperança de mudar sua vocação para a substituição em comércio, especialmente *shopping centers*.

saber, um público “gay”, como ele chama sua clientela. A estratégia, contudo, não funcionou como planejado, devido, entre outros elementos, à fidelidade daquele público, que, segundo Joãozinho, o ‘acompanhou’ durante todos esses anos. Mas, como dito, Joãozinho, ao mudar de endereço, buscou ampliar seu público, o que se deveu, segundo ele, não por problemas com o público “gay”, mas em uma tentativa de conseguir mais clientes.

Ainda sobre o proprietário, quando começou a trabalhar com comércio, Joãozinho tinha uma lanchonete na Avenida Anhanguera, depois ele foi para Rua 4, onde montou o bar, e ali ficou, em sede própria, de 1984 a 2004. Sobre as memórias da cidade e do comércio, Joãozinho diz que no início “Goiânia era muito mais tranquila. A cidade, para você ter ideia, no Centro, no domingo principalmente, não conseguia ninguém, não passava ninguém no Centro” (João Mercês, entrevista, 18/02/2012).

Quanto à motivação e à opção por esta modalidade de comércio, Joãozinho disse que deixou de trabalhar com o pai e, “por circunstâncias financeiras”, tudo que ele tinha disponível para investir só lhe permitia montar um bar. Em outro trecho da entrevista, diz ser esta uma atividade que ele “abraçou”, mas que nunca imaginou antes que um dia administraria um bar.

Em 2004, buscando esse público ainda maior, Joãozinho tentou, porém não conseguiu abrir uma casa na saída para Nerópolis, na GO-080. Segundo ele, havia uma pista única e o governo do estado a duplicou. Com a duplicação, Joãozinho afirma que perderam o retorno localizado em frente à porta do bar. Tal retorno era, segundo ele, o que atraía boa parte do fluxo e das pessoas que passavam por ali. Depois desse problema, Joãozinho tentou se estabelecer no Setor Marista, tentativa que também não deu muito certo, dessa vez “por conta dos valores altos de aluguel”. Voltou então para o Eixo Anhanguera, endereço onde está desde 2008.

Apesar das mudanças de nome/razão social e localização, os clientes o “encontraram”, perpetuando assim as memórias e a referência ao Chope (de fabricação própria) e ao “Feirão”.

Aí pra você ver como esse público realmente gosta de mim, faço questão de citar isso aí. Abri a casa no mesmo esquema: sem cardápio, colocar no banner os valores e tudo que eu tenho no cardápio no banner, com preço e tudo.

[...] Na hora que eu ergui as portas, na hora, quase que elas vieram ao meu encontro, né? Duas meninas, duas namoradas, um casal de mulher, e veio me abraçando, eu não falei nada pra ninguém, não comuniquei nada e casualmente elas trabalham no Setor Marista e eu abrindo e elas me viram e vieram me cumprimentar. Me abraçou, muito alegres, disse que estava começando naquele dia, naquele momento, não divulguei nada. Essas

meninas sentaram à mesa, pediram dois *chopes*, lotou a casa dentro de uma hora.

Sobre as mudanças pela qual o comércio passou até o nome e o público que tem hoje, disse o proprietário:

Antes chamou “Carros de Bois”, porque na Rua 4 com a Rua 24, quando começou, Carros de Boi foi a primeira feira livre de Goiânia. Abaixo do Palácio do Pedro Ludovico e acima da Avenida Anhanguera, na Rua 24. O “Feirão” estava abaixo, na esquina da 4 com a 24, então era Carros de Boi, porque lá era uma feira livre e o transporte que se usava na época era carros de bois. (João Mercês, 18/02/2012)

E quanto ao público, Joãozinho diz que:

Foi amizade que naquele tempo a gente foi fazendo, acho até que o público numa condição menor, mas que gosta de festejar, né? O público gay, GLS, e a gente sempre atendeu, respeitou muito, né? E em nenhum momento... sempre atendeu bem e fomos fazendo uma grande comunidade, né? E recebe hoje 500, 600, até 1000 pessoas num domingo.

Ainda segundo Joãozinho, o bar não foi pensado para atender esse público, mas essas pessoas começaram a chegar, sempre foram bem atendidas, foram se reunindo e falando entre amigos – já que ficava próximo a todas as faculdades, ou seja, próximo à Praça Universitária. Então, ainda segundo Joãozinho, “o pessoal descia [da praça universitária] e ia para o bar”.

Percebo que o chope, consumido ou não, está presente no ritual, ou seja, na sociabilidade do bar, configurando uma identidade que passa a ser utilizada por velhos e novos clientes, tanto os que vivenciaram todo ou parte do processo ao longo desses 30 anos, quanto os novos frequentadores que se simpatizaram com o nome.

Os dados elencados a respeito do “Feirão” nos levam a entender que a persistência desse nome antigo acaba se tornando mais significativo no que diz respeito à simbologia que representa e, de alguma maneira, ratifica aquele elo afetivo entre as pessoas e o bar. Assim, numa apropriação de Tuan (1993, p. 151), “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”, permitindo entender assim que a nomeação dos lugares é capaz de proporcionar este significado.

Tal significado atua no estabelecimento de uma relação que personifica o Feirão, o que permite perceber que é Joãozinho que<sup>15</sup>, de alguma maneira, reforça, por meio de lembranças, as redes mais antigas de frequentadores. Nesse processo de nomenclatura, que resultou no nome “Feirão”, com base em uma referência já existente, a que foi acrescentado o “chope”, é possível deslocar-se no tempo e no espaço. Como interpreta Appadurai (2008), o Chope enquanto uma coisa “viaja” numa trajetória social particular e, retirado daquele circuito de prestígio/preço alto, consolida-se como atrativo do bar. Conforma-se, assim, um gosto e se nomeia o lugar.

A fim de ponderar e incorporar uma variável relevante para dar enfoque, dentre o plural universo que é constituinte da categoria jovem, optou-se por aqueles sujeitos moradores e/ ou frequentadores da periferia<sup>16</sup>, recortada e percebida em um dos seus territórios possíveis: o “Feirão do Chope”, que dadas a inúmeras superposições de territorialidades, será aqui entendido como representativo de uma ideia de ‘periferia’, a qual será desenvolvida no quarto capítulo.

Pretendo interseccionar, na análise da sociabilidade do e no Feirão, juventude, gênero, sexualidade e raça, levando em consideração fatores como a frequência no bar e/ou a residência na região. Foi necessário, portanto, focar a análise nos/as sujeitos/as frequentadores/as de um espaço de lazer e sociabilidade GLS, situado em uma região de periferia, ou melhor dizendo, ‘periferizada’, da cidade.

Deve-se mencionar que, neste momento da investigação, já está em curso a formulação da noção-chave ao entendimento do processo chamado de ‘periferização’ e, por conseguinte, a opção por apontar tais regiões como sendo ‘periferizadas’ e não ‘periferias’. Essa definição se reforça no conceito de “periferizado”, proposto por Pinho (2006), que contribuiu de modo significativo para a consolidação da interpretação aqui proposta, que salienta o processo social de produção e qualificação de lugares como “periferizados”. Concordando com Zaluá e Alvito (apud PINHO, 2006, p. 4), o autor observa que “entender a favela é entendê-la como integrada à cidade”. O autor destaca o caráter histórico e contextual por meio do qual as relações sociais, em especial a relação binária ‘dominação/subordinação’, ao longo do tempo, configuram as relações entre os centros e suas periferias como uma

---

<sup>15</sup>O **chope** acaba sendo dotado de uma espécie de trajetória social. A respeito da discussão em torno da biografia, da agência e da vida social das coisas, ver Appadurai (2008).

<sup>16</sup>O conceito de periferia, em sua perspectiva fixa e atemporal como designadora de espaços e lugares, será problematizado por nós a fim de salientar que, apesar de consolidado no imaginário social, trata-se de uma elaboração conceitual que se modifica contextual e historicamente.

relação complementar, ou, como aponta Pinho (2006), como relação de integração dos espaços e grupos mesmo que tal integração seja do tipo subordinada.

Ressalto que o artigo *A Integração Subordinada: Raça e Gênero, Corpo e Consumo na Periferia do Rio de Janeiro*, apresentado em 2006, no *Seminário Internacional Fazendo Gênero* pelo professor Osmundo Pinho, contribuiu significativamente para essa reflexão. Ao remeter ao bairro Jardim Catarina, periferia da cidade de São Gonçalo/RJ, ou seja, periferia de uma cidade preterida (periférica) da região metropolitana do Rio de Janeiro, o autor trata dos “modos concretos de produção de sujeitos sociais no contexto da periferia racializada” (PINHO, 2006, p. 1), e afirma, baseado no argumento que vincula essa produção da periferia à “modernização conservadora” (HASENBALG, 2003, p. 4), ou à “modernização seletiva brasileira”, que, por meio desse processo, constitui a “relação problemática e contraditória entre centro e periferia”, e em que “grupos sociais são periferalizados”.

Concordando e pactuando com essa percepção de que há uma relação contraditória e problemática entre centro e periferia, busquei desenvolver uma etnografia em um lugar como o “Feirão do Chope”, que é periférico em muitos sentidos (alguns dos quais introduzidos aqui, e outros que serão tratados no decorrer desta dissertação). Assim sendo, acredito que a presente etnografia, por ter se dado em tal local, reforça o diálogo da antropologia com “experiências marginais” (PELÚCIO, 2014).

## **2.2 Provoações imagéticas de um noturno de campo**

Por estar situado na região oeste da cidade, limiar com a região central e seu intenso comércio popular, nota-se, durante o horário comercial, um intenso movimento na região, o que muda bastante à noite, quando há diminuição no volume de pessoas circulando. Outra diferença diz respeito ao fato de, no período noturno, haver outro tipo de comércio, o da prostituição, que se instala na região e se utiliza dos espaços, ruas, marquises e construções, principalmente, mas não somente, e também daqueles espaços abandonados ou mal iluminados, compatíveis com os códigos dominados pelos/pelas profissionais e clientes, mas “perigosos” para outras pessoas.

Não por acaso, as dinâmicas de lazer e sociabilidade que ocorrem à noite me chamaram atenção, despertando interesse em entendê-las, o que exigiu uma frequência regular na região, a fim de realizar extenso trabalho de campo. Escolhi, dessa forma, com uma

intenção reflexiva, nomear tal exercício de “noturno de campo” ao invés do convencional “diário de campo”.<sup>17</sup>

Outro ponto em que se revelam especificidades deste trabalho de campo é aquele que tangencia a prescrição manifesta nos escritos de Malinowski – em seu esforço inicial que levou à gradativa institucionalização do caderno de campo como técnica de coleta/produção de dados etnográficos –, segundo a qual tal diário de campo deveria conter a compilação dos dados produzidos pelo pesquisador ao longo do dia, devendo ser sistematizado, ao findar de um dia (literalmente) de trabalho, com observações de tudo que pôde ser apreendido e é passível de análise preliminar referente ao “objeto” de estudo, um balanço geral.

Acerca da noite, enquanto recorte de campo etnográfico, o trabalho de Larissa Pelúcio (2005) se configura para mim como um interessante exemplo não só de pesquisa, mas também de notas metodológicas para entrar (e sair) do campo em pesquisas envolvendo tanto a “noite” quanto a prostituição. Nesse trabalho, a autora trata de algumas dinâmicas vividas por travestis “na pista” e conclui que “a ‘noite’, como uma temporalidade abstrata, na qual há espaço para a transgressão e sedução, é cheia de códigos e regras, e as travestis aprendem logo que, nas muitas surpresas da noite, não há impunidade” (PELÚCIO, 2005, p. 247).

Tão instigante quanto essa consideração é a outra parte da conclusão da mesma autora, ao sinalizar que:

[...] as dificuldades se acentuam ao conviver com a dinâmica supostamente racionalizada e segura do dia, período em que, muitas vezes, “o risinho no canto da boca do intelectual macho (ou do *gay* respeitável)”, encontra uma linha de comunicação com “a bala que fere o seio esquerdo” da travesti. (PELÚCIO, 2005, p. 248)

A autora argumenta que tal imersão lhe permitiu refletir e relativizar a apreensão do “período do dia” (PELÚCIO, 2005) como racionalizado e seguro, o que para estes sujeitos, e, principalmente, a última, a travesti, torna-se inverdade, visto que os códigos da noite não se aplicam ao dia.

O uso da expressão “noturno de campo” se deve também ao potencial que há no uso da expressão, a qual poder suscitar discussões relativas ao conjunto de representações, imaginário e saberes que se constroem e que associam à noite a certos pavores e medos sociais.

---

<sup>17</sup>O rigor e a maneira sistemática com os quais deve ser escrito/organizado o diário de campo foram alvo de escritos como: Malinowski (1976); Geertz (1989); Peirano (2008).

No que concerne às anotações das experiências, como a memória é falha, não devemos abdicar e nem propormos renunciar àquelas anotações iniciais escritas durante horas confusas, constituídas por palavras incompletas, mas que, ainda assim, funcionam como palavras-chave para provocar a lembrança de memórias e experiências não lineares que se relacionam com as palavras no campo. O “campo”, neste caso, é um ambiente de lazer e sociabilidade, frequentado principalmente por um público juvenil e em um ambiente caracterizado pelo volume alto da música, que impõe certas limitações para a interação com as/os sujeitas/os. As peculiaridades deste tipo de campo não são exclusividade desta pesquisa,<sup>18</sup> como podemos notar, por exemplo, no relato de Isadora França (2012, p. 42): “as situações de campo permitiam uma interação sempre mediada e entrecortada pela música que tocava no momento, pela dança, pelas pessoas que se aproximavam, pelas idas ao bar. Configuravam-se então situações pouco lineares”.

Essas peculiaridades das ‘noites de campo’ exigiram que me utilizasse de uma série de artifícios, entre eles de mensagens torpedo/SMS<sup>19</sup> e de notas curtas e rápidas no telefone celular. Como nos relata Neiva (2014), o uso do celular, inclusive nos locais de lazer mais variados, tem sido tão naturalizado que o pesquisador acaba não sendo ‘estranhado’ ou interpelado pela conhecida pergunta “o que você tanto anota no caderninho?”. No entanto, em meu trabalho, as notas rápidas não substituíram a companhia de um caderno, mas este só era acionado quando o número de caracteres do torpedo/SMS não era suficiente.

Quanto ao perfil dos frequentadores, no que diz respeito à faixa etária, sexo, renda e escolaridade, há certa ‘diversidade’, pois tive a oportunidade de conhecer pessoas de 16 a 59 anos, de desempregados a funcionários públicos com renda em torno de 2 mil reais ou mais; homens, mulheres e travestis cuja escolaridade variava desde o ensino fundamental até a pós-graduação. De qualquer modo, há um perfil mais regular que os demais que é o de homens e mulheres assalariados/as, de 18 a 29 anos, com renda em torno de um salário-mínimo e ensino médio. Ainda sobre os matizes do lugar, podemos dizer que uma parcela significativa dos/as frequentadores/as é de pretos/as e pardos/as. Em relação à orientação sexual, percebemos uma predominância de público homossexual.

Ao longo de um período de quase dez meses, auxiliado de conversas sobre os “segredos e truques” (BECKER, 2007) do trabalho de campo, consegui amparar-me em

<sup>18</sup> Ver Giórgia de Aquino Neiva (2014).

<sup>19</sup> Serviço de mensagens curtas (em inglês: *Short Message Service*, SMS) é um serviço disponível em telefones celulares digitais, o qual permite o envio de mensagens curtas (até 160 caracteres) entre estes equipamentos e entre outros dispositivos de mão (handhelds) e até entre telefones fixos (linha-fixa), conhecidas popularmente como mensagens de texto. (SERVIÇO DE MENSAGENS CURTAS, 2014)

algumas técnicas de coleta de dados, algumas pouco usuais, outras mais. Adiantando, de maneira sistematizada, algumas informações relativas ao campo, diluídas no desenvolvimento desta dissertação, vale ressaltar que meu noturno de campo teve início em 20 de julho de 2013, quando fomos, eu e meu companheiro à época, pela primeira vez juntos, à “Chácara 12”. Sucederam-se, desde então, ‘idas’ com frequência ao local, em um intervalo de no mínimo 15 dias entre uma e outra. A primeira parte do trabalho de campo se estendeu até o final de outubro do mesmo ano e culminou na escrita da versão final do projeto de pesquisa a ser submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFG) e ao PPGAS da UFG.

Nessa fase inicial, embora minha primeira ida tenha sido em um sábado à noite, não me limitei a este dia da semana; procurei ir aos dois dias de funcionamento, sábado e domingo, para perceber e entender se havia diferenças entre os dias e quais seriam estas.<sup>20</sup> Retomei o trabalho de campo em 16 de janeiro de 2014, já com a formalização e anuência do proprietário, “Joãozinho Mercês”, que já tinha uma familiaridade com os pesquisadores da UFG e os recebia bem. Já havia até mesmo concedido entrevista ao meu orientador, Camilo Braz, por ocasião de uma pesquisa sua, em que buscou mapear os locais denominados “GLS” ou “gays” na capital goiana. “Joãozinho” lida há mais de vinte anos com esse público, composto, a princípio, por universitários, que se fidelizaram ao bar, quando este ainda estava no centro de Goiânia.<sup>21</sup>

A partir desse retorno, que consistiu em um segundo momento do trabalho de campo, resolvi criar de fato uma interação mais sistemática e sistematizada com um grupo dentro do universo de frequentadores, ou melhor, com aquelas pessoas que permitissem essa interação. Consegui, então, perceber duas situações distintas: a primeira, relativa às minhas idas ao Feirão acompanhado de meu companheiro (e, nesse caso, nossas conversas se limitavam, a princípio, às pessoas conhecidas – mais dele do que minhas, haja vista que nossos/as interlocutores/as, neste momento, foram ex-alunos/as dele e colegas da faculdade, que permitiram trazer alguns elementos para esta pesquisa), e a segunda, às vezes em que eu frequentava o local sozinho.

A primeira vez em que fui sozinho ao “Feirão” foi marcante. Estar sozinho implicava alterações inclusive quanto ao acesso ao lugar. Pude vivenciar a experiência com o transporte público, os “riscos” envolvidos nos horários de menor fluxo de pessoas e a menor segurança nos terminais de passageiros. Tais dificuldade ensejam a pergunta: “por que as pessoas vão

---

<sup>20</sup>Retomarei essas diferenças no terceiro capítulo, ao tratar das dinâmicas “no Feirão”.

<sup>21</sup>Como já mencionado, a primeira sede do “Feirão”, segundo o próprio João, era no cruzamento da Rua 4 com a Rua 24, no setor Central de Goiânia.

para o Feirão?”. Essa pergunta se tornou recorrente e se relaciona diretamente com as hipóteses e análises acerca deste tema, as quais trago mais à frente, no último capítulo do desenvolvimento.

A noção de “risco”, que emerge das experiências sociais locais dos sujeitos sem deixar de representar a dimensão resultante da articulação entre a experiência social e a noção de que há uma “insegurança nacional” generalizada, será retomada no Capítulo 4, em que evidenciarei alguns dilemas e experiências que permitem tratar do tema na intersecção com o espaço público, sem perder de vista que o ambiente do Feirão não está livre das coerções e dos riscos, que são descritos com alguma acentuação pelos sujeitos, especialmente no que tange ao “lado de fora”.

Era dia 9 de fevereiro de 2014, um domingo, com toda sua especificidade, que começava pelo horário de funcionamento: das 17 às 24 horas. O primeiro dos meus interlocutores apareceu nesse dia. França (2012, p. 42) diria que “a escolha pelo trabalho de campo em lugares de lazer noturno e, permeados pelo flerte entre homens trouxe especificidades”, mas, ao contrário da “dificuldade na aproximação com os frequentadores” enfrentada pela autora, foi o frequentador descrito a seguir que veio até mim, tornou-se meu principal sujeito de pesquisa e me introduziu em sua rede.

Eu ainda estava do lado de fora, de volta ao balcão das bebidas, quando fui abordado por um rapaz, [...] Marcos, que, tocando meu braço, [...] dizia “lá dentro (na pista) está mais legal. Vamos para lá!”. Neste momento, lembrei-me da leitura, agora conveniente, que havia feito de Isadora França e algumas de suas notas metodológicas, naquele dia mais cedo. Naquele momento, estar sozinho naquele lugar representaria a abertura para um possível diálogo e contato com alguma rede de informantes (Noturno de campo, Goiânia, 9 de fevereiro de 2014).

Em seguida à situação acima descrita e após nos apresentarmos, Marcos me convidou para conhecer seu amigo Gildo,<sup>22</sup> e o namorado dele, Rafael. Passei o restante daquela noite conversando com eles. Gildo perguntou se a gente estava “ficando”, Marcos lhe disse que eu era casado, e Gildo, assim como muitos dos meus interlocutores fariam, perguntou: “mas cadê seu marido? Por que ele não está aqui com você?”. Foi a deixa para começarmos a conversa sobre minha pesquisa.

Dos meus interlocutores, esses são alguns dos principais e, talvez, os que tenham maior importância na dimensão e entendimento desta pesquisa. No sábado seguinte a este

---

<sup>22</sup>Amigo de Marcos, com aproximadamente 38 anos, e graduado em Ciências Biológicas.

domingo em que os conheci, não muito depois da minha chegada, Marcos chegou acompanhado de outro amigo, Bento.<sup>23</sup> Nós, naquele momento, conversamos e nos apresentamos. Bento também se tornaria um dos meus principais informantes, pois foi através dele que tive acesso a Jean, Gena e Ricardo. Jean foi o romance de Bento naquela noite, Gena era amiga de Jean e Ricardo foi seu romance naquela ocasião.<sup>24</sup>

Retomando o diálogo com Bento, acabei por descobrir que ele morava relativamente perto, nem tanto quanto Marcos, por isso acabei os encontrando fora do “Feirão” por acaso. O contato com Gildo e Marcos possibilitou não só iniciar a interação com uma rede de sujeitos, mas também me tornar conhecido por eles, e também por outros que já julgava interessantes para esta pesquisa, em razão de observações anteriores; entre eles/as, Fabiana, que se identifica como lésbica, e o casal de informantes Josué e Lucas, que não figuram entre os principais.

Em geral, o trabalho de campo compreendeu idas com frequência regular, respeitando o formato prescrito para uma etnografia, envolvendo assim anotações e observações em campo. Devo pontuar ainda que o mesmo processo aconteceu durante todos os sábados e domingos dos meses especificados no cronograma da pesquisa,<sup>25</sup> pautando-se principalmente em conversas informais, em vez das entrevistas semiestruturadas previstas, pois, a partir do estabelecimento da rede de informantes alcançada e das interlocuções realizadas, julgamos não ser primordial a intervenção com entrevistas por ser satisfatoriamente rico o material colhido.

Ao anunciar haver um formato clássico para a etnografia ou para o processo etnográfico, temos como base prescritiva o trabalho de Clifford Geertz (1989), para quem esse formato envolveria a interpretação da produção de conhecimentos que dependem necessariamente de dois momentos de campo: (*being there*) “estando lá” e (*being here*) “estando aqui”. “Estando lá”, em campo, pratica-se o “ouvir” e o “olhar”, então, treinados pela disciplina antropológica, tal como sugeriu Roberto Cardoso de Oliveira (1996), e, em se “estando aqui”, longe do campo, cabe exercitar a escrita reflexiva e compartilhada dos dados produzidos em campo, com ajuda de técnicas de produção de dados, como: entrevistas, diários/noturnos de campo, entre outras; articulando, dessa forma, teoria e técnica.

---

<sup>23</sup> 23 anos, atendente de açougue em um supermercado.

<sup>24</sup> Ver quadro esquemático com referências aos sujeitos no Apêndice A desta dissertação.

<sup>25</sup> Cronograma proposto por mim e avaliado tanto pela comissão interna do Programa para avaliar os projetos submetidos ao edital de fomento da FAPEG quanto pelo CEP/UFMG, obtendo parecer favorável em ambos.

Nessa direção, França (2012, p. 43), ao refletir sobre o número comparativamente menor de entrevistas que realizou num “Samba GLS”, em comparação aos outros lugares de pesquisa<sup>26</sup> em que esteve, afirma que “a afinidade no que concerne a hábitos de lazer”, bem como o fato de morar em uma região próxima ao “Samba GLS” são motivos pelos quais talvez “tenha feito menos entrevistas em profundidade com esses rapazes: a experiência do convívio cotidiano com eles supria boa parte da necessidade de entrevistas formais”.

Para chegar a esse ponto, vou partir do trajeto de meu deslocamento até o mesmo. Como Goiânia é uma cidade originalmente “planejada”, existem algumas maneiras de acessar essa região, e tive a oportunidade de fazer alguns desses trajetos. Aproprio-me então da designação do corredor expresso de ônibus articulado que atravessa a cidade em seu sentido Leste-Oeste conhecido como “Eixão”, ou Eixo Anhanguera, para apontar alguns dos **eixos** possíveis de se transitar para acessar o Setor Aeroviário. Além deste eixo, oriundo do movimento pendular em direção ao emprego, ou em direção aos camelódromos e às lojas de rua no centro, no período diurno ou “durante o dia”, há ainda outros distintos eixos, que são alterados por alguns fatores, entre eles: férias ou período letivo/trabalho e “dia de semana” ou fim de semana, este em direção a *shoppings*, clubes e parques.

O termo ‘planejado’ passou a figurar na administração pública do Brasil – empenhada em sua urbanização – para fazer referência ao modelo de gestão urbana aplicado a cidades que foram criadas após o que ficou conhecido como “Reforma”, colocada em prática pelo então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Pereira Passos, que, espelhando-se em grandes metrópoles europeias (naquele momento, em especial, Paris), reestruturou a cidade para atender uma nova realidade, fruto do adensamento populacional, com o objetivo de proporcionar melhorias no saneamento básico, transporte, saúde e etc. Segundo Lefebvre (1983), esse movimento pode ser entendido como um planejamento por meio de desenhos cartográficos, em que quadras e setores são pensados de maneira geométrica, visando a estabelecer percursos distintos ligando dois pontos da cidade da maneira mais eficiente e rápida possível.

O fato é que essas rotas ou eixos transcendem a geometria e estabelecem as rotinas e orientam a vida das pessoas. Mas, uma mesma pessoa pode ultrapassar barreiras, estabelecer-se e estar inserida em mais de um desses eixos. A partir das distintas circulações que fiz pela

---

<sup>26</sup>Além do “Samba GLS”, a pesquisadora analisou comparativamente, no referido trabalho, a boate *The Week* (SP) e a festa *Ursound*.

cidade, partindo geralmente do setor Jardim Novo Mundo (Região Leste da cidade), onde moro, percebo que o estabelecimento destas rotas ou eixos é notório.

O primeiro deles é o que eu poderia chamar de ‘contra fluxo’, pois é o acesso a partir da Região Sul da cidade, ou seja, a direção do deslocamento, oposta à região da cidade onde se concentra (à noite) a “badalação”, as boates de renome, os bares, os restaurantes e os *shoppings* que são preferidos por parte significativa da população. Estas áreas são valorizadas simbólica e monetariamente, o que faz das mesmas “fetiches”, onde boa parte dos cidadãos gostaria de morar/estar. É interessante notar não só o sentido dos carros, motos e pessoas, mas também certa ‘atmosfera’ e agitação que envolve o lugar. A aparência, a iluminação pública e mesmo a qualidade do asfalto mudam significativamente nesse trajeto.

Essa conjuntura é curiosa, talvez até inimaginável, pensar a experiência das pessoas que saem de uma região onde há uma padaria que funciona no sonhado modelo 24 horas e, inclusive, até está nos guias gastronômicos locais, situada no Setor Bueno, área ‘nobre’ da cidade, com destino à Região do DERGO. É difícil de imaginar como as pessoas que vivem no Setor Bueno encarariam esse itinerário, mas, para mim, é emblemático, deixar para trás a ‘moderna’<sup>27</sup> obra do Viaduto Latif Sebbá em direção àquela região aparentemente tão pouco atrativa do DERGO.

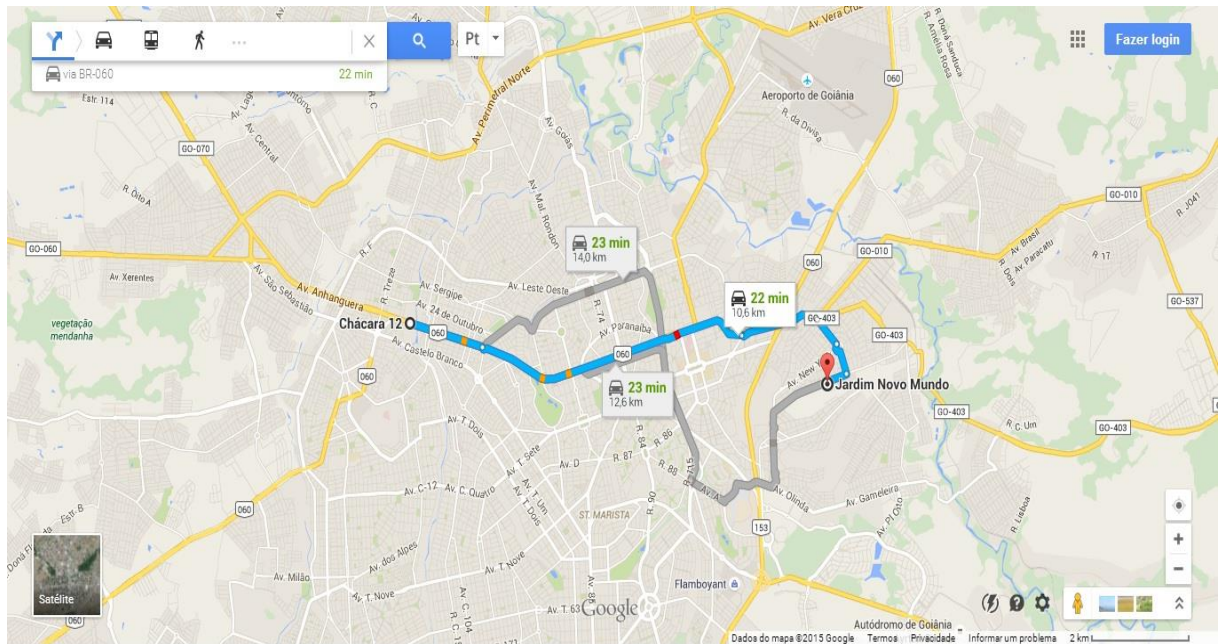
---

<sup>27</sup> O adjetivo moderno encerra aqui o sentido de uma obra arquitetônica caracterizada por uma série de tecnologias, seja de iluminação, seja de construção, ou, mesmo, pelo *design* da construção nos marcos de uma determinada arquitetura.



estação Cascavel, e, praticamente em frente a esta, avisto a fachada do “Feirão do Chope”. Imagino que a impressão que tive seja parecida à de achar um oásis no deserto, dado o pouco movimento que contrasta com a fachada laranja e os cartazes da casa, bem como seus holofotes.

**Figura 2** – Trajeto entre o Setor Jardim Novo Mundo e a Chácara 12.



Fonte: Google Maps (2015).

Em minha primeira visita ao local, um sábado, chegamos aproximadamente às 21:30, mas a casa só abriria às 22 horas, ainda assim já havia uma fila de pessoas esperando para entrar (em torno de doze pessoas), além de algumas que estavam no entorno (do outro lado da rua; ou do mesmo lado da rua, mas um pouco afastadas da portaria) paradas e alguns casais dentro de carros. Do lado de fora, era possível ouvir o ensaio, do que parecia ser de uma banda de forró (e era). Uma vez lá dentro, descobri que aquele *show* era a atração da noite e que aquela banda tocava ali alguns sábados à noite.

Enquanto estava lá fora, fiquei surpreso com o estilo musical que estava sendo ensaiado, o forró – haja vista a minha expectativa em torno de músicas *pop*, *dance music* ou, ainda, do nicho de músicas que se convencionou chamar “*drag music*”, também conhecido como “*bate-cabelo*” no Brasil –, estilo que agrada e é repertório obrigatório na grande maioria das baladas juvenis.

Apesar da descrição ser um tanto vaga, uma vez que me limito a dizer que o ritmo era forró, em razão de não ser um profundo conhecedor das especificidades de cada ritmo, ofereço a contribuição de Rebelo (2007, p. 2):

Independente de sua origem, a palavra forró passou a ser utilizada genericamente como uma expressão musical, englobando tanto o baile dançante quanto as músicas tocadas neste, quando o pernambucano Luiz Gonzaga chegou ao Rio de Janeiro e fez estrondoso sucesso com o baião, lançando este gênero como sinônimo de um conjunto de gêneros satélites do sertão, como o xaxado, o xote e o arrasta-pé.

Já o que vem se convencendo chamar de *drag music* é produto de um processo que apresenta alguma semelhança àquele que rotulou um grupo de ritmos musicais e de dança sob o rótulo “forró”. Segundo o que pude apreender, *drag music* também é um rótulo utilizado para designar um grupo de artistas, sonoridades e performances que inspiram sentimentos ligados à celebração da diversão, do amor sem rótulos e do livre arbítrio, os quais se expressam por meio da empolgação na dublagem e/ou ato de cantar, bem como na maneira de dançar, ou, ainda, na combinação dos dois, também articulados a outros elementos cênicos (ou não), produzindo distintas performances de “bate-cabelo”. Estas, por sua vez, associadas a perucas e cabelos compridos (ou não), dizem respeito à maneira como os sujeitos se movimentam ou dançam num estado de frisson ou euforia.

Quanto ao espaço e suas características, a primeira coisa a se dizer em relação ao bar é sobre sua amplitude: assim que passamos das roletas (ou catracas) da entrada, havia uma parede alta, cuja função era de proteção, parecendo servir para que pessoas de fora não vejam muito o interior. À direita e à frente da entrada, há um amplo pátio. A parte da direita é coberta por um conjunto de barracas, onde há várias mesas típicas de bares populares. Na parte esquerda, há o banheiro feminino, e, na central, o caixa e uma espécie de balcão onde se pode adquirir o famoso “chope” e alguns caldos, bastante conhecidos, da culinária goianiense.

Atrás do balcão, ainda no mesmo pátio, há um espaço descoberto que serve, em parte, para estacionar algumas motos de funcionários/as, e, na parte direita, há a pista de dança e um espaço de alvenaria com luz e ornamentação típica. Em um dos cantos da pista se situa a mesa de DJ e sua *pick-up* de música. Os efeitos de som e luz atraem a maioria dos homens jovens (*gays* ou não), enquanto as mulheres permanecem sentadas nas mesas do lado de fora da pista de dança.

Ainda tentando me familiarizar com o espaço da casa e buscando algum rosto conhecido no meio daquela multidão, tive a impressão de “estar sendo observado”, como nos

filmes. Era como se todo mundo estivesse me olhando (o que é “normal”, todo mundo olha todo mundo), mas, num primeiro momento, era desconcertante. Talvez estivessem olhando, talvez não, mas o fato é que, se as pessoas são frequentadoras da casa, eu era um novato.

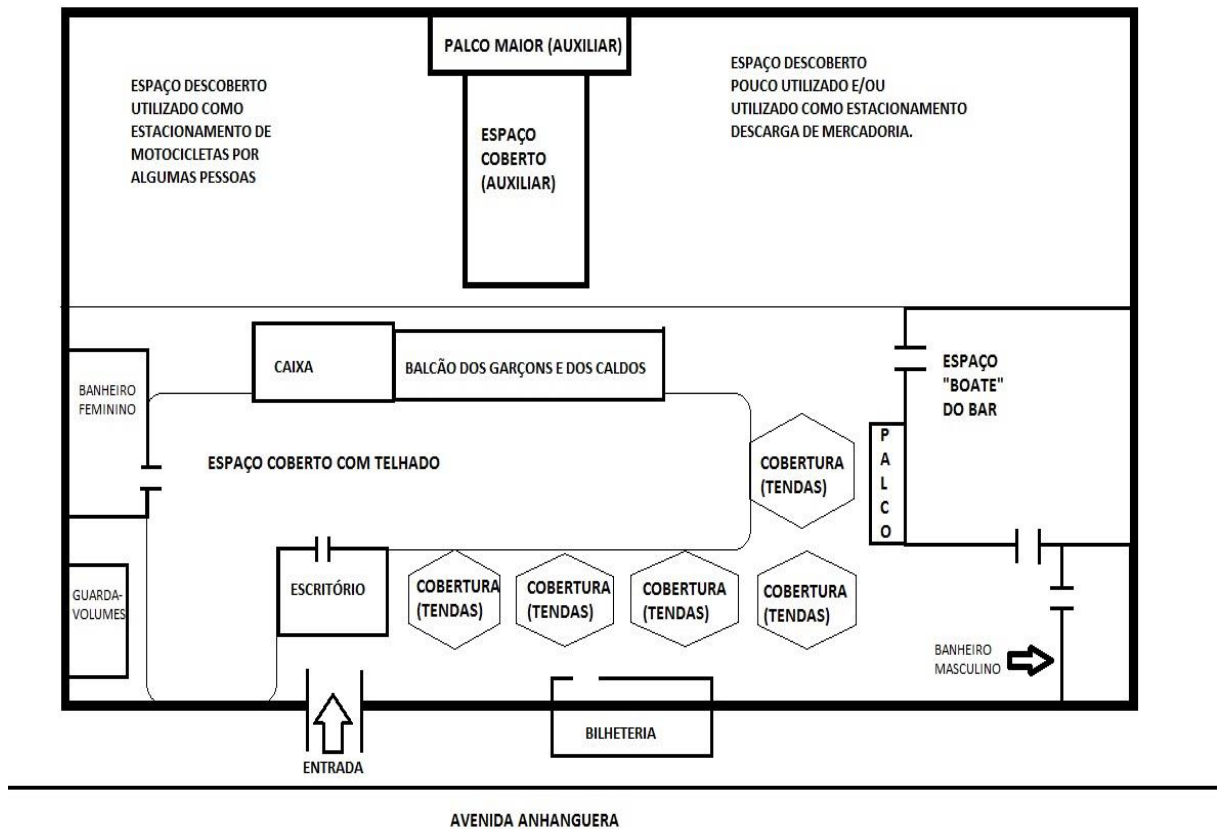
**Figura 3 – Visão frontal/lateral da fachada do “Feirão”.<sup>28</sup>**



Fonte: Google Maps (2015).

<sup>28</sup> Imagem obtida a partir do recurso *Google Street View*, disponível em aplicação e no *Google Maps*, serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da empresa Google LLC, on-line e gratuito; e capturada e tratada (referências dos locais) pelo autor.

**Figura 4** – Croqui do “Feirão”.



Fonte: O autor.

Passado esse momento, fui conhecer o espaço da pista de dança. Quanto às músicas, naquele momento tocara ritmos e *hits* do momento, como em qualquer boate. Quanto aos corpos, havia, entre estes, dois tipos que chamaram atenção. O primeiro estava mais ao centro da pista e parecia muito interessado em dançar, ou em repetir a coreografia das músicas com o máximo de precisão, procurando acompanhar toda a coreografia e a letra, até mesmo das músicas internacionais. Nem todos conseguiam, mas o “carão”<sup>29</sup> era o fundamental ali.

Proponho que a construção dessas cantoras como ‘rainhas’, ‘deusas’ e ‘divas’ seja confrontada, em seus aspectos simbólicos, com a realidade empírica a partir da qual a identidade desses homossexuais é socialmente construída. Isto é, a avaliação recai sobre práticas e valores socialmente construídos como uma ‘cultura gay’ e que condicionam a produção de uma estrutura que permita alocar essas cantoras em ‘modelos’ de ‘poder’, ‘divindade’ ou ‘glamour’. (NOLETO, 2012, p. 20).

<sup>29</sup> “O ‘carão’ assemelha-se a uma pose, mas é permeado por lúdica ironia.” (EUGENIO, 2006)

Parecia que todos queriam ser Beyoncé, Anitta e outras “divas” da música *pop* naquele momento. As roupas com fendas, calças coladas, coletes, óculos de grau e de sol com armações aviador ou retrô e tênis de cano alto pareciam seguir a tendência da moda. Nas bordas/paredes, notei o segundo tipo, mais masculino, de homens com roupas mais largas, arrumados ou não, sem muita elaboração, sem cremes, sem decotes. Este tipo apenas tomava seu “chope” ou outras bebidas e ensaiava alguns passos, enquanto era, de alguma maneira, até afrontado por aquelas performatividades, gritos e delírios daqueles que estavam no centro da pista.

Outra impressão que ficou é a de uma aparente divisão no espaço: na pista de dança, notava-se uma grande concentração de homens (*gays* ou não); já fora da pista e sob as barracas, havia um grande número de mulheres (lésbicas ou não). Do lado de dentro: dança; do lado de fora: conversa. Havia, ainda do lado de fora, sentados, alguns homens que se encaixam no perfil de “cafuçu”, sujeitos ‘comuns’, trabalhadores, em geral negros e/ou nordestinos, os quais dizem gostar de “comer viado” e/ou mulher.

Essa categoria, no entanto, apesar de evocada como êmica pelos frequentadores do local, encerra uma série de fetiches e/ou preconceitos a respeito de um padrão de masculinidade que implica, necessariamente, reconhecer em um indivíduo marcas de certa virilidade simbolizada pela pouca escolaridade, trabalhos tidos como ‘braçais’ (especialmente na figura de pedreiros) e que envolvem também sua ascendência ou origem “nortista” e/ou negra. Tais marcas, numa análise semiótica, diria Daniel Miller (2013), seriam consideradas como signos e símbolos que nos representam, e a indumentária seria o exemplo mais comum para ilustrar esta perspectiva, afinal, ou como diria o autor, “minha roupa mostra que sou *sexy*, ou esloveno ou inteligente” (p. 21).

Chegou a hora da música ao vivo e, por isso, o DJ parou a música da pista. Todos e todas foram para perto do palco, que estava do lado de fora. É comum as pessoas formarem seus pares ou casais para dançar o forró. O estilo musical ao vivo, que não é o sertanejo, fez-me pensar o porquê daquele estilo musical em específico, que pode se relacionar à presença de nortistas como frequentadores da casa, sendo notória a presença de maranhenses e paraenses, dado o fluxo migratório partindo de seus respectivos estados em direção a Goiás. Este dado talvez mereça uma análise mais detida, principalmente no que tange ao elemento regional na composição do público e da sociabilidade em si, o que será detidamente analisado em outra parte deste trabalho.

Havia também alguns homens que pareciam estar à procura de trabalho (profissionais do sexo), o que conluo a partir dos relatos de que há algumas pessoas com esse perfil dentro da casa. Quanto ao público, ao invés do esperado, que seria uma presença majoritária masculina, percebi que havia uma divisão, ou seja, o espaço é frequentado por muito mais mulheres do que outros locais. Em termos etários, a maioria era de jovens, entre eles havia, também, um grupo que denomino “mulheres mais masculinizadas”, que não sei se se identificam como lésbicas ou como homens trans,<sup>30</sup> mas que tinham uma aparência muito jovem e masculina.

### **2.3 Justificando as escolhas (ou de como o campo afetou a investigação)**

Quando comecei a esboçar o meu projeto de investigação, base para esta dissertação de mestrado, minha intenção era dar continuidade às reflexões acumuladas a partir da observação participante de uma determinada sociabilidade juvenil. Então, para começar a modelar o projeto e escolher o lócus onde se daria essa etnografia, pautei-me em dois critérios.

O primeiro seria uma tentativa de tratar das sociabilidades juvenis fora do ‘Eixo Rio/São Paulo’, a fim de construir uma compreensão antropológica dos processos de constituição de categorias e convenções que informam a produção de identidades e subjetividades sexuais na capital goiana, deslocando, assim, a produção de conhecimento das grandes metrópoles citadas e entendidas como locais de produção de conhecimento no país.

Aqui, a sociabilidade é pensada a partir da formulação de Georg Simmel (1983), que a descreve como sendo conteúdo resultante dos contatos individuais em sociedade quando esse contato se liberta dos interesses materiais proporcionadores destes laços, ou seja, sociabilidade é toda forma e expressão que o contato com o outro adquire na sua especificidade ao se libertar dos veículos sociais de impulso, do propósito ou dos interesses materiais individuais intrínsecos a um primeiro contato na vida em “sociedade”, por isso é impossível falar de sociabilidade sem falar em “sociedade”.

Outro fator que particularmente me interessava em relação ao “Feirão” era a diversidade de estilos musicais, de tipos de pessoas e o fato de atender uma clientela diversa e

---

<sup>30</sup>O prefixo ou afixo “trans” começou a ser empregado na intenção de designar aqueles e aquelas que eram diagnosticados com um desajuste entre o fenótipo sexual e o sexo com o qual se identificavam. Mais recentemente, vem sendo apropriado como identidade política, ao passo que vem sendo assumido enquanto autoidentificação por pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi socialmente atribuído ao nascerem. Para uma análise das identidades trans\* e da transexualidade, ver Bento (2006; 2008).

GLS.<sup>31</sup> O segundo critério envolve algo vinculado à minha trajetória socioespacial (SARMENTO, 2009), uma vez que tal perfil de espaço está/estava localizado apartado do ‘centro’ elitizado, como nos mostra Alemar Moreira de Sousa, ao pensar a distribuição que ocorria nesta cidade, em sua dissertação de mestrado, *O espaço que ousa dizer seu nome: Territórios GLBTS de Goiânia*.

A organização e estruturação de Goiânia em 7 décadas de vida possibilitaram ser classificada atualmente como metrópole regional. Percebemos então nesta metrópole, a configuração dos espaços de encontros GLBTS em diferentes partes: a área central da cidade com uma maior quantidade e diversidade de espaços públicos e privados constituídos aos homossexuais; *o Setor Campinas com menor quantidade e diversidade em relação à área central; a Zona Oeste/Sul com os bares e boates de classe média* e a norte com o único espaço de encontro, a Domingueira Millenium. (SOUSA, 2005, p. 69, grifo meu)

O autor, utilizando-se de uma abordagem da Geografia Cultural, afirma que,

[...] apesar de apresentar uma menor quantidade de espaços de encontro voltados aos GLBTS, percebemos, em Campinas, a configuração de territórios: da prostituição de travestis nos arredores da praça terminal ‘A’ na Avenida 24 de outubro, da sauna do Tarzan. (SOUSA, 2005, p. 71)

Destaco e acrescento a estas informações a instalação, em 2008, da Chácara 12 Eventos próxima à Estação Cascavel, antes do Terminal DERGO, configurando-se, desde então, como um dos poucos ou único atrativo para o lazer noturno dos públicos GLS ou não daquela região.

Ante o questionável argumento de que “várias partes dessa área são constituídas por vazios urbanos, mal utilizados, pois abrigam pontos de prostituição e consumo de drogas” (MIRANDA, 2011, p. 29), essa região passou a ser cobiçada sob a ótica e a justificativa de certo padrão de desenvolvimento<sup>32</sup> evidenciado em Escobar (2007), o qual acredita que as práticas e os discursos de desenvolvimento (*el desarrollo*), desde o seu início,<sup>33</sup> constituem a forma sob a qual se constitui a ideia de “Terceiro Mundo”.

<sup>31</sup> GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) é uma sigla que foi cunhada para descrever locais Gay-friendly, e aqui eu dou especial atenção ao público identificado pelo “S”.

<sup>32</sup> Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia (2007).

<sup>33</sup> Escobar (2007) evidencia em seu texto que o discurso desenvolvimentista explícito na chamada “Doutrina Truman” é um produto/discurso anterior ao Presidente norte-americano e fruto do pós-Segunda Guerra Mundial.

A historicidade tratada e visibilizada por Arturo Escobar (2007) possibilita uma análise antropológica, ao tratar da história da formulação do discurso desenvolvimentista que formula o par oposto “desenvolvido/ subdesenvolvido”, e, nos termos desta dissertação, margem/centro, ou periferia/centro. Nota-se, também, em escala local, que o sistema capitalista (re)significa e se apropria desse discurso, criando distinções que valorizam especulativamente a margem que se torna centro, como vem se percebendo nas proximidades do terminal de transporte público do DERGO e nos discursos que denunciam a expulsão de prostitutas e michês, devido a um movimento higienista no local.

Ressalto também que as noções de trânsito e de trajetória serão importantes ferramentas de análise no próximo tópico desta dissertação. A noção de trajetória tem me acompanhado nas epistemologias<sup>34</sup> pelas quais transito. Sob influência da Escola de Chicago e de Gilberto Velho, apostei nessa concepção e no que Velho (1994, p. 28) chamou de “campo de possibilidades”, entendido como “aquilo que é dado, das alternativas que são construídas dentro do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura”.

Revela-se, assim, uma das distinções simbólicas criada/criadora pelo/do público, do trânsito entre os espaços de sociabilidade, seguindo as convenções de classe social.

Assim, os gostos selecionam os fregueses não só por que colocam à disposição destes os produtos por eles procurados, mas por propiciarem *uma familiaridade com o espaço*, é ali que se encontram homens para conversar. Em alguns casos, o bar se torna uma espécie de sala de visitas, com sofás nos cantos das paredes. Ocorre uma *apropriação do espaço público dos bares* no sentido de revertê-lo em um espaço familiar (no duplo sentido). Ou melhor, um espaço onde as relações são pessoalizadas, no qual foram criadas cumplicidades e distanciamentos a serem respeitadas. (JARDIM, 1991, p. 21, grifo meu).

Embora este estudo não tenha caráter comparativo entre diferentes espaços, torna-se interessante outra análise realizada por Isadora França (2012). Ela estabelece quais seriam as “cercas e as pontes” (DOUGLAS, 1976) – ou seja, quais seriam as aproximações, isto é, aquilo que ligava as três casas noturnas paulistanas que ela investigou – que permitiriam o trânsito entre estas por uma parcela dos frequentadores, e, por outro lado, os aspectos simbólicos que distinguiriam as casas noturnas, e com os quais a maioria de seus

---

<sup>34</sup>Segundo Santos e Meneses (2010, p. 9), “Epistemologia é toda a noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido”.

frequentadores construía, em contexto de consumo, identidades distintas e opostas com base em “distinções simbólicas” (BOURDIEU, 1989).

Essas construções se relacionam a estereótipos e preferências sexuais, as quais seriam acionadas pelos frequentadores, em alternância e de forma racional, ao transitar entre as três casas noturnas. Ela investigou, desse modo, se havia trânsito dos sujeitos entre os espaços. Das casas analisadas por França (2012, p. 69), uma fornece elementos para perceber similitudes, possibilitando traçar paralelos e ajudar no início do labor de me aproximar metodologicamente da sociabilidade que encontraria em campo. Apresento aqui a descrição da autora de tal espaço e suas motivações para chegar até lá:

O motivo que me levou ao samba GLS foi justamente o inusitado da proposta de um espaço dedicado exclusivamente ao samba frente à predominância das variações de *dance music* ou da música eletrônica em outros lugares em que dançar também desempenhava papel importante. A intrincada teia de relações entre diferentes marcadores sociais naquele espaço, bem como a presença de uma estética *black*, me fizeram continuar indo a campo. Certamente, o samba GLS, apesar de sustentar no nome o termo GLS bastante sedimentado no âmbito do mercado, também desafia alguns “consensos” associados aos lugares voltados para esse público. O primeiro diferencial está relacionado à música: se na maioria dos lugares em que dançar desempenha um papel importante – como é o caso dos lugares em questão neste trabalho – a música eletrônica e suas muitas variantes predomina, no samba GLS predominam o samba, samba-rock e *black music*. Intimamente ligado a esse primeiro traço, está o fato de o *Boteco do Caê* ser um espaço que não apenas é frequentado por homens negros, mas que é reconhecido como tal e que é especialmente voltado para esse público. Durante a pesquisa, não conheci outros lugares que remotamente lembrassem essa proposta. Apesar de todos os lugares aqui tratados apresentarem suas singularidades, em termos de direcionamento de público, a *Ursound* e a *The Week* lidavam com a concorrência de iniciativas que disputavam o mesmo público – mesmo que não conseguissem efetivamente ofuscar seu sucesso. No caso do *Boteco do Caê*, posso dizer que havia outros lugares com frequência predominante de homens negros, mas nenhum que fosse explicitamente identificado ou direcionado a esse público. Talvez mesmo por sua singularidade, quando pensamos nos referenciais acionados pelos frequentadores para dar sentido ao Boteco, percebemos que este se encontra na intersecção entre lugares GLS e os lugares hetero, o que também é evidenciado por uma circulação bastante intensa do seu público por lugares identificados com uma ideia de negritude ou cuja música se assemelhe ao do Boteco. (FRANÇA, 2012, p. 89)

A autora, assim como Bourdieu (1989) e Haesbaert (2007), ajuda a pensar o espaço como um elemento marcador social da diferença, pensamento semelhante ao que propus, um pensar analítico e *visibilizador* de certo silêncio, que é o pertencimento étnico-racial,

condicionante da perspectiva interseccional de análise (PINHO, 2008; 2010; RATTTS, 2007; CRENSHAW, 2002; REDUZINO, 2012; NASCIMENTO, 1981).

No que se refere a algum teor comparativo possível, mas que não foi sistematicamente perseguido ou sequer pensado para ser aplicado a esta pesquisa, cabe aqui reproduzir algumas impressões a respeito da “Chácara 12” que recebi de algumas pessoas, conhecidos e amigos, nos lugares onde me apresentei como estudante de mestrado e fui interpelado sobre o tema da investigação. Quando eu dizia: “eu investigo os frequentadores da “Chácara 12”, o que eles acham do local”, tinha então que assistir a duas ‘caras’ (expressões faciais) de estranhamento que as pessoas faziam: a primeira eu passei a entender e a solucionar ao corrigir a minha fala dizendo o ‘apelido’ do local, “Feirão do Chope”.

Portanto, a primeira ‘cara’ de estranhamento tinha relação com o nome que eu utilizava, diferente daquele pelo qual o local é conhecido. A segunda ‘cara’ de estranhamento continha, contudo, a mistura de algumas perguntas, como por exemplo, “o que uma pessoa como você fazia lá?”, ou “o que tem para pesquisar lá?”. Fui comprovando, enfim, que havia uma resistência de outros jovens gays, que não como a maioria dos frequentadores, em relação ao local.

Afirmo que ‘a maioria dos frequentadores’ (e não ‘todos’) não tinha(m) tal resistência, por já ter escutado de alguns de meus sujeitos de pesquisa falas como “eu nem sei por que venho aqui. Venho porque é perto da minha casa, porque gostar mesmo eu não gosto muito. Venho porque posso dirigir depois de beber já que é perto” (Gildo, 38 anos, biólogo). Conversas como esta, mesmo que revelem uma aparente contradição, já que pessoas como este interlocutor são assíduas frequentadoras, fazem-me pensar em algumas hipóteses para interpretar os motivos da ida das pessoas que se tornam frequentadores/as do bar, entre estas, a de que lhes falta outras opções de lazer e sociabilidade, GLS ou não, na região onde está inserido o “Feirão”. Hipótese que se reforça quando do encontro e da conversa, intermediados por Gena, com Ricardo,<sup>35</sup> que disse: “é a primeira vez que eu venho aqui. Vim porque os amigos disseram que ia ter um forró bom aqui. Não sou *gay*, mas também não tenho nada contra eles”. Talvez o reforço de alguns aspectos, principalmente da sexualidade, tenha sido eleito por Ricardo na tentativa de convencer Gena das investidas que fazia para beijá-la, condizendo com a performatividade dele naquela noite, ou melhor, naquelas noites, haja vista sua presença em ocasiões posteriores a esta.

---

<sup>35</sup>Ricardo é originário do Pará e mora próximo ao terminal do DERGO, cerca de quatro quadras atrás dos terminais DERGO e Subestação Rodoviária de Campinas. Tem 26 anos, é DJ e *barman*, mora com a mãe e se identifica como heterossexual.

Ainda em campo, em outra ocasião, pude ouvir de maneira informal, quando estava na fila do caixa para comprar as fichas de consumo, uma mulher dizer à amiga que a acompanhava:

[...] eu nem ia sair de casa hoje, vim para cá porque a [fulana] disse que era de graça para entrar e porque aceita cartão aqui no caixa, porque é fim de mês e eu estou sem dinheiro. Vim por causa dela [apontando para uma terceira mulher que não estava entre estas duas], né? O que ela não pede que eu não faço?. (Ana)

As fichas são o modo como convencionalmente os clientes de bares, casas e, mesmo, lanchonetes adquirem uma quantidade de produtos para consumo imediato ou não. Funciona como moeda de troca interna. As fichas do “Feirão” são atualmente em cartolina, com dimensão 2cm por 2cm, com uma figura estampada do produto e seu nome, ex.: “refri”, “chope”, “caldo”, etc.; além disso, contém a logomarca da “Chácara 12”, e você pode comprar para usar na data que quiser, pois não têm validade.

Essas e outras percepções pelas quais me deixei afetar (FAVRET-SAADA, 2005) me ajudaram a entender que eu deveria me atentar também a outras questões, como: Porque as pessoas vão ao “Feirão”? Em que medida as relações ali estabelecidas favorecem a frequência dos consumidores? Seria este o “lugar” em que estas pessoas se sentem bem? É o que pretendo perseguir no próximo capítulo, que trata das experiências no “Feirão”.

No que diz respeito aos conceitos de “consumidores” e “cidadãos”, acompanho o que propõe Canclini (2010) ao analisar a expansão da noção política de “cidadania”, abarcando aí direitos de habitação, saúde, educação e apropriação de outros bens em processos de consumo. A perspectiva do autor se aproxima também, em certa medida, daquela postulada por Appadurai (2008), na qual o consumo está para além da ideia simplista que implica em gastos fúteis e se revela uma prática na qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades.

Quanto aos meus conhecidos/amigos que não frequentavam, mas que conheciam ou já tinham ido ao “Feirão”, julgo interessante trazer algumas de suas falas, pois foram importantes para direcionar meu olhar no espaço. Ouvi essas frases quando estas pessoas, espontaneamente, iniciavam uma conversa sobre o bar, referindo-se ao espaço como “um lugar barato e não dá muita gente bonita”, ou “bem diferente, bem povão” e “lá é bom, tem ‘muita sapatão’, bicha e travesti”. Mesmo dizendo que o lugar é “bom”, ainda sim é “bom” porque estas pessoas podem se “divertir vendo as pessoas que vão lá [no Feirão]” (grifo meu).

Infelizmente, não avançarei muito na interpretação desses discursos, pois, para o caso esta investigação, sua contribuição é permitir apreender algumas considerações estereotipadas do “Feirão”, como, por exemplo, “barato” e “feio”, e, também, o incômodo com a diversidade do público frequentador.

No que se refere ao campo, nota-se que, por se tratar de um local de sociabilidade e lazer, as/os consumidoras/es vão até o lugar com as mais diversas intenções relativas ao que fazer/consumir e também ao que estão dispostas/os a fazer/consumir. A criatividade quanto à apropriação e ao consumo passa pelo flerte, dança, bebida, conversa e prática de sexo, incluindo outra gama de intenções, o que coloca o pesquisador em algumas “saías justas” (BONETTI; FLEISCHER, 2007). Uma delas é a situação de flerte, quando se é alvo do desejo dos próprios sujeitos, o que será tratado posteriormente neste capítulo. Outra situação difícil, que justifica o desenho amostral, é a que estou chamando de “dificuldade de acessar alguns grupos e sujeitos”, a qual pode ser condicionada por algumas situações e elementos.

A primeira das situações que percebi foi a falta de interesse de algumas garotas/mulheres lésbicas e/ou mulheres masculinizadas<sup>36</sup> em conversar comigo, haja vista que, quando estavam desacompanhadas, sua principal intenção era arranjar uma companheira/companhia. Um caso interessante decorre das conversas com Helga durante minha primeira ida ao local. Helga se aproximou da mesa em que eu e um amigo estávamos, a fim de o cumprimentar, pois ele fora seu professor no Ensino Médio. Daí em diante, ela, vez ou outra, parava, só ou acompanhada, para conversar, mas nunca ficava sentada mais do que dez minutos. Período que, depois de mais algumas inserções em campo e depois de algumas tentativas sem sucesso de estabelecer contato mais longo, seria necessário prolongar, tendo em vista o aprofundamento das questões que eu desejava desenvolver. Acabei, por fim, optando por focar a produção de dados nas conversas e nas inserções em redes que se demonstravam mais receptivas a minha presença.<sup>37</sup>

Outro exemplo de situação que dificultaria meu acesso foi a impressão, compartilhada por outros, que Gena revelou ter de mim, após desfrutarmos da companhia um do outro em duas danças. O diálogo começou por ela dizendo: “você tem cara de rico”; então eu disse: “rico, por quê?”; ela treplicou: “porque eu trabalho de diarista e você lembra o jeito do filho da minha patroa”. Pude então me atentar a essa informação e perceber que, assim como

<sup>36</sup>Utilizo a categoria “mulheres masculinizadas” na falta de definição melhor para provocar no leitor uma relação imagética com estes sujeitos.

<sup>37</sup>Em virtude do tempo regulamentado pela CAPES para a conclusão do curso e do cronograma da pesquisa, o campo teve de se adequar a essas variáveis. Estas acabaram se refletindo no produto, a dissertação, a qual acaba tratando pouco das expressões lésbicas e travestis e das mulheres em geral.

corpos alheios me dizem coisas, o meu corpo (e toda a composição/construção social que eu “vestia”) também dizia alguma coisa para essas pessoas. Dessa forma, o meu corpo e as performatividades que eu conseguia exercer, conscientemente ou não, estavam repletos de significados, e, com estes, eu construía “pontes ou cercas” (NEIVA, 2014) possíveis com as redes de sujeitos.

#### **2.4 Entre “saias justas”<sup>38</sup> e “ser gay também”:<sup>39</sup> notas metodológicas de quando não se está solteiro em campo...**

Como anunciado antes, penso que tratar, a partir do ponto de vista teórico-metodológico, a questão do acesso à rede (NEIVA, 2014) de sujeitos pode ser importante para compartilhar com outras/os pesquisadoras/es técnicas e maneiras pelas quais foi possível lidar com e tratar de algumas dificuldades inerentes ao estabelecimento de uma rede de informantes em campo. Tais técnicas me possibilitaram desenvolver investigações e tratar com “jogo de cintura” as possibilidades de interlocução que aparecem e, também, as saias justas inerentes a um ambiente de flerte e lazer noturno. Lembro, a esse respeito, como foi fundamental a leitura das “Notas metodológicas: jogo de corpo”, em um dos capítulos da compilação, em livro baseado na tese de doutoramento de Isadora Lins França.<sup>40</sup>

Nas notas, a autora compartilhava os percalços que envolviam a escolha de “lugares de lazer noturno e permeados pelo flerte entre homens” (FRANÇA, 2012, p. 42) para realizar o trabalho de campo e como a escolha “trouxe especificidades”, entre estas, a “dificuldade na aproximação aos frequentadores: embora houvesse uma regularidade nas idas a campo, as situações de campo permitiam uma interação sempre mediada e entrecortada pela música, pela dança”. Um dos artifícios utilizados pela autora foi “ser vista como potencial aliada na busca por parceiros”, o que “também atuou como um facilitador”.

Os sujeitos a enxergarem como uma “aliada” evidencia a situação de, em um ambiente de flerte entre homens, a pesquisadora “não ser atraente para a maioria dos homens dos lugares que frequentei”, o que, entretanto, não a “eximia de situações tão raras quanto incômodas, especialmente quando pressupunha esse desinteresse de imediato” (FRANÇA, 2012, p. 43). Este exemplo evidencia situações ambíguas em que são colocadas/os as/os

<sup>38</sup> A expressão “saias justas”, aqui empregada, faz alusão ao livro “Entre saias justas e jogos de cintura”, de Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (2007).

<sup>39</sup> A expressão “ser gay também” faz alusão a frase “Mas... você é gay também?”, utilizada por Braz (2012) como subtítulo no capítulo ““Vestido de Antropólogo”: uma etnografia “imprópria””.

<sup>40</sup> França (2012).

pesquisadoras/es, na medida em que são tidas/os como objeto de desejo (BRAZ, 2007c, 2012; FRANÇA, 2012).

Dito isto, trago uma passagem de um dos meus Noturnos de campo.

Já estava no horário de terminar a apresentação da banda então foi anunciado o DJ Kleber, DJ residente/fixo, na pista de dança. A partir desse momento torna-se mais fácil conseguir uma mesa, pois boa parte dos homens e suas amigas vão dançar na pista, algumas meninas também, restando um grupo majoritário de algumas mulheres sentadas nas mesas e bebendo *chope*. Eu ainda estava do lado de fora, de volta ao balcão das bebidas, quando fui abordado por um rapaz, que alguns minutos depois eu ia saber que se chama Marcos, que tocando meu braço me disse “lá dentro [na pista] está mais legal. Vamos para lá!”, neste momento me lembrei da (agora conveniente) leitura que havia feito de Isadora França e algumas de suas notas metodológicas naquele dia mais cedo.

Naquele momento, estar sozinho, representaria a abertura para um possível diálogo e contato com alguma rede. Essa conclusão foi tão imediata assim, medir os *riscos* implícitos exigiu de mim que relutasse um pouco e titubeasse em continuar o diálogo, então eu adieei, rodeei a pista e adentrei, ao invés da porta principal de frente ao palco, eu acessei pela saída de emergência que fica de frente para a porta do banheiro masculino. Não tinha muito onde me esconder de Marcos, pois já não estava tão cheio o lugar. Alguns minutos se passaram e pude mais uma vez notar a conformação espacial: dançarinos ‘afeminados’ no centro e não-dançarinos nas bordas bebendo e também observando as outras pessoas. Acabei percebendo que estávamos, eu e Marcos, no campo de visão. Quando reparei ele estava sendo abordado por outro cara meio bêbado a quem ele evitava e tentava se desvencilhar, eu então me aproximei e estendi a mão, ele me viu sorriu e apontando para mim chamava a atenção do rapaz. O mesmo me olhou, achando que eu era o namorado do menino e saiu trançando as pernas sob o efeito do álcool.

Então eu disse: “te salvei, hein?” e Marcos então disse, “ai você não sabe, esse cara é um chato. Quando ele bebe ele faz essas graças, eu conheço ele, mora relativamente perto de mim”. Então eu disse, “vamos lá fora que eu preciso te falar uma coisa”. Obviamente primeiramente nós nos apresentamos, ele disse o seu nome e eu o meu. Perguntei a idade e ele respondeu, “tenho 19 anos”. Então eu perguntei quanto ele achava que eu tinha, e ele disse: “25?”. Eu então confirmei, e continuei, “olha, apesar de você ser bonito e tudo, eu sou casado”, ele replicou, “e o que você está fazendo aqui sozinho? Cadê? Você é *gay*?”. Eu então trepliquei, “sou *gay* sim. Meu marido não estava muito a fim de vir hoje. Então eu vim sozinho, pois eu estou fazendo uma investigação aqui para a faculdade, com a autorização do Joãozinho”.

Marcos então disse, “Aqui?” E eu disse, “Sim aqui. [e expliquei um pouco do que é o interesse da pesquisa]”. Ele então continuou, “Você não costuma vir aqui, né? Nunca te vi”. E eu repliquei, “eu já estou vindo aqui com alguma frequência desde meados do ano passado e também nunca te vi. Você vem sempre aqui?”. Ele então disse, “eu tenho ido a outros lugares também. Eu venho aqui já vai fazer mais de cinco meses. Desde que me mudei de Rio Verde (GO) passei a conhecer”. (Noturno de campo, Goiânia, 08 de fevereiro de 2014).

Esse trecho se torna interessante, pois, a partir desta interlocução, Marcos me apresentou a alguns de seus amigos, e, então, comecei a me inserir em algumas redes. A leitura de França (2012) me ajudou a compreender melhor o campo de possibilidades (VELHO, 1994), o qual devo expor aqui, para explicitar os contornos e análises que foram possíveis de serem realizadas por mim dentro do cronograma da investigação.

“O que você está fazendo aqui sozinho? Cadê seu marido?”, essas perguntas realizadas por Marcos me perseguiram em outras apresentações naquele espaço, geralmente refeitas da seguinte maneira: “casado? Cadê seu marido?”. Guardadas as diferenças de contexto, remeto-me a Braz (2012), ao reproduzir uma das perguntas que o perseguiram durante a realização do seu trabalho de campo: “Mas agora confessa: como você se comporta lá dentro?”, fazendo referência à postura ética do pesquisador no ambiente dos “clubes de sexo masculinos”.<sup>41</sup> Para mim, foi útil toda essa atmosfera de curiosidade, pois, de alguma maneira, eu conseguia me desvencilhar daquele peso e corolário referentes a meu papel de pesquisador.

Em seguida ao que foi narrado na citação, Marcos indagou: “então eu vou ser seu objeto de pesquisa?”, e prontamente respondi: “se você quiser me conceder autorização e não se sentir invadido poderá sim, mas é você quem sabe”. Ele então treplicou: “de boa, estava só brincando, pode sim!”. Acredito que o ambiente, o som e tudo mais colaboraram para que eu, estando só ou acompanhado, pudesse me inserir nas redes e estabelecesse contatos.

Também é interessante reconhecer e dialogar, mesmo que por intermédio da leitura, com esses pesquisadores, pois é empolgante sentir/mensurar como as pessoas passam a te tratar, por vezes esquecendo, tanto elas como, às vezes, o pesquisador também, a investigação que está fazendo. Devo revelar, por isso, que a atenção que conferi a algumas especificidades desta investigação trouxe contribuições para o trabalho, dentre estas, a preocupação em problematizar a chegada e a partida das pessoas.

Hoje, considero, pensando em minha abordagem, que, nas oportunidades em que estive só em campo, a minha postura, as minhas escolhas e a minha performatividade de gênero foram valorizadas, resultando em facilidades na interação com os sujeitos num mercado de procura de parceiros sexuais – ou em um contexto erotizado, como reforça Braz

---

<sup>41</sup>Em sua pesquisa de doutoramento, Camilo Braz realizou uma etnografia na cidade São Paulo em ambientes com influência dos *leather sex clubs* norte-americanos e que surgiram no Brasil nos anos de 1990 buscando diferenciarem-se das “tradicionalis” saunas, cinemas pornôs e *dark-rooms* de bares e boates.

(2012) –, e, até, quem sabe, fetichizada<sup>42</sup> por meus sujeitos de pesquisa, pelo fato de poderem/quererem estar comigo.

Considerando os mecanismos de reforço e reiteração da norma nas margens de uma dada sociedade, é interessante pensar sobre a não naturalidade das expectativas (MAUSS, 2003) de gêneros (BUTLER, 1988), perspectiva esta tratada por Miguel Vale de Almeida (1995) em “Senhores de Si” – estudo sobre sujeitos masculinos em uma vila, mas cujas análises ajudavam a compreender sua sociedade de forma geral.

Tal percepção a respeito das “margens” também pode ser depreendida das análises de Veena Das e Deborah Poole (2008), que, segundo comenta Talal Asad (2008, p. 53):

*[...] cuestionan la definición de estado en los términos de un control centralizado sobre un determinado territorio y proponen que exploremos los ‘márgenes’ del estado, esto es, aquellos sitios en los que el derecho estatal y el orden deben ser constantemente restablecidos. Dado que el poder del estado es siempre inestable, puede ser percibido de una mejor manera en tanto uno logra alejarse del ‘centro’.* (grifo meu)

Por fim, a conclusão deste capítulo é que as escolhas, inclusive metodológicas, e as referências trazidas não pretendem superestimar o ‘pesquisador’, mas sim evidenciar que essas escolhas, sempre permeadas por ética e rigor, produziram a etnografia que se desenha aqui, assim como é certo que se produziriam outras etnografias, evidenciar-se-iam outras nuances e se visibilizariam outros pontos de vista caso fizesse outras opções (teóricas/metodológicas e de enfoque), no mesmo lugar.

---

<sup>42</sup>Para uma apreensão do termo ‘fetichizado’ ver o tópico “‘Cafuçus’: corpo, fetiche, interseccional idade e poder”, no Capítulo 3.

### 3 ‘COM QUE CORPO EU VOU?’: INTELIGIBILIDADE DA DIFERENÇA NO FEIRÃO

Se a diferença está no mundo gay, apresenta-se de forma singular e multifacetada. São os intrínsecos processos de diferenciação e subjetivação relacionados ao consumo e a homossexualidade em sua dimensão plural que busco apreender. (FRANÇA, 2012, p. 17)

Ao se tomar a “diferença” como uma premissa constituinte do “mundo *gay*” (FRANÇA, 2012), instaura-se uma linha investigativa oposta às ideias de senso comum que se constroem a respeito do mesmo, como, por exemplo, de que este é um mundo extrema e exclusivamente festivo e igualitário. Algumas imagens exploradas pelo mercado em relação a esse “mundo” contribuem para reforçar uma aura de ‘alegria’ atribuída, principalmente, aos homens *gays*. Ideia percebida, inclusive, na origem inglesa da palavra, que se traduz de várias formas no português, entre elas, como “rapaz alegre”.

Tal imagem acabou por consolidar um ideal de *gay* e de comunidade, por meio do qual a ‘situação de opressão’ vivenciada garantiria uma “consciência” da causa do preconceito e os sujeitos se vigiarão, de modo a não replicarem as discriminações que sofreram, e, além disso, de que essas pessoas se recusariam e não reproduziriam as opressões e discriminações das quais foram e são alvo nas suas vidas por meio da “alegria”, da “festividade” e da “igualdade”.

Esse ideal de senso comum – que reveste a(s) vivência(s) da(s) homossexualidade(s), e mais especificamente as discriminações e opressões que desta(s) decorrem – de haveria uma certa aversão ou sensibilização em prol da não discriminação, foi premissa de muitos trabalhos e investigações com foco de pesquisa na intersecção sociabilidade/sexualidade. A esperança na confirmação de tal hipótese provavelmente se deveu ao fato de que, uma vez averiguada, esta contribuiria com uma solução possível para a superação deste e de outros<sup>43</sup> problemas sociais; e, podemos apontar, entre estes problemas, as discriminações quanto à orientação sexual, mas, também outras, como, por exemplo, o racismo e a misoginia.

Tal ideal, um tanto altruísta, poderia, inclusive, ser a hipótese desta dissertação, se não fossem as contribuições das leituras feitas. Destaco aqui a análise de França (2012, p. 17), que, na apresentação do trabalho supracitado, afirma que “a diferença está dentro do mundo *gay*”. Essa passagem me chamou a atenção e foi suficientemente instigante para me fazer

---

<sup>43</sup>Incluindo outros problemas que não os que têm em comum uma fundamentação nas hierarquizações das diferenças.

continuar acompanhando a ideia e as escolhas feitas na concepção deste trabalho,<sup>44</sup> de modo que, ainda corroborando a autora, acreditamos que produzir uma investigação em um lugar<sup>45</sup> como o “Feirão do Chope” pode visibilizar uma das realidades sociais “singulares”,<sup>46</sup> onde opera a “diferença”. Acredito ainda que, com essa investigação, posso contribuir com a desconstrução de algumas ideias de senso comum a respeito do chamado “mundo *gay*” (ou mundos *gays*) e das práticas de consumo envolvidas.

Ainda que gênero, sexualidade e mercado sejam campos marginalizados de pesquisa, o mercado de consumo GLS,<sup>47</sup> de forma geral, vem recebendo algum tratamento investigativo.<sup>48</sup> Ainda assim, as opções por lugares de homosociabilidade<sup>49</sup> como um recorte de pesquisa frequentemente têm privilegiado os locais mais ‘elitizados’ ou mais ‘badalados’ dentro desse mercado, gerando algum descompasso, o qual acaba por privilegiar apenas uma das partes desse grande nicho de mercado.

Isso implica dizer que boa parcela das pesquisas preocupadas em analisar as dinâmicas em locais do mercado GLS ocorre, intencionalmente ou não, nos locais mais elitizados. Nesse sentido, o mapeamento realizado pela pesquisa<sup>50</sup> coordenada por Camilo Braz contribuiu com a indicação de possíveis lócus de pesquisa, haja vista que um de seus resultados de pesquisa foi, justamente, o mapeamento que realizou e as reflexões que produziu a respeito do mercado de lazer comumente chamado de GLS ou mesmo *gay* na capital goiana.

A detecção desse descompasso, que decorre de se privilegiar determinada categoria de boate e público, levou-me a duas conclusões. A primeira, que já foi mencionada, tem a ver com a necessidade de pesquisas de sociabilidades homoeróticas em bares da periferia. A segunda, relaciona-se à necessidade de um recorte de pesquisa pautado na interseccionalidade.<sup>51</sup>

---

<sup>44</sup>Desde o início da formulação do projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação, eu já sustentava essa hipótese com base em outras leituras e outras experiências, restando, assim, que fosse testada tal hipótese neste recorte de pesquisa.

<sup>45</sup>Para Ratts (2011, p. 2), “lugar indica o espaço, seja qual for à escala, em que o indivíduo se reconhece em relação com o local, que por sua vez, pode ser a rua, a praça, o bairro, a pequena cidade ou, para alguns autores, a cidade, a região, ou a nação”.

<sup>46</sup>Ainda com inspiração em França (2012), corroboramos a ideia de que a “diferença”, enquanto categoria social, também se operacionaliza de maneiras distintas em “realidades singulares”.

<sup>47</sup>Ver França (2012).

<sup>48</sup>No que tange à produção do Mercado GLS em Goiânia, destaco: Braz (2013; 2014); Neiva (2014); Silveira (2014); Sousa (2005).

<sup>49</sup>Grafado propositalmente para fazer referência à noção de sociabilidade presente na obra de Georg Simmel, sem, com isso, deixar de fazer alusão à especificidade do contexto das homossexualidades.

<sup>50</sup>“Memórias, Margens, Mercados: um estudo sobre locais GLS em Goiânia”, também financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.

<sup>51</sup>O que chamamos hoje de mercado GLS no Brasil teve sua gênese na cidade de São Paulo, na década de 1960, com a abertura de boates declaradamente destinadas ao “cliente homossexual”, o qual conforme apontado por

Essa perspectiva, segundo Reduzino (2012), não seria apenas um conceito categórico sistematizado, mais do que isso, seria um método de análise contextualizado das múltiplas formas através das quais os marcadores sociais da diferença (ou eixos de subordinação) se entrecruzariam nas relações sociais e de poder intragrupo, revelando uma condição mais ou menos “subalternizada” por meio da qual os indivíduos se localizariam ou seriam localizados nas interações sociais. Nas palavras do autor, apropriando-se metaforicamente do pensamento de Crenshaw, seria necessário:

Trabalhar [o conceito] não somente no campo da ação política, mas como um método de análise na formulação do conhecimento teórico, no qual as múltiplas identidades ou eixos de subordinação, não seriam tratados como fator isolado ou único de desempoderamento do indivíduo, mas sim como um complexo que faria deste indivíduo um diferente sujeito na sua vivência no processo de subalternização (REDUZINO, 2012, p. 25, grifo meu).

E, transcendendo os limites dos “grupos”, o conceito pode ser apropriado para outras análises sociais.

A interseccionalidade deve ser vista de dois modos complementares: como ideia ou conceito que traduz a intersecção de racismo, sexismo e classismo, reconhecidos co-determinantes da subordinação; mas também como ideograma. Nesta perspectiva, a interseccionalidade reunirá *em um único termo aglutinador todas as forças opressivas que limitam a vida*. (GELEDÉS, 2013, p. 13, grifo meu).

Ainda tratando do sistema de hierarquizações que torna uma diferença valorada ou ‘desvalorada’, observa-se que, dentro ou fora<sup>52</sup> do “Feirão”, as pessoas acionam seletivamente características, preferências e gostos que julgam importantes para as definir. Como veremos nos próximos tópicos, a opção por determinadas características não se restringe à autodefinição, sendo ferramenta utilizada também para definir outros indivíduos, exaltando-os ou não, como acontece, por exemplo, quando os sujeitos da pesquisa evocam algumas

---

MacRae (2004, p. 292), “procurava locais de encontro onde houvesse maior segurança contra ataques policiais ou de bandidos”. Devemos pontuar que a categoria ganhou maior dimensão por ocasião do Festival MixBrasil de cinema “alternativo”, que ocorreu em 1994, e frisar que, paralelamente à afirmação de se tratar de um nicho do mercado, ganhou força o ativismo político de grupos organizados em busca assegurar seus direitos a identidades e subjetividades lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Além disso, é preciso se ter em mente que a distinção entre GLS e LGBT busca assegurar a distinção entre mercado e movimento social.

<sup>52</sup> Opto por evidenciar o “fora do Feirão”, porque ao fazê-lo, saliento minimamente, uma ligação que não torna a experiência foco da análise tão ideal, no sentido weberiano, a ponto de não fazer sentido na vida cotidiana. A referência a esse outro espaço, apesar de não o tratar em todo seu potencial, é fundamental para que seja superada, de fato, a imagem de que a vida de homossexuais ou de que a experiência homossexual se restringe à experiência nos espaços permeados pela música, festa e sexo.

características para definir o que, ou quem, são “cafuços”, “bagaceiras” e etc. Tais rótulos que emergem das redes serão melhor analisados ao longo deste e do próximo capítulo.

Note-se que tal acionamento ocorre de maneira contextual, assim, aqueles atributos selecionados (naquele momento específico) podem não o ser dali a alguns instantes, reiterando que essa abordagem proposta por Crenshaw (2002) pode ter aplicação não só em contextos macrossociológicas, como também micro,<sup>53</sup> haja vista seu potencial em revelar quais seriam os eixos eleitos para condicionar a subordinação no local e a sua relação com a norma social mais ampla.

A respeito deste caráter eletivo pelo qual os sujeitos atribuem marcas, Campbell (2006), em seu estudo sobre como as pessoas se definem nos anúncios amorosos em sessões de jornais, diz que:

O que considero bastante interessante nesses anúncios é que os indivíduos se autodefinem – isto é, especificam o que consideram sua identidade essencial – quase sempre exclusivamente em termos de seus gostos e desejos. Bem, diria que isso é o que sentimos que nos define mais claramente do que qualquer outra coisa. Quando se trata da questão crucial de nossa ‘real’ identidade, aí efetivamente consideramos *que somos definidos por nossos desejos, ou por nossas preferências*. (CAMPBELL, 2006, p. 51-52, grifo meu).

Ao tratar da autodefinição dos sujeitos em termos dos gostos, Campbell (2006) intenta abordar a maneira como, atualmente, os indivíduos vêm acionando determinadas preferências (gostos) com certas finalidades. Percebemos, então, que a ideia de “usos sociais dos bens”, de Douglas e Isherwood (2009), pode ser aí articulada com o intuito de tornar possível o acesso a uma dimensão que podemos definir como ‘criativa’ e que perpassa não só a instauração de tais “usos”, como também garante que se interprete tais gostos em cada contexto, possibilitando os valorar localmente em detrimento de certas normas. Possibilita-se, assim, perceber a natureza processual e social do consumo e, ao nos depararmos com usos distintos daquele previsto, como ressaltam Barbosa e Campbell (2006, p. 21), revelar seu teor “ambíguo”.

Essa ambiguidade começa na própria etimologia do termo. *Consumo* deriva do latim *consumere*, que significa usar tudo, esgotar e destruir; e do termo

---

<sup>53</sup>Piscitelli (2008), em uma leitura da obra de Kimberle Crenshaw (2002), sugere que “a interseccionalidade trataria da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, confluindo e, nessa confluência constituiriam aspectos ativos do desempoderamento” (PISCITELLI, 2008, p. 267).

inglês *consummation*, que significa somar e adicionar. No Brasil, o significado do termo ficou mais próximo da primeira dimensão, que tem sentido negativo, enquanto *consumação*, com sentido positivo de realização e *clímax*, ficou mais restrita ao ato sexual.

Acredita-se que tal característica seja inerente à condição humana de vida em sociedade. Advoga-se, assim, que tal capacidade ‘criativa’, a qual pode “somar e adicionar”, seja o fio condutor que possibilita o entendimento como ‘sociais’ não só das relações entre humanos (*stricto sensu*), como também da relação destes com os “bens” num plano geral (*lato sensu*). Tais ideias se desdobram em teorias, como as desenvolvidas por Miller (2007)<sup>54</sup> e Appadurai (2008),<sup>55</sup> ou, ainda, em análises como a de Le Breton (2003), que corroboram a desnaturalização da própria ideia de corpo. Perspectivas que convergem, em alguma medida, para a incorporação de elementos ou tecnologias que alteram a anatomia<sup>56</sup> e relativizam seus limites.

Acrescento a essa lista de teorias o que podemos chamar de “desnaturalização do lugar e do espaço”, que, embora seja mais comumente apropriada por uma abordagem dita cultural da Geografia, como em Cirqueira (2010), também é apropriada em abordagens como a de Ratts (2011). Uma vez que esta diz respeito às afinidades e relações estabelecidas entre os sujeitos e o lugar, tal apropriação torna possível uma antropologia do lugar.<sup>57</sup>

O interesse em querer compreender um espaço de sociabilidade noturna que consegue oferecer uma alternativa de lazer barato implica buscar entender como são e quais seriam os marcadores sociais da diferença acionados pelos sujeitos a partir de seus repertórios sobre si (e sobre os outros) para se definir, sem deixar de notar que, ao agirem assim, acionam também a relação com os ‘lugares’ de afinidade. O ‘lugar’, nesta pesquisa, naquela região da cidade, acaba se tornando o único espaço possível para toda ou para boa parte de uma população interessada em diversão, em paquera, em conhecer outras pessoas e que deseja fazer isso aos finais de semana, e em horários de ‘folga’, destinados ao lazer. Procuo, portanto,

---

<sup>54</sup>No trabalho citado, o autor trabalha a ideia de “objetificação” do corpo, torna-se um objeto e também um “bem”.

<sup>55</sup>A ideia de “trajetórias sociais das coisas”, presente nessa obra do autor, complementa, de alguma forma, a ideia de Miller, ao fornecer uma visão dos objetos tornando-se sujeitos de uma trajetória, possibilitando que se estabeleçam rotas e desvios (de função) desses objetos.

<sup>56</sup>A respeito do entendimento/inteligibilidade das anatomias, Thomas Laqueur (2001) realizou uma grande investigação que resultou em um inventário sobre as diferentes interpretações da anatomia humana, em especial, na tratativa dada ao corpo da mulher.

<sup>57</sup>Geertz (1996) já constatara, em relação ao volume de monografias e livros de antropologia, a ausência do lugar como conceito analítico e descritivo.

compreender como ‘diferença’ e ‘pertencimento’ atuam na produção de subjetividades, valores e gostos, assim como também no compartilhamento ou na socialização intragrupos.

Ao propor tal indagação, considerando o espaço que circunda o “Feirão” e sua realidade socioeconômica, problematizo o senso comum de que o poder aquisitivo seria a única causa capaz de criar desigualdade e instaurar a “diferença”. Tal problemática decorre da circulação, nas sociedades capitalistas, da ideia de que a detenção ou não dos meios de produção de riqueza é a única fonte de toda desigualdade.

Munanga (2012, p. 38), ao se debruçar sobre uma apreensão da categoria “negritude”, destaca que alguns autores “subestimam a importância do fator racial inerente ao conceito”, preferindo, assim, “atribuir-lhe o significado sociocultural de classe”. Destacamos essas passagens para dar sustentação à hipótese de que, no Brasil, apesar da comum sobreposição entre as categorias de raça e classe, existem especificidades que não podem ser tratadas como única e exclusivamente de ordem econômica.

Mediante o exposto, no presente capítulo, trato das circunstâncias e identidades com as quais me deparei no campo, a fim de entender sua validade ou inteligibilidade. Para tanto, ‘visibilizo’ as categorias de “bagaceira” e “cafuçu”, para nuançar como a diferença é acionada para as compor. Evidencio, também, a importância das interações sociais e sociabilidades para produzir e compartilhar os códigos por meio dos quais se possibilita aos sujeitos estarem em grupo e/ou sociedade, considerando as desigualdades e preconceitos que a sociabilidade muitas vezes também produz e reproduz.

### **3.1 Ser ou não ser “bagaceira”: apreensões da homosociabilidade no/do “Feirão”**

Desde que Marcos me apresentou a Gildo, que possui formação superior e trabalha em uma empresa pública, este fez alguns comentários e questionamentos que esboçavam, por um lado, alguma curiosidade em relação à investigação e, por outro, uma vontade de demonstrar certa familiaridade com a pesquisa científica. Antecedendo essa “curiosidade” acadêmica, ele me fez uma primeira pergunta com a intenção de descobrir se eu e Marcos estávamos “nos conhecendo melhor” ou não, afinal era o que se esperaria de dois homens (ou duas mulheres) que conversassem a sós naquele lugar.

A primeira surpresa de Gildo, como dito no capítulo anterior, foi meu estado social,<sup>58</sup> o que acabou causando um duplo estranhamento, afinal eu não era solteiro e estava interessado

---

<sup>58</sup>Estar em um relacionamento sério, ou seja, não estar solteiro.

em realizar uma pesquisa acadêmica “naquele lugar”. A impressão que tive era de que ele me julgava estar duplamente “fora do meu lugar”. Eram dois os motivos: o primeiro<sup>59</sup> por eu estar desacompanhado em um bar *gay*, e o segundo por eu estar em um bar que não “condizia com o ambiente (social e econômico) de costume”. Além disso, o estranhamento que se refletiu em suas perguntas, às quais já me referi, tinham por objetivo entender o que me levava até o lugar, ou: “por que aqui [no Feirão]? O que tem aqui?”.

O interesse dele pela pesquisa parecia um anseio de demonstrar certo domínio sobre o que podemos chamar de “universo da faculdade”. Ao mesmo tempo, as perguntas soavam como uma espécie de teste para saber se eu “realmente” estava ali por um interesse acadêmico ou se estava blefando. O fato é que nossa condição<sup>60</sup> (minha, de Gildo, de Marcos e de algumas outras pessoas que frequentavam o “Feirão” antes do início de meu trabalho de campo e com as quais eles já mantinham contato) instigava e fortalecia, em Gildo, certa noção de “pertencimento”, garantido pelo domínio de códigos que, supostamente, o ensino superior oferecia, contribuindo para que Gildo se sentisse mais à vontade comigo, e encontrasse respaldo em mim para emitir certas opiniões a respeito do lugar<sup>61</sup> e das pessoas.

Ainda sobre Gildo, destaco que expressava<sup>62</sup> uma posição avessa a qualquer expressão ou manifestação de “feminilidade” em corpos biologicamente masculinos. Havia, para ele, segundo o que pude captar, uma profunda relação entre o que eu chamo aqui de “feminilidade” (que para o sujeito seriam todas as expressões de “afetação”, “pinta” ou “bixisse escandalosa”) e promiscuidade (sexual), estabelecida possivelmente pela associação, de senso comum, entre ‘travestilidade’ e prostituição.<sup>63</sup> Pude perceber, ainda que de maneira mais velada, imprecisa e implícita, que essa aversão denota uma relação entre estes dois elementos – ‘travestilidade’ e prostituição – e a noção de “sujeira”, de algo errado ou, no mínimo, desnecessário.

A aversão deste sujeito da pesquisa às “feminilidades” era tão acentuada que fez com que ele julgasse necessário, em uma ocasião em que ele havia prometido carona a um colega, certificar-se de que este não levaria mais ninguém com ele em seu carro. Receio decorrente de Gildo haver visto seu colega acompanhado de um amigo. Ele puxou o rapaz e disse: “no meu

---

<sup>59</sup> Para retomar essa discussão, retomar as notas metodológicas no capítulo 1 desta dissertação.

<sup>60</sup> O que criava tal unidade era a ligação com a universidade, seja como aluno, seja como formado.

<sup>61</sup> Para uma discussão sobre lugar, ver o Capítulo 2, “Acessando o Feirão”, desta dissertação.

<sup>62</sup> O sujeito verbalizou para mim que não tem amizade com “bicha pintosa”, *drag queen* e até travestis, devido a uma espécie de fobia a essas e outras expressões de feminilidades. Algo que parece estar em concordância e em total conformidade com a norma social (heteronorma).

<sup>63</sup> Há uma nítida relação, que é de senso comum, entre relacionar prostituição e promiscuidade, o que, muitas vezes, não condiz com a impressão dos e das profissionais do sexo.

carro só tem espaço para você, **ela** eu não carrego no meu carro” (grifo meu). Ele estava se referindo a um terceiro sujeito, e a quem se referia no feminino por se tratar de um performer *drag queen*,<sup>64</sup> argumentado que seria uma performance descabida (no julgamento dele), o que o impediria de viajar em seu carro. Por fim, completou: “tenho pavor dessas coisas, não carrego no meu carro e nem gosto de ter proximidade com elas”. Impressão que, pelo que pude perceber, tem relação com o pavor social que as alterações corporais e de performance – momentâneas (no caso das *drag queens*) ou duradouras (no caso das travestis, transgêneros e transexuais) – causam na maioria das pessoas.

A supor pela reação desse sujeito gay, interlocutor nesta pesquisa, podemos, ao menos, desconfiar e, muitas vezes, confirmar o desconforto (e até mesmo fobia) que o imaginário social de senso comum, independente da orientação sexual, guarda em relação a essas pessoas. Sua moral é frequentemente posta em xeque e o medo causado pela ‘refiguração/alteração’ de seus corpos é transformado em suspeição acerca de seu caráter e conduta.

Intriga-me saber que essa fala não difere em quase nada daquelas que as pessoas não frequentadoras evocam para justificar porque o lugar não lhes apetece.<sup>65</sup> Assim, como dito no início deste capítulo, a fobia não é uma sensação ou sentimento que acomete apenas aquelas/es que não se enquadram nas maiorias, mas também nas “minorias sexuais”, inclusive aquelas/es inseridos na “comunidade LGBT”, em razão do poder coercitivo da norma social heterossexual.

Gildo, apesar dessa postura e da facilidade de locomoção (que lhe permitiria escolher outros locais), frequentava regularmente o “Feirão”. Surpreendentemente, nem Gildo, nem os seus próximos “passam”<sup>66</sup> ou transmitem uma imagem representativa de tal “masculinidade”, ou melhor, desta virilidade que tanto esperam das outras pessoas. Tais nuances complexificam e dificultam ainda mais a tarefa de um “novato” em tentar delimitar a imagem do que seria a “feminilidade”, tão rejeitada ali, e o que definiria a fundamental masculinidade ou “discrição”.<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup>Para uma discussão sobre o contexto da performance *drag queen* em Goiânia, ver Nunes (2014).

<sup>65</sup>A hipótese de que a localização é “feia”, assim como o público frequentador é “divertido” e/ou “feio”, reconfigura-se em outras distinções dentro do lugar, estabelecendo, assim, territorialidades internas.

<sup>66</sup>O “passar por” ou “passabilidade” diz respeito à impressão que se tem de alguém que espera ser percebido em dada performance de gênero. Para uma melhor apreensão do conceito de “passabilidade”, ver Rego (2015).

<sup>67</sup>Discrição aqui se opõe à “afetação”, ou seja, diz-se da pessoa ou *gay* “discreto”.

Atentando à forma como Gildo se refere, indiretamente,<sup>68</sup> ao lugar e às pessoas como sendo umas “bagaceiras”,<sup>69</sup> poderíamos ser levados erroneamente a pensar que essa justificativa explicitaria tudo da relação que o sujeito mantém (e as que não mantém) com o lugar e com as pessoas que ali frequentam.

Assim, a intenção é explorar as aparentes contradições e colocar a questão: será que a proximidade ou a comodidade seriam suficientemente importantes a ponto de fazê-lo frequentar um lugar com o qual não mantém relações e pelo qual não tem afinidade? A frequência, quase tão regular quanto a do pesquisador, revela que Gildo, a despeito da forma como se refere ao lugar, tem seus motivos para o frequentar. Um deles talvez seja a afinidade por algumas pessoas com quem ele mantém vínculos dentro e fora do Feirão. Relação constatada, certa vez, quando ele comentava com Marcos sobre a comemoração do aniversário de Josué, que acontecera na tarde daquele dia em um almoço na casa de Josué.

Resta indagar: seria essa postura a maneira de Gildo estabelecer algum tipo de distinção entre ele e os demais? Ou seria essa uma narrativa através com a qual ele pretende informar ao pesquisador que, apesar de tudo, existe uma diversidade do público frequentador? Mais do que responder a essas indagações, é fundamental salientar as questões implícitas nessas interações e as hipóteses que suscitam.

Ao menos nas interações entre nós, a intenção de Gildo poderia ser a de construir, discursivamente, os elementos que me levariam a escolher a companhia dele e das pessoas com quem se enturmava em detrimento da de outras pessoas, em especial aquelas a quem ele se referia como “bagaceiras”.<sup>70</sup> Apesar de já ter ouvido a expressão algumas vezes, foi então que entendi porque a categoria parecia de difícil precisão, pois, a despeito dos esforços e artifícios para melhor a entender, uma compreensão satisfatória demandaria mais tempo de convivência e sociabilidade. Indo além, penso que, a partir do momento que eu conseguir perceber alguém nesta categoria e o fizer “corretamente”, isso “atestaria” que eu estaria inteirado e apto a ser parte daquele grupo.<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup>Essas são impressões que Gildo tem das pessoas e de seus comportamentos, ou seja, é bem provável que elas não saibam que são vistas assim por ele.

<sup>69</sup>Categoria êmica que o sujeito diz de uma pessoa ou lugar de promiscuidade, “pobreza” ou sujeira.

<sup>70</sup>Na gíria *gay*, “bagaceira” geralmente tem a ver com “bagaço”, aquilo que sobra, resto. O termo inspira-se em uma marca de cachaça muito barata e de qualidade questionável, também chamada “bagaceira”.

<sup>71</sup>Não se trata da presunção em “se passar por nativo”, mas sim de visibilizar que a dinâmica da etnografia, como toda interação social, envolve a socialização e a apreensão de certas categorias e dimensões morais específicas do grupo.

Percebe-se que pode haver certa “intencionalidade” de diferenciação e de distinção na sociabilidade no Feirão, a qual não implica necessariamente um “interesse econômico”<sup>72</sup> como finalidade, mesmo em se tratando de um espaço dedicado a práticas “de mercado”, econômicas por excelência, mas que remete à hipótese já exposta<sup>73</sup> sobre tal dinâmica no estabelecimento das redes, como sendo uma das maneiras pela qual a “diferença” é aprendida e apreendida, expondo o caráter social e intencional do estabelecimento de diferenciações e estratificações.

Noto a existência dessa intenção, a qual classificaria analiticamente de “hierarquizante”, por exemplo, na construção da noção de “bagaceira”. Não encontro outra motivação aparente para que tal distinção (“nós” vs. “bagaceiras”) ocorresse, não restando outra conclusão que não a que aponta para uma tentativa de construir ou evidenciar a diferença em relação a um grupo considerado inferior/diferente. Em situação semelhante, um dos sujeitos da pesquisa de França (2012) aponta que a diferença está no mundo *gay* e no mercado GLS justamente porque estes são partes integrantes do mundo social e do mercado geral. Devemos considerar também o que destaca Pinho (2006), constatando que a integração da periferia às aspirações de consumo e ao mundo das mercadorias ocorre de maneira precarizada e subordinada.

Essa postura discriminatória, pela qual se designa um grupo de sujeitos frequentadores com o qual não se pretende manter interação ou proximidade, leva em consideração também características como: se a pessoa é “pintosa” (ou não); se veste roupas coladas, decotadas e “chamativas” (ou não); se usa tintura e corte de cabelo “feminino” (ou não); se dança (ou não). O fato é que os atributos que configuram essa categorização são de três ordens<sup>74</sup> diferentes, mas que convergem e atuam “compondo” a imagem ou a “fachada” dos sujeitos.

Essas ordens incluem a performatividade<sup>75</sup> que envolve a “pinta”; a indumentária, por exemplo, a escolha da roupa para a ocasião; e o corpo e suas alterações, o que poderíamos chamar de “aparência física”, a qual apresenta certa “plasticidade”, como a cor, a textura e o comprimento do cabelo, por exemplo.

---

<sup>72</sup>Na falta de uma expressão melhor, uso “interesse econômico” para aludir a todas as conotações pejorativas que o termo pode tomar, entre elas, a expressão “interesseiro”.

<sup>73</sup>Para retomar a discussão acerca do uso do conceito de “sociabilidade” à luz da experiência do trabalho de campo e da noção de “intencionalidade”, ver introdução desta dissertação.

<sup>74</sup>Em concordância com a análise desenvolvida, a divisão aqui proposta, é estabelecida como um recurso didático para melhor compreender o processo, visto que, na prática social, não é percebido desta maneira, tão dividida.

<sup>75</sup>A discussão da performatividade foi propositalmente deslocada para o capítulo 3, por incitar a discussão e a distinção em relação ao conceito de performance, sendo introduzida aqui, para ser trabalhada com maior densidade em sessão posterior.

Tais dimensões corroboraram a pesquisa de Miller (2013), que aponta simultaneamente para os limites da abordagem semiótica nos estudos da cultura material<sup>76</sup> e para sua convivência com outras abordagens. Coloca-se, então, uma questão que tangencia a percepção e a definição da separação entre “corpo” e objetos, questionando não apenas a não humanidade das coisas, mas também a capacidade de representação do sujeito a partir dos objetos. É nessa encruzilhada entre o corpo e a representação do “eu” que este corpo composto e inteligível aponta na direção de certa “corporeidade”, na qual essas ordens figuram com importância para a autoimagem e a recepção da mesma – como veremos mais adiante, em diálogo com Erving Goffman (2011).

Daniel Miller (2013) aponta para a prevalência da perspectiva semiótica dos objetos na década de 1980, na Inglaterra, segundo a qual “a melhor maneira de avaliar o papel dos objetos era considerá-los signos e símbolos que nos representavam” (MILLER, 2013, p. 21). Ilustrativo para esta perspectiva seria, ainda segundo o autor, o exemplo dos estudos da indumentária. Na lógica dessa matriz filosófica, as escolhas das vestimentas (em todos os contextos sociais), uma vez que o pressuposto universalizante estaria presente nestas, significaria ou implicaria uma escolha consciente e norteada pela ideia de avaliar em qual medida o conjunto das peças nos representaria mais fielmente segundo, é claro, a própria imagem que fazemos de nós mesmos (autoimagem). A indumentária comunica essa imagem de si, essa autoimagem; “minha roupa mostra que sou sexy, ou esloveno, ou inteligente ou as três coisas” (MILLER, 2013, p. 21).

Podemos tomar como exemplo o “ato de comprar”, cuja interpretação pode se dar pela apreensão via significação do consumo ou pela via mais simplista do consumismo. Em relação ao ato de comprar, Miller (2013, p. 23) indaga a percepção de senso comum que tem “rapazes negros” como pessoas “superficiais porque queriam tênis caros, que supostamente não tinham condições de comprar”. O autor, desse modo, nos convida a pensar se, na contemporaneidade, “ter se tornou mais importante do que ser”, ou, ainda, se para estas pessoas haveria possibilidade de uma sobreposição destes termos, permitindo-as se valerem dessa autorrepresentação que a indumentária apresenta? Tudo depende do que os sujeitos dizem, dos discursos que acionam para dizer de si.

Ainda sobre os limites que encerram a validade da abordagem semiótica, retomo como exemplo o desconforto percebido e relatado a mim pelos sujeitos de pesquisa ao se dizerem

---

<sup>76</sup>A análise do autor faz menção à abordagem em que Mary Douglas é referência, a qual se estabeleceu durante a década de 1980, na Inglaterra.

“não se sentindo confortáveis” em ficar “o dia inteiro com a mesma roupa”, e, muitas vezes, não conseguem ir direto do trabalho e/ou da faculdade para o “Feirão”. Da maneira como foi relatado, parece que o problema não passa exclusivamente pela “questão de higiene”, ainda que esta seja também uma questão importante, que pode ser notada, por exemplo, na fala “fiquei o dia inteiro com a mesma roupa e suei”. Analisando com mais cautela a situação, percebemos que a fala pode ter relação com situações de trabalho, como, por exemplo, uniformes de algumas empresas ou, ainda, com detalhes que remetem às funções que ocupam. Esses são elementos que, por sua identificação visual, podem causar constrangimento, seja pelas cores, seja pelo tamanho ou outro tipo de identificação, como é o caso de Bento e seu uniforme de açougueiro. Algumas funções – esta em especial, além da indumentária – causam outras impressões em seus ocupantes, como o cheiro característico da carne crua manipulada.

Cremes e perfumes são um grande investimento, não só para Bento, mas também para outros trabalhadores e trabalhadoras que, ao se arrumarem para sair para festas, bares e baladas, buscam suavizar ou disfarçar “marcas das funções que ocupam”. A experiência no Feirão, bem como em outros “lugares”, é atravessada por uma memória de cheiros de colônias, perfumes e cremes.

Trabalhadores em cargos como açougueiro, mecânico, faxineiro e ‘faz-tudo’, pelo que podemos perceber, acabam desenvolvendo uma preocupação com o “cheiro”, em virtude do ambiente de trabalho, por terem medo de o cheiro do ambiente acabar “impregnando” neles. Além do açougue, temos a memória do mecânico sujo, cheirando à graxa, espalhada em seu corpo e sob as unhas.

Avançando para a significação das alterações da “aparência física”, Le Breton (2003) fornece importante contribuição ao avançar na problematização e colocar em xeque os limites do corpo e sua inscrição em uma anatomia inalterável.

Em nossas sociedades, a parcela de manipulação simbólica amplia-se, o reservatório de conhecimento e de serviços à disposição dos indivíduos estendeu-se desmesuradamente. A anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao design do momento. (LE BRETON, 2003, p. 27-28)

Quanto aos bens e ao corpo, o autor trata das “marcas corporais” que se materializam na subversiva constituição da cultura *punk*,<sup>77</sup> nos anos 1970, em que “a ressignificação de determinados objetos acompanhava uma visão de mundo expressa também nas músicas, no

---

<sup>77</sup>Para uma análise dos conceitos de estilo e cultura *punk*, ver Hebdige (2002).

comportamento, na atuação política e na produção cultural daquela ‘subcultura’”. Ainda em relação a essas “marcas”, devemos considerar tatuagens e *piercings* como componentes não só do corpo em específico, mas também da identidade social e de grupo.

Há um ponto tratado por Le Breton (2003) que se articula não somente com as questões teóricas mais amplas presentes nessa discussão antropológica acerca da “desnaturalização do corpo”, mas também chama atenção para um argumento em torno da transexualidade,<sup>78</sup> como tratado pelo autor, em um diálogo com Cooper, H. Velená e Welzer-Lang.

O corpo do (a) transexual é um artefato tecnológico, uma construção cirúrgica e hormonal, uma *produção plástica* sustentada por uma vontade firme. *Brincando com suas existências*, o(a) transexual entende assumir por um momento uma aparência sexual de acordo com *seu sentimento pessoal*. É ele (ela) próprio(a), *e não um destino anatômico*, quem decide seu sexo de eleição; ele (ela) vive por meio de uma vontade deliberada. (LE BRETON, 2003, p. 32, grifo meu).

Apesar de ver com certo cuidado e desconfiança uma percepção deveras exagerada e lúdica das transformações na readequação do corpo da pessoa ‘trans’, a possibilidade analítica que se abre a partir da existência da ‘transexualidade’ ou, na verdade, dos sujeitos que viveram a experiência “transexualizadora”, permite-nos uma primeira aproximação com o universo e os limites da “produção plástica” do corpo; permite-nos relativizar e perceber todo corpo como uma “produção plástica” moldada simultaneamente por fatores sociais, culturais e biológicos, com especial atenção à maneira como é tratado o processo de corporificação, bem como a “construção cirúrgica e hormonal” dos corpos. Tal aproximação se torna válida na medida em que aponta para um caminho metodológico pelo qual podemos introduzir os debates sobre os limites entre “corpos” e “objetos”.

O corpo é encarado aqui em sua dimensão ampla, para além do corpo ‘trans’, para que se possa observar, como já dito anteriormente, sua desnaturalização, no sentido de evidenciar sua “plasticidade”, como diz Le Breton (2003), bem como entender sua inteligibilidade em um contexto influenciado pela conjuntura econômica de “consumo” no capitalismo, como aqueles empreendimentos analíticos realizados por Miller (2007) e Appadurai (2008).

---

<sup>78</sup>Nas discussões recentes, desde a retirada da “homossexualidade” do rol de doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS), o movimento social reivindica também a alteração do sufixo no termo “transexualismo”, como tem sido grafado no âmbito deste organismo internacional, para “transexualidade”, pois o sufixo “ismo” denota ainda uma patologia ou doença.

De maneira geral, muito do que é ser “bagaceira” tem a ver com um construto sobre seus corpos, de modo que se admite, nessa construção, elementos das subjetividades, como a maneira pela qual são entendidas as performances dos sujeitos. Há, contudo, uma coincidência nos relatos de meus interlocutores, que, ao apontarem uma “bagaceira”, fazem referência à sua composição genética e corporal, à “cor” e ao tom de pele; e o que chamou atenção: eram todos rapazes/homens negros – pretos ou “pardos”.<sup>79</sup>

A forma como o pertencimento racial invisibiliza a dimensão sociocultural em nossa sociedade difere, por exemplo, do que ocorre nos Estados Unidos da América, ou, mesmo, na vizinha Argentina. No primeiro, o parentesco com ancestrais diretos negros já torna o sujeito negro, independentemente do seu fenótipo, já na segunda, o que nós brasileiros consideramos como “pardos” são identificados, via de regra, como negros.

Nas primeiras vezes em que essa situação aconteceu, tentei me convencer de que o que destoaria naqueles corpos, a ponto de inspirar a discriminação, era não apenas o fato de aqueles rapazes terem submetido os cabelos ao processo de alisamento químico, mas também o fato de manterem seus cabelos em um comprimento considerado incompatível com o da maioria dos rapazes – seus cabelos, medindo a partir de um palmo na parte superior, combinavam-se com uma lateral bem batida, comprimento quase zero e bem rente ao coro cabeludo em, ao menos, um dos lados. A confirmação de que não era essa a marca alvo de crítica, todavia, só se revelou quando atentei para o próprio Marcos. Este mantinha um corte de cabelo quase idêntico ao daqueles rapazes, diferenciando-se, talvez, por detalhes como tonalidade e comprimento.

Algumas das características que já pontuei sobre o perfil de Marcos (como ser aluno de curso superior, não ser [ou não se identificar como] negro) são suficientes para que Gildo e Marcos não sejam considerados “bagaceiras”. O tipo ideal de masculinidade valorado por Gildo não era característico de nenhum dos dois. Assim sendo, essa categoria revela sua ligação com a subjetividade e com a inteligibilidade e apreensão dos corpos, devendo levar em consideração não só características físicas, mas também a condição social e simbólica. Essa categorização parece, portanto, mais uma espécie de alerta ou demarcação de barreiras (simbólicas) entre os “grupos”.

Ainda no que diz respeito à corporeidade e às possibilidades de alterações da “aparência física”, em intersecção com o pertencimento racial, há um discurso que afirma que

---

<sup>79</sup>Embora seja uma categoria censitária e identitária, vejo com muita cautela os usos do termo, que, por vezes, é usado por sujeitos na intenção de se distanciarem de um pertencimento étnico socialmente desvalorizado, como acontece, no Brasil, com negros e negras.

a posição de “negro” (menos prestigiada socialmente) é “manipulável”, passando de uma marca corporal para um “detalhe” circunscrito a alguma parte do corpo. Pode-se, dessa maneira, fazer uso de tecnologias aplicadas à estética<sup>80</sup> para investir na dissimulação de tal pertença. Logo, quando algum sujeito não se reconhece em dado pertencimento étnico, havendo possibilidades, como a que foi tomada como exemplo, tal marca passa a ser entendida apenas como um “detalhe”, passível de correção. A ideia de ter “cabelo ruim” ou “cabelo de preto”, portanto, torna-se um “só isso”, significando, assim, um mero detalhe que persiste em se revelar, mas que pode ser domado pelo sujeito.

Verifica-se também que tal categoria é situacional e remete à maneira distinta como esses sujeitos *gays* enxergam outras pessoas *gays*. Maneira que, com toda certeza, não deve fazer tanto sentido para outros grupos ali dentro, entre estes: os homens “heterossexuais” e, mesmo, as travestis. Os primeiros certamente não fazem muita distinção entre “bagaceiras” e “não bagaceiras”, devido à especificidade situacional que operacionaliza a inteligibilidade dos corpos nessas categorias.

A recíproca também é verdadeira, revelando que tampouco os outros grupos devem se perceber ou fazer ideia das categorias através das quais são tratados, entre elas a de “cafuçu”, definição que trataremos nas próximas seções deste capítulo. Evidencia-se assim a importância das interações sociais e sociabilidades para produzir e compartilhar os códigos através dos quais sua autodefinição é valorada, bem como a do grupo ou a da rede, promovendo distinções.

### 3.2 “Bermudinha dobrada”: se “montando” de feminina?

Há uma expressão corrente que se originou nas redes de sociabilidade travesti e foi apropriada por outras redes, principalmente aquelas compostas por *gays*. A expressão “ela está (toda) montada” se relaciona à própria experiência delas com os seus corpos. Sua variante (“se montar”) ajuda a pensar os meandros do consumo nos mais diferentes níveis de complexidade das intervenções corporais. “Se montar” é algo social, uma ação humana passível de múltiplas interpretações, as quais variam<sup>81</sup> em diferentes contextos e em momentos específicos. Desse modo, acreditamos corroborar a máxima de que “os bens são

---

<sup>80</sup>Uma dessas tecnologias, no caso da dissimulação do pertencimento étnico-racial, pode ser o uso de produtos de alisamento químico em cabelos ou, mesmo, de produtos de maquiagem

<sup>81</sup>O tempo do verbo visa a chamar atenção para o fenômeno e a experiência travesti estarem muito circunscritos a algumas realidades e culturas na América Latina. Ver Barbosa (2010).

neutros” e “seus usos são sociais”, podendo “ser usados como cercas ou como pontes” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 36).

As intervenções na anatomia envolvem desde os tratamentos menos invasivos como o uso de apliques, perucas ou tratamentos para crescimento de cabelo até os mais invasivos como aplicação de silicone industrial para modelar as curvas e definir a silhueta e as cirurgias plásticas modeladoras ou corretoras. Sobre estas últimas, Le Breton (2003, p. 29) aponta que “se observa nos catálogos que os cirurgiões depõem nas salas de espera e que mostram aos clientes para propor uma intervenção precisa”.

Uma vez que as intervenções alteram a aparente ‘natureza’ dos corpos com auxílio do uso de tecnologias (prótese de silicone, silicone industrial e cirurgias) e bens (perucas, batons, etc.), alteram também ou ressignificam os bens, atribuindo ou estabelecendo usos para os quais não teriam sido pensados *a priori*. Diversos autores, ao afirmarem, em relação aos bens, que os “seus usos são sociais”, fornecem-nos ferramentas para entender que estes podem se modificar não somente na sua função – no que aqui denomino ‘criatividade dos usos’ –, como também possibilitam olhar para as interpretações da ação, as quais dependem do contexto. Esta última contribuição talvez não tenha sido tão explorada à época, a julgar pelas ponderações de Daniel Miller (2013) a respeito da semiótica.<sup>82</sup>

A partir desse campo, aberto na década 1980, após a publicação em 1979 de “O Mundo dos Bens”, de Douglas e Isherwood, um dos marcos dos estudos de consumo nas ciências sociais, outras contribuições surgiram, como a de Barbosa e Campbell (2006), que abordou justamente o prejuízo do direcionamento dos estudos e pesquisas em ciências sociais aos “estudos do lado da produção” (viés produtivista),<sup>83</sup> em detrimento dos estudos do consumo, cuja univocidade foi desestabilizada com a popularização dessa obra. Tal alternativa emerge quando se percebe o quanto as relações sociais são mediadas pelos bens.

É a partir de contribuições como essas que percebemos, na atualidade, processos como a “montagem”, as “compras no *shopping*” e o “jeito despojado”<sup>84</sup> de se vestir/ produzir<sup>85</sup> como partes inerentes às subjetividades e às noções de si que os sujeitos constroem. Ressalto a intenção dos autores de se debruçarem em análises que possibilitariam outro campo e outra

<sup>82</sup>Miller (2013, p. 21), remetendo-se aos estudos da cultura material da década de 1980, salienta que “a melhor maneira de avaliar o papel dos objetos era considerá-los signos e símbolos que nos representavam”.

<sup>83</sup>Para uma compreensão e análise do bias produtivista, ver Barbosa e Campbell (2006).

<sup>84</sup>Referência à narrativa acerca do modo de vestir do perfil de masculinidade denominado “cafuçu”, sobre o qual nos debruçaremos ainda neste capítulo.

<sup>85</sup>Diz-se da produção ou de “se produzir” quando a ocasião era especial e pedia uma composição especial.

via que não a da crítica – baseada na díade consumo/consumismo – para os estudos do fenômeno do consumo.

É a partir destes repertórios possíveis que os sujeitos se percebem e são percebidos uns pelos outros. Campbell (2006) sugere que “a atividade de comprar não só é um meio pelo qual as pessoas descobrem quem elas são, **como fornece a elas a comprovação básica de sua existência**” (p. 54, grifo meu). Questão interessante que revive a máxima ontológica “penso, logo existo”. Tal sugestão deriva do estudo realizado com anúncios de pessoas “que querem conhecer outras pessoas”, uma espécie de ‘correio do amor’, onde elas “se autodefinem – isto é, especificam o que consideram sua identidade essencial – quase sempre exclusivamente em termos de seus gostos e desejos” (CAMPBELL, 2006, p. 51).

A noção de si (de *self*) não é nova na teoria e nas análises sociais. Decorre dessa noção que as significações de “eu” e “outro”, que estabelecem formas de alteridade, deveriam se dar a partir do simples reconhecimento das diferenças e não de sua valoração. Digo isso para retomar, justamente, a questão da “diferença”, a qual, em si, não se configura como um problema. O problema está no que se faz com a diferença, as valorações e hierarquizações que decorrem da diferença, que passa a ser usada como categoria acusatória. Sobre a produção dessas diferenças e suas implicações, Avtar Brah (2006, p. 374) diz que:

O conceito de diferença, então, se refere à variedade de maneiras como discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e ressignificados. Algumas construções da diferença, como o racismo, postulam fronteiras fixas e imutáveis entre grupos tidos como inerentemente diferentes. Outras construções podem apresentar a diferença como relacional, contingente e variável. Em outras palavras, a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. *Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política.* (Grifo meu)

Esse trecho permite reforçar que, percebendo a produção da diferença como contextual e articulada às especificidades das sociabilidades, nem todas as produções levariam a opressões e/ou relações hierarquizadas. Isso já foi pontuado quando, na introdução desta dissertação, fiz um esforço de apreensão do conceito de sociabilidade. Essa análise, contudo, não nos impede de dar visibilidade às formas acusatórias da diferença, como fizemos, por exemplo, ao revelar como são estabelecidas “fronteiras fixas” entre ser ou não “bagaceira”, ou, ainda, usar ou não a “bermuda dobrada”, sem, contudo, invisibilizarmos a agência, o protagonismo e as construções do “outro”.

Tornou-se *fashion* o uso, tanto por mulheres quanto por homens, de dobras manuais para fora na bainha inferior das bermudas. Os objetivos são vários: encurtar o comprimento da peça ou realçar a bainha. A princípio, por sua ligação com o “mundo *fashion*”, essa marcação na peça de roupa foi muito associada a mulheres e homens *gays*, mas, com o passar do tempo, essa prática tem ganhado adeptos independentemente de gênero e/ou orientação sexual, sendo até incorporada pelas empresas fabricantes como algo a mais, ou como um toque personalizado às peças.

Incorporando a tendência, essas vestimentas passaram a contar com o forro/avesso da peça trabalhado com estampas ou tons distintos da cor original da peça, para justamente realçar mais a barra da bermuda. Contudo, para algumas pessoas, inclusive homens *gays*, a bainha foi e é diretamente associada a homossexualidade e/ou a passividade (no ato sexual), passando a ser componente do rótulo de “bicha afeminada/afetada”. Nesse caso, referem-se ao estilo no diminutivo, “bermudinha dobrada”, exprimindo, desse modo, seu desconforto ou desagrado.

Em especial, chama atenção o fato de que, na atual conjuntura social, tende-se a valorar todos os atos que remetam a uma masculinidade ideal. A análise do material de campo, porém, demonstra que, mesmo que as indumentárias e performatividades no centro da pista de dança tenham implicações quanto a atribuição de feminilidades, promiscuidade e “bagaceiridade”, ainda assim, alguns sujeitos insistem, ou melhor, resistem à norma, incorrendo no risco de serem tachados de um tipo que não sabe se comportar.

Em relação a essa masculinidade, ela pode ser distintamente posicionada socialmente, segundo sua articulação com a também privilegiada “branquitude”<sup>86</sup> ou a negritude. A leitura social do gênero, combinada com o pertencimento étnico-racial, pode determinar o lugar social, com mais ou menos prestígio, que o sujeito irá ocupar. Dessa forma, como vimos em campo, ainda que o prestígio destinado aos “cafuços” esteja subordinado ao desejo, como veremos a seguir, ainda assim, é distinta a quase total marginalidade a que são submetidos os negros não viris/“afeminados”, “bagaceiras”, “travinhas” e travestis.

Numa sociedade em que “*gay*” e “viado” são algumas das categorias acusatórias e de inferiorização, imaginemos então se, além disso, o *gay* fosse “preto” e/ou travesti.

Todas essas marcas sociais – de gênero, sexualidade, o sexo ‘biológico’, pertencimento étnico (etc.) – são lidas e interpretadas socialmente, implicando poder ou

---

<sup>86</sup>Segundo Schucman e Cardoso (2014, p. 5), “a branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos que, dessa forma, significa ser menos do que ele”.

subordinação. Para tentar se desvencilhar do peso de algumas delas, os sujeitos também elaboram justificativas que incluem a tentativa de “dissimular” certas características, com a intenção de causar uma “boa impressão” (GOFFMAN, 2011) ou porque estas marcas podem representar um “risco”. É sobre esses artifícios que trataremos no próximo capítulo.

Mais do que responder uma pergunta específica, quero provocar uma reflexão acerca dos efeitos subversivos da intersecção raça/gênero. Sobre esta questão, Reduzino (2012, p. 92) afirma que:

A homossexualidade para alguns grupos negros pode ser considerada como um desvio de comportamento advindo de fora do grupo, sendo incorporada por indivíduos do grupo que possuem em si fraqueza de caráter ou anomalia congênita. Sendo o “mal” da raça, a desonrar maior como a fala ilustra, seria esta vivência como assunção da ‘inversão’ de papéis de gênero/sexual por parte deste indivíduo, diante a complementação binária normativa da heterossexualidade compulsória homem/mulher, masculino/feminino, ativo/passivo. Assim, dois negros vivendo a experiência homoafetiva juntos seria o ápice da anormalidade devido esta oposição normativa reificada pelo grupo racial. Dois homens negros enamorando denotaria no imaginário social um lugar de passividade de um deles assumido socialmente, perante esta norma.

Antes de abordar as formas de resistência, bem como o seu potencial subversivo, é necessário, para uma melhor leitura, destacar que estou tratando aqui das performances e não das performatividades. Do ponto de vista teórico, presumo que haja certo uso, por vezes até indiscriminado, dos dois termos associados às questões de gênero. Neste momento, apenas admito a distinção entre os conceitos e faço opção pelo primeiro, tendo como norte o uso deste termo como feito por Butler (1988). Quanto a esta sintética definição, vale ressaltar os aspectos histórico e contextual; a inteligibilidade e certa eficácia simbólica que puderam ser articulados, revelando pontos de contato com o conceito de performance.

No que se refere aos atributos apontados, volto-me, mais uma vez, para as dinâmicas de sociabilidade, e percebo que, dentro de um grupo de “*gays*”, essa categoria perde um pouco do sentido acusatório que tem na moral social, o que não implica dizer que não haja processos de discriminação e preconceito, mas o contrário, como temos visto no curso deste capítulo.

Um exemplo disso foi o que ocorreu no início de uma noite de domingo, desses bem quentes, comuns em Goiânia. Eu estava no Feirão, na companhia de Marcos e Gildo. Estávamos sentados em uma das mesas conversando, enquanto observávamos o grande movimento de pessoas naquela noite, estimulado por um *show*, uma atração especial. De onde

estávamos, conseguíamos ter uma boa visão da entrada e podíamos, portanto, saber quem entrava e quem saía, e se o fazia sozinho ou acompanhado. Gildo, então, avistou Bento. Sua primeira expressão foi de entusiasmo e empolgação, e se expressou por meio de um “ai se aquele cara me pegasse”.

Não passaram mais do que alguns segundos para Gildo mudar sua expressão e chamar nossa atenção para a indumentária de Bento. Gildo exclamou: “olha aquela bermuda dobrada e aquela sandália! *Ela* [Bento] tá toda feminina” (grifo meu); e, assim, aquele rapaz, que era tão atraente e percebido como “o tipo de homem” que Gildo se interessava, rapidamente perdeu parte do seu encanto. Nem mesmo a barba por fazer, o capacete<sup>87</sup> ou a performatividade, que insinuava pouca habilidade com as coreografias e passos de dança, pareciam ser capazes de preservar uma imagem que Marcos e, principalmente, Gildo pareciam ter de Bento.

Gildo considera a barra da bermuda dobrada como uma preocupação exacerbada com o *look*. Em geral, esse modelo começou a ser utilizado por jovens *gays*, que, para mostrarem as pernas e com o intuito de encurtar o comprimento da peça, faziam dobras na bainha, que, muitas vezes, expunham as pernas dos homens acima do joelho.

Daquele dia em diante, pelo menos enquanto durou o trabalho de campo, a referência a Bento passou a ser no feminino. “Olha ela, chegando!”, diziam quando se aproximava. Assim, a impressão que havia sido construída foi substituída por um “hoje ele está vestido de homem”, que, mesmo assim, remetia a um estado momentâneo e não mais a uma “identidade” do mesmo.

Nesta narrativa, há um exemplo interessante para se pensar como, para além de um aparente respeito,<sup>88</sup> alguns atos trazem à tona as expectativas e a moral que fazem desses sujeitos reprodutores de alguns valores sociais hegemônicos. O fato é que, mesmo desviando em alguma medida da expectativa social,<sup>89</sup> a socialização dessas normas as torna parte da sociedade que condicionam. Ou seja, a percepção e a representação de Bento no feminino contêm a intenção não apenas de desvalorizá-lo e deslocá-lo na hierarquia valorativa, como também de reprovar suas escolhas no que se refere à vestimenta.

A reflexão focada em grupos não hegemônicos, em territorialidades também distintas, como é o caso deste estudo, tem contribuído para a reflexão a respeito das normas, valores e

---

<sup>87</sup>Cito esses elementos da composição da indumentária de Bento, porque, além de se referir ao seu meio de transporte, ter a motocicleta e a conduzir remete a um aspecto da masculinidade.

<sup>88</sup>A alusão a respeito, aqui, faz referência a uma ideia de senso comum que cria uma imagem da “comunidade” LGBT como sendo respeitosa às diferenças e à diversidade.

<sup>89</sup>Tanto as expectativas relativas à sexualidade, quanto ao gênero.

expectativas sociais mais amplos, ou seja, que dizem respeito à organização social. Uma de suas principais contribuições é a de revelar a eficácia do modo de dominação e desmistificar uma possível anulação de seus efeitos em contextos de sociabilidades não hegemônicas, como em redes *gays*, travestis e etc.

Tal atitude de reprovação<sup>90</sup> somente teria eficácia como condição para a aceitação de Bento neste suposto grupo, o que demandaria algum mecanismo grupal para informar a Bento que aquela roupa era desaprovada naquele grupo. Alguns desses meios seriam as brincadeiras, como, por exemplo, a “xoxação”,<sup>91</sup> mecanismo que, de maneira jocosa, comunica algo a um sujeito, porém, com a ironia e a licença de uma “gozação”.

Por outro lado, se Bento tivesse algum interesse maior em participar do grupo ou “ficar” com algum deles, poderíamos dizer que Bento “escolheu a roupa errada para aquele dia”, visto que aquela indumentária causou uma impressão que não condiz com a expectativa deste grupo de pessoas, ou mesmo com a impressão que o próprio faz de si, relativamente ao seu gênero, que se autoafirma como “feminino”. Revela-se, portanto, quão instável pode ser a afirmação ou o reconhecimento das masculinidades, dadas as suas oscilações em relação à masculinidade idealizada.

A referência ao grupo que faço aqui é hipotética e se configura como um mecanismo para ilustrar a possibilidade de que, em vez de apenas Gildo e Marcos, estivéssemos tratando de uma rede ou um grupo maior, com mais pessoas, cujos membros se vissem e comportassem como tal. Ainda que reconheça duas ou três pessoas como grupo, a ideia que temos de um grupo – como aquele dos amigos da escola, do clube e da vizinhança –, sempre remete a um número maior de pessoas que compartilham gostos e desejos.

Dado o ambiente de contínua suspeição da virilidade decorrente da atração de públicos não hegemônicos, a impressão que se tem é a de os sujeitos estão constantemente analisando os “padrões de atos” dos outros e de si. Nesse meio, independentemente de haver intenção ou não do sujeito em seguir uma “linha”,<sup>92</sup> os outros sujeitos, na interação, irão supor que o ego agiu segundo uma intenção.

Esse cenário inscreve o sujeito em uma situação que o impele a levar em consideração a “impressão que os outros possivelmente formaram sobre ele” (GOFFMAN, 2011, p. 13). Para Goffman (2011, p. 14), em situações nas quais se instala uma “boa impressão”, a fachada

---

<sup>90</sup>Atitude de Marcos e Gildo.

<sup>91</sup>“Xoxar” é uma categoria, um verbo, muito utilizado nas gírias *gays* (principalmente), que tem a ver com o ato de debochar ou zombar de outrem.

<sup>92</sup>“Linha”, segundo Goffman (2011), corresponde a certo “padrão de atos” performados por um sujeito.

alude ao que é socialmente valorizado, ou, ainda, ao “valor positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ele assumiu durante um contato particular”.

A percepção daquilo que seria aprovado e causaria uma boa impressão deve ser algo aprendido. Bento parece não ter sido exposto ou se preocupado com a impressão que causaria, pois, para ele, pelo que pude perceber, aquela foi apenas uma noite de diversão, na qual ele pôde usar a roupa que lhe aprouvesse, sem se sentir obrigado<sup>93</sup> ao tênis, à calça *jeans*<sup>94</sup> e à camisa que compõem a indumentária convencional que se espera encontrar em boates e bares.

Pelo exposto, poderíamos, num primeiro momento, supor certa regra e postular certo entendimento sobre determinados itens da indumentária. Acontece que, mais uma vez, os “usos sociais dos bens” nos permitem avançar na complexidade e nas múltiplas ideias que se tem ou se produzem em relação às coisas. Deve-se analisar, portanto, o intrigante fenômeno que torna as mesmas sandálias depreciadas, como no caso de Bento, ou valorizadas, quando usadas por outros indivíduos, representantes de outra masculinidade,<sup>95</sup> sendo neste caso entendidas como componentes que compõem a representação que os *gays* têm dos “*boys*”.

Apesar de, aparentemente, os “*boys*” se importarem muito pouco com o que os *gays* vão pensar sobre eles, a composição com a sandália (especialmente a de borracha) é admitida. Os atributos de virilidade, apresentados pela indumentária “pouco *fashion*”,<sup>96</sup> acabam atestando a crença na virilidade destes, o que alimenta um imaginário e instiga, em algumas pessoas, um fetiche sexual.

### 3.3 “Cafuços”: corpo, fetiche, interseccionalidades e poder

Ao focar a atenção na análise das indumentárias dos sujeitos, percebemos que esses elementos ajudam a entender não só as relações sociais e as sociabilidades, como também as relações de poder que decorrem da valoração da “diferença”. Como vimos no tópico anterior, uma única peça de roupa acaba tendo o potencial de mudar ou criar a impressão ou a imagem que se tem/tinha de uma pessoa. Foi, por exemplo, o que aconteceu em relação à imagem que Gildo tinha de Bento. Seu modelo de bermuda – usado em uma ocasião específica e uma

<sup>93</sup>A maioria de bares e boates que conheço não estabelece nenhum tipo de “traje obrigatório” para entrar, mas a ideia de conforto e versatilidade que são atribuídas a essas peças de vestuário, tornam-nas uma escolha quase obrigatória, cabendo aos modelos, às cores e às marcas a devida distinção entre os/as sujeitos/as.

<sup>94</sup>Sobre as significações do jeans para as culturas jovens e sua expansão, ver Miller (2007).

<sup>95</sup>Referência à masculinidade é a dos “cafuços”, corporeidade sobre a qual nos atentaremos ainda neste capítulo.

<sup>96</sup>Seja pela falta de combinação de cores, de estampas ou de outros detalhes.

única vez – comunicou algo que colocou em suspensão a “virilidade” que ele inspirava em Gildo e, possivelmente, em algumas outras pessoas até então.

Ao afirmar que uma única peça de roupa acaba tendo o potencial de mudar impressões sobre outrem, procuro evidenciar possíveis algumas interpretações e associações generificadas de mundo e coisas que compõe o universo social de algum grupo de sujeitos; interpretações que remetem ao caráter contextual e socializado de entendimento dos bens. Logo, tal potencial se articula diretamente às distintas interpretações que se pode ter de determinado objeto.

Há um ponto de tensão, pois, mais uma vez, a norma se revela em sua complexidade. O fato de elementos que evocam certa masculinidade serem valorizados (ou valorados) remete à ‘hegemonia masculina’. Hegemonia que, por sua vez, fornece elementos para refutar certa ideia de igualdade e de não discriminação no que diz respeito à performance de gênero, pelo menos intragrupo LGBT.

Quanto a essa dominação/hegemonia, em vez de a tomar como uma mera constatação, resolvemos questionar se essa valoração implica poder (de fato) ou se se trata apenas de mais um modo de exotização da diferença. Caminhamos, assim, para uma análise cujo elemento é a identidade atribuída naquele espaço a certos sujeitos reconhecidos como viris, ou supostamente viris. Nesse sentido, Rosa (2006, p. 77) argumenta que “a virilidade nem sempre é remetida a qualquer desempenho de atividades sexuais, é geralmente pensada como o desempenho de um comportamento social vinculado à coragem, ao destemor, à independência e à iniciativa”.

Dito isso, tomo como objeto de reflexão uma tipificação ou categoria êmica por meio da qual se classificam alguns homens como “cafuçus”. Expressão utilizada por grande parte da “comunidade *gay*”<sup>97</sup> para designar/adjetivar homens que, em termos macrosociológicos, em sua grande maioria, são moradores da periferia das cidades e que, por conseguinte, também são trabalhadores assalariados, com baixa escolarização, ocupando posições que não exigem muito estudo e instrução formal, como pedreiros, ambulantes e afins. Em relação a seu pertencimento racial, são majoritariamente negros – pardos ou pretos.

---

<sup>97</sup> O termo comunidade implica uma percepção homogeneizante que invisibiliza hierarquias e desentendimentos, inclusive, os relativos à constituição de um único movimento social representativo de todas as diversas demandas. Aqui se estabelece uma percepção de que há a universalidade de alguns termos, como “cafuçu”, como se todo *gay* soubesse ou utilizasse o termo.

Devido às conotações inferiorizadas dessas características, percebe-se que estas não são acionados no intuito de uma autoidentificação requerida, e, sim, por uma identidade atribuída, uma vez que revela condições materiais e econômicas desfavoráveis.

Com relação à referida categoria de “cafuçu”, que emerge como um código de gírias de sociabilidades *gays*, é preciso frisar que seu uso/ significado não se restringe ao “Feirão”, tendo sido evocado em outras situações sociais e captado por mim em outros contextos. Pelo que pude apreender, sua origem remete ao Estado da Paraíba,<sup>98</sup> e mais especificamente à região de João Pessoa, onde existe um bloco carnavalesco de mesmo nome. Nessa cidade, o termo é utilizado por distintos grupos para designar algo “brega” ou cafona. Em Goiânia, a especificidade ocorre porque, dadas as características apontadas como relativas à masculinidade viril, os “cafuçus” não transitam, ao menos no âmbito do mercado goiano, em espaços voltados ao público *gay*.

Portanto, os “cafuçus” seriam indivíduos fetichizados, entre outros motivos, por uma ambígua relação de proximidade, pois compõem a paisagem da vida cotidiana das cidades, ao mesmo tempo em que, por ocasião das circunstâncias, os encontros e a paquera com um deles, dada a dificuldade, configuraria uma fantasia erótica. Esta é fruto, justamente, de um mito e do medo de se aproximar deles, visto que a presunção heterossexual inspira simultaneamente a erotização da possibilidade ser bem-sucedida e o medo ao imaginar as possíveis agressões que a investida malsucedida poderia acarretar.

Acerca dessa possibilidade de agressão, há de se atinar para o fato de a ‘masculinidade negra’, de modo geral, “buscar sua efetivação no campo da afirmação violenta” (ROSA, 2006, p. 75), dimensão que não deixa de ser fetichizada e reforçada ao se desenvolver atração erótica pela categoria.

O *gay* que consegue a “proeza” de “ficar” com um deles é prestigiado e exaltado, o que, de alguma forma, atrai homens e mulheres com interesse sexual<sup>99</sup> em “cafuçus”. Lembro-me que não foram poucas as vezes em que os sujeitos, em especial Marcos, eram

---

<sup>98</sup> Gostaria de fazer menção ao frutífero debate e às contribuições da coordenação e dos demais expositores do GT *Gênero, raça e etnia* do IV Seminário Nacional *Gênero e Práticas Culturais* (UEPB/UEPB). Realizado em João Pessoa, entre os dias 27 e 29 de novembro de 2013, onde, juntamente a meu orientador, apresentei as discussões preliminares desta dissertação na exposição intitulada *Entre o “Feirão” e o Armário: um estudo sobre discursos de pertencimento e relatedness entre jovens gays da periferia de Goiânia-GO* (HAMMES; BRAZ, 2013).

<sup>99</sup> Certa vez, Gena, que se afirma heterossexual, disse-me ir ao Feirão não só para acompanhar o amigo *gay*, mas também para procurar um “cafuçu” pra ela ficar. Outra vez, uma colega que frequentou o Feirão antes da pesquisa afirmou que também ia pra lá porque teria uma “cafuceta” (cafuçu + buceta).

aplaudidos ou exaltados sempre que eram vistos ou retornavam na companhia de um deles de uma incursão à área externa do Feirão, onde “ficou” com um “boy”.

Compõem o campo também as narrativas dos sujeitos interlocutores desta investigação. E estas mencionaram que havia uma espécie de exigência feita pelos “cafuços”, condicionando a “ficada” à ida a uma parte mais “reservada” do Feirão, para não serem vistos juntos. Alguns, inclusive, exigiam que os rapazes (assumidamente *gays*) saíssem do Feirão, e que a “ficada” ocorresse em um dos lotes (vazios) vizinhos ao local.

A categoria “boy”, conforme a etnografia me permitiu apreender, é acionada por grupos *gays* para se referirem aos outros homens, *gays* ou não, cuja performance e comportamento atendessem a seus padrões de virilidade. Explica-se, dessa maneira, o motivo de a revelação como não heterossexual de um suposto “boy” ocasionar o seu não tratamento por “boy”, ainda que o rapaz/homem continue sendo desejável. “Cafuços”, michês e outros homens podem ser também incluídos nesta categoria de masculinidade mais genérica.

Ao abordar a questão a partir de outro *lócus*, a produção fílmica de pornografia *gay* no Brasil, Pinho (2012) contribui com elementos significativos e que dialogam com a importância que o “cafuço” ganha neste contexto homoerótico de lazer, flerte e sociabilidade noturna que é o “Feirão”. Dentre esses elementos: a posição ativa ou a atividade (sexual) que, segundo os/as informantes, os fazem se envolver tanto com as mulheres heterossexuais quanto com homens *gays*, nas palavras dos sujeitos, cafuços “não dispensam um buraco”; e o pertencimento étnico-racial, visto como potencializador da disposição sexual.<sup>100</sup>

Como apontou Perlongher (1987), a virilidade, muito associada ao desempenho sexual, era um produto valorizado no espaço por ele pesquisado,<sup>101</sup> passando a se configurar como uma convenção de mercado, não somente estrita dos profissionais do sexo, como também da noite<sup>102</sup> de modo geral. Segundo o que vi e ouvi dos sujeitos no trabalho de campo, o mesmo se aplica ao “Feirão”, pois ali a virilidade também é valorada enquanto convenção.<sup>103</sup>

Resta a pergunta que o autor não fez em sua análise: a virilidade enquanto um produto valorizado existiria no mercado sexual e no flerte decorrente da sociabilidade se não houvesse

<sup>100</sup>Imagens da ‘mulata ferosa’ e do ‘negro viril’ são efeitos destas construções coloniais em torno dos estereótipos brasileiros.

<sup>101</sup>O espaço do autor são as territorialidades de prostituição masculina, de michês, em uma área de São Paulo na década de 1980. Ver Perlongher (1987).

<sup>102</sup>Noite, aqui, acaba se tornando uma metonímia para todas as práticas e os imaginários de senso comum ligados ao mercado do sexo, do lazer e da paquera noturna.

<sup>103</sup>Como vimos nos itens anteriores, a virilidade masculina é uma convenção, assim como a expectativa social.

“clientes”<sup>104</sup> que a demandassem? Em uma relação interessada (ou de interesse) que, no nosso caso, tem a ver com afeto e/ou desejo sexual, quem domina é o viril (produto) ou quem busca (cliente) a virilidade?

Saliento essa relação ‘viril/virilidade’ como produto e aquele que busca como cliente justamente para destacar, nessa situação, uma relação de mercado. Acredito haver um paralelo entre as leis e as convenções de mercado, em que a virilidade é um ‘bem/produto’, que só se perpetua assim por sua valoração e aprovação social.

Tal virilidade pode ser performada e percebida no “Feirão” através do modo de vestir dos “cafuços”, que é pouco sofisticado e “largadão”. Ou seja, um estereótipo de homem cujas roupas são ‘cafônicas’, reificando sua aparente despreocupação com combinação de cores e estampas das roupas. Segundo nossa hipótese, o modo de vestir se torna um item avaliado pelos outros homens (*gays*) e chama atenção por se ligar à ideia de senso comum que advoga uma dificuldade “natural” dos homens ao se produzirem de maneira elegante ou ao terem cuidados consigo.<sup>105</sup> Geralmente, “cafuços” calçam chinelos e usam bonés, e, além dessas marcas que, de certa maneira, refletem ou parecem refletir as condições financeiras, podemos perceber que, dada a sobreposição de ‘raças’ e ‘classes’ na sociedade brasileira,<sup>106</sup> seu pertencimento étnico-racial contribui para essa construção.

Atua na formação da imagem erotizada desses homens a mistificação do corpo negro, o que, de maneira geral, vivifica certo “mito do negro viril”, como nas situações de pesquisa e análise apontadas por autoras/es como Messeder (1999) e Pinho (2012).

A introdução de diferenças raciais, ou de classe, no interior desse aparato representacional, como um sinal invertido da subordinação realmente existente, faz das inferioridades social e política marcas de um atrativo erótico quase irresistível, como se observa para contexto concreto da prática homossexual em diversos quadrantes da América Latina, onde a transgressão do interdito homossexual, parece favorecida pela diferença de classe entre o homossexual de classe média e o jovem heterossexual negro (ou meramente pobre) da periferia ou favela [...]. Ora, essa mesma diferença é erotizada à exaustão nos sites e filmes em questão. O que é eventualmente vivido, entretanto, como um traço das interações homoeróticas na sociedade de

<sup>104</sup>Alargo aqui a dimensão de “cliente” para possibilitar a analogia.

<sup>105</sup>Essa ideia vem convivendo, nos últimos tempos, com a emergência de outras formas e de outros paradigmas referentes ao tema, como, por exemplo, os homens metrossexuais, termo originado no final dos anos de 1990 para designar o homem urbano excessivamente preocupado com a aparência e que se pauta pelas tendências da moda.

<sup>106</sup>Como já dito anteriormente – com base em autoras como Lélia Gonzalez e na arqueologia de como se deu a abolição da escravidão, a qual não foi capaz de propiciar um ambiente de igualdade de oportunidades – negros e negras foram inseridos nos degraus sociais mais baixos como trabalhadores/as domésticos/as ou como serviços braçais.

classes, marcada pela colonialidade do poder e pelo racismo, pode ser, no espaço do imaginário pornográfico, manipulado, teatralizado, hiperbolizado, fetichizado livremente ao sabor da navegação errática na web, tal como ele se regula por meio de uma interface de mercado. (PINHO, 2012, p. 164-165)

Tendo como fundamento a análise do Professor Waldemir Rosa (2006), a qual revela que as bases do projeto de masculinidade negra (no Brasil) foram limitadas pela brutalidade da exploração do trabalho escravo e pelas torturas (físicas e psicológicas) sofridas por negros (e negras), podemos avançar na discussão de tal ‘mito’ do negro viril, sustentando que este se reforça e se renova na esperança de uma postura violenta.

Apresenta-se aí uma intersecção entre “hominidade”<sup>107</sup> e “negritude” que hiperboliza a virilidade de homens negros, “animalizando-a”, sobrepujando, em muitos casos, a virilidade de homens brancos. Decorre disso, portanto, a fetichização dos corpos negros, que, também pode ser percebida, segundo Pinho (2012), em produções de filmes e ‘vídeos amadores’ eróticos, particularmente, dos qualificados pelo mercado como “inter-raciais”, ou seja, filmes em que há homens negros e brancos fazendo sexo entre si.

“Fetichização” é um conceito utilizado para se referir ao processo de produção social de um repertório erótico, com vistas a acentuar o desejo sexual por certos corpos ou suas partes. Pinho (2012), por exemplo, analisou, no Brasil, o processo de tornar o corpo negro desejável, completo ou em partes.

Nesses filmes,<sup>108</sup> na maioria das vezes, a relação sexual ocorre com a penetração realizada pelo negro, reproduzindo assim certo padrão: negro ativo e branco passivo. Esse tipo de produção, ao que tudo indica, reflete o imaginário e o desejo erótico nutrido por uma parcela da sociedade que enxerga em negros e negras a selvageria erotizada e a predisposição ao sexo. Essas películas também atuam na propagação de outras imagens preconceituosas e distorcidas, as quais limitam a imagem e a representação dos negros à mulata do carnaval, ao “negão comedor” e suas variáveis, como o “pedreiro machão”, etc.

Ressalta-se que, nesse caso, virilidade não implica necessariamente poder e dominação, uma vez que tal virilidade, ao “animalizar” esses homens, atribui a eles uma condição “menos humana”, como se estivessem mais preparados fisicamente para trabalhos braçais do que outros homens não negros. São esses estereótipos que, apesar da aparente valorização, acabam por reforçar traços que os mantêm subordinados na estrutura social,

<sup>107</sup>“Hominidade” trata de uma abordagem relacionada à condição “biológica” de homem. Para uma melhor apreensão, ver Rego (2015).

<sup>108</sup>Para uma discussão crítica acerca da articulação entre raça, sexualidade e gênero na produção pornográfica gay e do desejo sexual racializado, ver Pinho (2012).

configurando-se, assim, um aparente paradoxo. Se este estereótipo lhes assegura um *status* associado à “masculinidade”, também os limita à condição de fetiche sexual.

As categorias pejorativas, relativas, por exemplo, à “regionalidade”, ou à categoria “bagaceira”, entre outras, simultaneamente, desqualificam e exaltam uma mesma característica do indivíduo (do eu/nós). Por exemplo, ao imputar certa “promiscuidade” aos não goianos, estes simultaneamente se identificam como “não promíscuos”. Tal mecanismo atuaria, ao mesmo tempo, estabelecendo certas diferenças consideradas positivas e, pelo seu caráter binário, outras consideradas negativas.

Todas essas marcas sociais, desde o gênero e a sexualidade até o pertencimento étnico, são lidas e interpretadas socialmente e, como vimos em algumas situações narradas neste capítulo, implicam poder e subordinação. Para tentar desvencilhar-se do peso que algumas delas acabam representando, os sujeitos elaboram narrativas e justificativas. Nesse *hall* podemos incluir a tentativa de dissimular algumas características para causar “boa impressão” (GOFFMAN, 2011), ou, mesmo, para fugir do “risco”<sup>109</sup> que podem representar.

Os sujeitos podem, por exemplo, “compartimentar” certas características, como se fossem “detalhes” ou imperfeições que podem ser corrigidas ou disfarçadas. É o caso do alisamento de cabelo, por meio do qual transformam seus cabelos crespos ou “cabelo de preto”,<sup>110</sup> como dizem os sujeitos, em cabelo liso, ou melhor, “alisado”.

Notamos, dessa forma, que são as articulações entre as marcas sociais da diferença que estabelecem os lugares possíveis para cada tipo de corporeidade. Aqui, vale lembrar também que, paradoxalmente, aqueles mesmos nordestinos ou “nortistas”, que são evitados por Marcos ou Gildo, voltam à cena quando o assunto é um relacionamento amoroso, ocupando um lugar relevante quando sua performance masculina inspira virilidade, especialmente, tendo em vista aqueles dentre eles que se enquadram na categoria de “cafuçu”.

O constrangimento advindo da ridicularização ou de piadas preconceituosas acaba não sendo a única forma pela qual se toma consciência das reações geradas pela incompatibilidade de um corpo com a expectativa social de determinados lugares. Existem, assim, como chamou atenção Cirqueira (2010), outras experiências sociais pelas quais esses sujeitos passam que lhes “ensinam” a norma de certos lugares, as quais o autor chama de “topofóbicas”. Em

---

<sup>109</sup>No próximo capítulo, apresentarei uma breve discussão, a partir do trabalho de campo, que visa a analisar os “riscos” que uma performatividade subversiva ou destoante de gênero pode representar aos sujeitos.

<sup>110</sup>Marcos, algumas vezes, referiu-se ao próprio cabelo dessa maneira, geralmente incomodado ou preocupado com o “retoque da raiz”, devido ao receio de ficar “parecido” com algo que não gosta. De maneira que, em hipótese alguma, eles esperam o prazo recomendado para o reforço da química, estão sempre um pouco adiantados para não correr o risco de perder aquela textura de cabelo.

especial, no que tange aos descompassos ocasionados pela não aceitação do gênero e/ou sexualidade e/ou raça, veremos no capítulo seguinte como os sujeitos os percebem (bem como os artifícios que usam para lidar ou escapar dos riscos de) “ser o que são”.

Percebemos, então, que é num lugar bem específico e, conseqüentemente, numa posição subordinada ao desejo de outros/as que esses sujeitos são inseridos na rígida estrutura social. É essa estrutura que define os locais que esses e outros corpos podem ocupar, bem como o trânsito que lhes é permitido. Esse arranjo garante livre escolha de lugares e um trânsito irrestrito aos ocupantes de posições mais privilegiadas na hierarquia social, determinando, por conseguinte, como serão, tanto na sua dimensão geográfica quanto na social, hierarquizados os lugares.

Tal regra é eficazmente apreendida, como verificamos ao longo deste capítulo. Pautados nesta, os sujeitos socialmente reconhecidos e empoderados a praticam e transmitem, ainda que, para tanto, precisem constranger aqueles corpos que não se enquadrem nos padrões (de beleza, cor, idade, magreza) de certos lugares. A obediência a esse preceito e sua eficácia contribuem para que a norma e a expectativa social se concretizem e perpetuem naturalizando os “lugares” (sociais e geográficos) como valorizados e desvalorizados. O “Feirão” não foge à regra e está inserido nesta hierarquia social, o que será tratado no próximo capítulo, com a exemplificação de distintas situações nas quais os sujeitos acionam a norma.

#### 4 “ESSA É A PRIMEIRA VEZ QUE EU VIM AQUI”: NOTAS SOBRE OS RISCOS E PERIGOS DE ESTAR NO FEIRÃO

Esse ajuste de foco – graças ao *qual não se necessita ir muito longe para encontrar o “outro” – terminou revelando uma realidade que aparentemente nada fica a dever ao exotismo que tanto espantava os europeus em contato com os povos “primitivos”*: basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos e logo entra-se em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças, valores (...). Mas o que importa ao olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, *nesse e em outros domínios das práticas culturais, e sim a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade – e que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido*. O processo de acercamento e descoberta desse significado pode ser trabalhoso, mas o resultado é enriquecedor: permite conhecer e participar de uma experiência nova, compartilhando-a com aqueles que a vivem como se fosse “natural”, posto que se trata de sua cultura. (MAGNANI, 1996, p. 3, grifo meu)

Essa citação permite elencar alguns elementos que reforçam a importância da pesquisa social e antropológica em contextos urbanos, e, dentre estes, o que norteia as discussões ao reforçar o foco na diferença: a apreensão da diversidade nos “grandes centros urbanos”; a qual evidencia a potencialidade dos estudos em tais contextos, como é o caso da presente dissertação, que exigiu deste antropólogo a devida atenção, ao estranhar os riscos e perigos de se estar no “Feirão” e com estes me familiarizar. Ressalto, nesse sentido, que cabe aos antropólogos não apenas registrar a diversidade cultural, mas ‘experimental’ o significado dos comportamentos pelos quais esta se expressa, visto que as experiências “só aparecem como: exóticas, estranhas ou até mesmo **perigosas** quando seu significado é desconhecido” (MAGNANI, 1996, p. 3, grifo meu).

Dessa maneira, assinalo, que escolher etnografar uma/numa periferia implica (ou pelo menos deveria implicar) dialogar com as várias dimensões da construção do estigma atribuído ao “lugar”, como também com a própria construção deste conceito. A preocupação sinalizada em todo o curso desta dissertação e que se aplica a este capítulo não é de nutrir o que Magnani (1996) já chamava de “exotização”, mas de revelar as bases, empíricas ou não, de sua validação e perpetuação, visibilizando o processo perpetuador e criador da atmosfera de “perigo” e/ou de “risco” que envolve esses comportamentos desconhecidos.

E, para esta discussão, trago a contribuição de Mary Douglas (1976), no livro *Pureza e Perigo*, mais especificamente no capítulo *Limites externos*, no qual a autora afirma que “a

ideia de sociedade é uma **imagem** poderosa” e que “esta imagem tem forma, **limites** externos, margens e estrutura interna. Seus contornos **encerram poder** de recompensar a conformidade e repelir o ataque” (DOUGLAS, 1976, p. 141, grifo meu). Em uma apropriação extrapolada dos termos da autora, consideremos que esse poder de “recompensar” ou “repelir” se materialize não só no discurso de “perigo” que delimita, qualifica e “determina” os espaços, mas também na formulação de imagens, por vezes hiperbolizadas e estigmatizadas, dos sujeitos que por estes transitam ou que nestes se instalam.

Em uma realidade de pesquisa na qual se justapõem a estigmatização construída em relação ao lugar e o estereótipo produzido acerca de um “sujeito do lugar”, suas características, preconceitos, gostos, etnia e orientação sexual se tornam, portanto, determinantes e até mesmo “perigosas” para a imagem do local. É através dessas representações que se delineiam os limites e algumas definições por meio das quais a noção de periferia e de suas paisagens são tratadas. Desta maneira, revela-se a estreita conexão entre a realidade das classes socioeconômicas e a replicação do modelo ‘centro vs. periferia’.

Ao fazer essa opção, procurei ‘desconstruir’ a associação artificial entre “periferia” e “negritude”, a qual naturaliza os locais de baixa renda, afastados e estigmatizados econômica e socialmente como “lugar de negro”. Essa associação evidencia a manutenção de uma condição social historicamente datada, articulada numa situação subalternizada. Esses lugares são assim chamados por terem uma composição populacional com maior presença negra, o que se justifica na constatação de que há superposição entre raça e classe no Brasil. A análise de Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982, p. 15), em sua obra “Lugar de Negro”, aponta neste mesmo sentido:

Os diferentes modos de dominação das diferentes fases de produção econômicas no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do *lugar natural* de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.

Em análises mais recentes, como a de Alex Ratts (2011, p. 2), interpreta-se como “um dualismo por vezes muito esquemático, mas didático e analítico” a distinção que Gonzalez e Hasenbalg fazem entre “lugares de branco” e “lugares de negro”. Muito embora, atualmente,

nós pesquisadores/as compreendamos a intencionalidade, à época da produção do trabalho, o hiato de uma sociedade muito mais segregada, leva-nos a crer que essas divisões duais não se mantêm exatamente como apontam os estudos realizados,<sup>111</sup> haja vista os movimentos de ascensão social/econômica de alguns/algumas negros/as,<sup>112</sup> bem como a existência de brancos/as pobres.

Ao tomar como objeto de estudo as sociabilidades no “Feirão”, lidei com as discussões contemporâneas sobre análises interseccionais em contextos semelhantes, fazendo alusões a pesquisas científicas brasileiras, como as de Pinho (2008), Piscitelli (2008), Ratts (2011). Ao analisarem questões de sexualidade, gênero, raça e classe, esses autores trouxeram a dimensão da indissociabilidade desses marcadores para a produção de uma análise densa, tal qual prima Kimberlé Crenshaw (2002), afirmando ser possível de se perceber os efeitos dessas marcas na construção social dos indivíduos e de suas experiências.

Tal percepção e desafio se tornam interessantes não só do ponto de vista da análise, como também das técnicas de coleta/produção de dados nesta pesquisa, já que as realizei em um estabelecimento que tem como sua marca, simultaneamente, estereótipos relacionados às homossexualidades, à classe, ao gênero, à raça e à região geográfica de origem dos sujeitos, e à percepção de seus frequentadores a partir da experiência e da experimentação de ir até o lugar.

Segundo Ratts (2011, p. 2), a categoria “lugar” indica, numa abordagem da geografia crítica, o espaço, seja qual for a escala, em que o indivíduo se reconhece em relação ao local, “que por sua vez, pode ser a rua, a praça, o bairro, a pequena cidade ou, para alguns autores, a cidade, a região, ou a nação”. Nessa linha, ofereço a contribuição de Cirqueira (2010, p. 45) a respeito da forma diferenciada pela qual os/as negros/as vivenciam os lugares.

Acreditamos que o racismo influencia a constituição dos lugares, uma vez que o local onde o corpo negro está é percebido e é significado é colocado em confronto. Em linhas gerais, é no lugar onde convergem as experiências e as vivências determinadas pelo racismo, que atuam como fator influenciador das experiências topofóbicas<sup>113</sup> e topofílicas<sup>114</sup> dos

---

<sup>111</sup>O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) publicou pesquisa em 2008 sobre o tema das desigualdades econômicas entre negros e brancos no Brasil, por ocasião dos 120 anos da assinatura da lei Áurea.

<sup>112</sup>Apesar de estudos apontarem índices de redução destas desigualdades, devemos ser cautelosos e cuidadosos ao tomar estes resultados justamente por perceber que esta melhora nos índices demandou muito tempo e ainda demandará mais tempo e muito enfrentamento político e social. Desta forma demonstro inclinação pela percepção mais dual.

<sup>113</sup>Experiências topofóbicas, segundo o autor, são aquelas (próprias dos sujeitos ou socializadas por terceiros) que delimitam lugares, simbólicos e físicos, nos quais esses corpos/sujeitos não podem transitar ou não podem

indivíduos. Apesar de indivíduos negros vivenciarem o “lugar” de forma diferenciada, há uma unidade no modo como experienciam em grupo o espaço. Apesar das espacialidades – diríamos “lugaridades” – diferenciadas, percebemos que as experiências sociais/raciais dos negros em geral possuem algumas semelhanças.

Essa noção é bastante elucidativa, pois evidencia as situações de preconceito de uma dada vivência. Além disso, mostra que esses corpos são percebidos e percebem os espaços de maneiras distintas. Esse entendimento é o que atribui ao espaço a categoria “lugar”, criando, com ele, percepções de aversão ou pertença. Há de se acrescentar que a maneira como ocorre esta passagem de espaço a lugar é sempre relacional (distinta e/ou semelhante), e se dá sempre em relação aos sujeitos na/da norma.

Ressalte-se que essa aparente arbitrariedade da noção de lugar (de negro) está totalmente atravessada por relações de poder, as quais também são “lugarizadas”, ou seja, a manifestação do preconceito, neste caso a manifestação do racismo, dá-se por meio do processo que Cirqueira chamou de “topofobia”, ou seja, por intermédio de experiências próprias ou socializadas por terceiros, a partir das quais se delimitam os lugares, simbólicos e/ou físicos, por onde esses sujeitos podem ou não transitar/estar.

Por outro lado, sendo as experiências sociais e culturais múltiplas, a palavra “negro” poderia ser substituída neste texto por uma série de outras que remetem a categorias identitárias marginalizadas, tais como *gays*, lésbicas e travestis. Avançando na complexidade, podemos interseccionar essas categorias por outros marcadores sociais da diferença: travesti negra, *gay* branco e etc.; evidenciando um corolário de pertencimentos a serem acionados distintamente, assim como também de maneira relacional e contextual. A distinção é feita também em relação às experiências diferenciadas, tanto “topofílicas”, quanto “topofóbicas”, ou seja, as hierarquias sociais são provenientes de juízos de valores, e estão sujeitas não apenas às relações sociais, mas também estão sempre inscritas no espaço: “lugarizadas” ou “territorializadas”.

Desenvolver a pesquisa num “lugar” (RATTS, 2011) de consumo e homosociabilidade descompassado com as normas hegemônicas de gostos de classe e de estilos de vida *gays* ou GLS proporciona um diálogo com formas marginalizadas e

---

estar. Em suma, tem a ver com os lugares nos quais determinados corpos, por força das experiências de desconforto ou sentimento de “deslocamento”, não serão tolerados.

<sup>14</sup>Experiências topofílicas, segundo o autor, são aquelas (próprias dos sujeitos ou socializadas por terceiros) que delimitam lugares, simbólicos e físicos, nos quais esses corpos/sujeitos podem (ou devem) transitar ou podem (ou devem) estar. Em suma, tem a ver com os lugares nos quais determinados corpos, por força das experiências de conforto ou sentimento de pertencimento, serão bem-vindos.

invisibilizadas de expressões de afeto/desejo/sexualidade, sexo e gênero. A opção de as observar nos lugares onde se materializa a construção das subjetividades é no intento de contribuir para a relativização da própria noção de “periferia” e de suas paisagens.

Quanto a essa experiência lugarizada, Gayle Rubin (2003), que se debruçou sobre o que chamou de “essencialismo sexual”, denunciou um sistema hierárquico de valor sexual, pautado no plano das relações sociais. O autor trouxe um exemplo que, mesmo não tendo a pretensão<sup>115</sup> de dar conta da variável “lugar”, aponta que:

Casais estáveis, de lésbicas e de *gays* estão próximos da respeitabilidade, mas de lésbicas de bares e homossexuais promíscuos estão pouco acima de grupos da parte mais baixa da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas atualmente são os transexuais, os travestis, os fetichistas, os sadomasoquistas, os trabalhadores do sexo, como prostitutas e modelos pornô e, abaixo de todos os outros, aqueles cujo erotismo ultrapassa as fronteiras das gerações. (RUBIN, 2003, p. 22)

Essa estrutura hierarquizada, que sofisticava a noção de divisão binária dos sexos, também nos faz perceber que a disposição de “lésbicas de bares” junto a “homossexuais promíscuos” em um patamar específico e inferior ao de casais homossexuais pode se vincular à dimensão espacial do lugar. A hipótese é que um dos motivos de estarem nos degraus mais baixos, pouco acima da base da pirâmide sexual, poderia ser o fato de estarem “fora do lugar” possível e designado para a demonstração desse tipo de desejo e afeto, que seria o âmbito privado e não “dos bares”, que aludem a um espaço mais “público”.

Dito isso, gostaria de trazer outra dimensão da intersecção, a qual diz respeito ao modo como a questão da diversidade sexual é tratada em justaposição à questão racial. O trabalho de campo nos traz elementos empíricos para detectar essa dimensão na rede de sociabilidades, haja vista, por exemplo, os discursos em torno de estereótipos e marcas que remetem à negritude. Tal constatação nos remete à indagação de Reduzino (2012) a respeito do movimento LGBT e seu símbolo principal: a “bandeira do arco-íris”, elemento que representaria a acolhida de todas as diferenças e o respeito às mesmas, vivificando o que podemos chamar de o mito “do manto da diversidade”.

Minhas inserções anteriores no campo das relações sociais e políticas envolvidas nas experiências marginalizadas, seja da raça, seja da sexualidade, mostraram que a intersecção de

---

<sup>115</sup> Como anunciado acima, a preocupação da autora nesse texto era a de se debruçar sobre o “lugar” social da sexualidade e do erotismo numa perspectiva histórica, revelando seus atritos e suas relações com a moral através dos últimos séculos (desde o século XVIII). Assim, a atenção da autora revela-se macro e não micro-lugarizada, embora seus exemplos aludem a esta dimensão.

tais marcadores sociais da diferença possibilitam que as estruturas hierárquicas se perpetuem ou se rearticulem em cada contexto específico, o que ocorre até mesmo dentro de grupos de indivíduos. Reforço, por isso, a opção por adotar a abordagem analítica de Crenshaw (2002), a qual exige para sua realização que sejam acessadas tanto as narrativas quanto os indivíduos que estão “às margens destas margens”, ou seja, aqueles percebidos, erroneamente, como sendo “os subordinados dos subordinados”, se assim for possível.

Ainda sobre métodos, optou-se pela interseccionalidade que, segundo Reduzino (2012), não seria um conceito categórico sistematizado, mas sim um método de análise contextualizado das múltiplas formas, através do qual os marcadores sociais da diferença se entrecruzariam nas relações sociais e de poder, mostrando os indivíduos vulnerabilizados dentro do grupo, bem como em toda a sociedade.

A interseccionalidade figura, desse modo, não apenas como um conceito de notável valor, mas também como um método, que jamais trataria múltiplas identidades ou eixos de subordinação como uma equação de soma, no que se refere à vulnerabilidade do indivíduo perante o seu grupo, mas sim como um complexo de múltiplas identidades que fazem deste indivíduo diferente.

#### **4.1 Procura-se um goiano para namorar...**

Como dito anteriormente, o simples fato de ir ao “Feirão” – seja pela primeira vez ou não – comunica algo para quem já é frequentador, despertando principalmente o interesse e a curiosidade em relação à sexualidade do/a sujeito/a. Ao serem indagados pelos curiosos “é sua primeira vez aqui?”, os sujeitos podem elaborar vários discursos para respondê-los, discursos que, como dito anteriormente, podem passar pela afirmação de ser a sua primeira vez no local, podem ressaltar a falta de opções de lazer ou, ainda, revelar uma predileção pelo local.

Desse mesmo modo, a proximidade ou não de alguém ou de algum grupo passa pela elaboração de discursos para justificar tal opção que, inclusive, esbarra em certo “determinismo regional”. Um dos sujeitos da pesquisa, Marcos, por exemplo, comentando sobre um rapaz interessado nele, afirmou que, “para namorar, tem que ser daqui de Goiás, esses maranhenses, paraenses e baianos são muito safados”; e completou, apontando para Gildo: “ele mesmo, conheceu um baiano aqui e quis começar a namorar e o menino era muito safado, por isso que eu procuro goiano para namorar, são menos safados”.

Surge aí mais um desafio analítico: como alguém que tivesse interesse em participar deste grupo conseguiria distinguir um “nortista legítimo” de um goiano? Em especial em um Estado como Goiás, cuja composição majoritária é de imigrantes, principalmente nordestinos. Muitos desses jovens representam a primeira geração de “goianienses”,<sup>116</sup> filhos daqueles que para cá migraram quando da ocupação do território do planalto central. A princípio, instigou-me compreender como estabelecem essa distinção, uma preocupação que se converte em um movimento intencionado de perceber a maneira como o fazem e com qual finalidade.

É possível perceber, novamente, a busca e o estabelecimento da “diferença”, dessa vez com uma fundamentação “regional”, considerando o estado (ou a região geográfica) de origem. A partir daí, repertórios sobre esse “outro” são estabelecidos ou produzidos, ou, como aconteceu na fala de Marcos, experiências individuais e pessoais são estendidas a toda pessoa que tenha uma mesma “origem”, o que não mantém relação com uma verdade, em termos de constatação científica, ocorrendo uma espécie de silogismo cuja conclusão não advém de teses verídicas,<sup>117</sup> mas de relações lógicas espúrias e por generalização.

A “promiscuidade” atribuída aos nortistas e nordestinos dependeria, portanto, de quem a acionasse, e poderia revelar uma tentativa de instaurar uma distinção em relação a outros lugares ou, até mesmo, de denotar ou reproduzir uma imagem estereotipada já existente dessas identidades e lugares. O fato é que, por mais que a intenção do sujeito seja boa em compartilhar e socializar essa experiência pessoal de frustração de sentimentos na tentativa de evitar que outro se frustre pelo mesmo motivo, este “saber”, ao ser compartilhado e internalizado, pode alargar e perpetuar tal estereótipo.

Ampliando esse estigma para outras áreas da vida social, como a “moral”, ou criando generalizações sobre as faculdades do sujeito, como, por exemplo, a inteligência e etc., pode-se limitar as oportunidades reais desses “nortistas”, seja de namoro, seja na vida profissional e etc. Restringe-se, assim, seu “campo de possibilidades” (VELHO, 1994), privando o “nortista” e outra pessoa de uma relação amorosa que poderia se iniciar em um encontro numa noite no “Feirão”. Em relação às possibilidades afetivas ou sexuais que restam, veremos mais à frente as ocupadas pelos nordestinos, as quais são impactadas pela imagem elaborada a respeito deles.

---

<sup>116</sup>Não se trata aqui de aferir uma “goianidade” única e exclusivamente pelo local de nascimento (natural de tal lugar), mas sim de expor a lógica que torna possível um discurso acionado pelos nascidos para, talvez, considerarem-se mais goianos que os outros, quando, na verdade, é o sentimento de pertencimento elaborado ao longo da vida que importa mais.

<sup>117</sup>Um silogismo, como se sabe, é composto por tese, antítese e conclusão. Neste caso, possivelmente teríamos: ‘Fulano é safado/ Fulano é baiano/ Logo, todo baiano é safado’, mostrando assim a inconsistência da tese e da conclusão.



#### 4.2 “Vai lá dentro pra ver o que acontece no escuro”

Por seu caráter contextual, as diferenças se operacionalizam de distintas maneiras, de acordo com cada situação. Uma destas tem a ver com a segregação, que cria territorialidades dentro do espaço do “Feirão”, revelando uma dinâmica dos usos do espaço diferente daquela prescrita em sua concepção, idealizada por Joãozinho Mercês.<sup>118</sup> Se pensarmos o espaço do bar como uma disputa pelo seu uso, aplica-se a noção de “território”. Rogério Haesbaert (2007, p. 20), referindo-se à taxonomia da palavra, afirma que:

O território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no ‘territorium’ são impedidos de entrar.

Cabe pontuar a distinção entre os conceitos de “territorialidade” e “território” apontada por Haesbaert (2007), ao informar que, ao contrário da ideia “unifuncional” de território, que se confunde com a figura do Estado territorial moderno, a territorialidade admite sobreposições de jurisdição e multifuncionalidade, dadas as dimensões econômica e principalmente culturais que admite.

Assim, para além da acepção ‘tradicional’ imbricada em poder político, pensaríamos em uma relação hierarquizada e permeada pelo ‘valor de troca’. Em especial, muito nos ajudaria a entender os usos e o tratamento dado ao espaço do bar a noção implícita decorrente do valor simbólico desse poder, enquanto uma forma de apropriação. Podemos perceber que apesar de o “Feirão” ser “aberto ao público”, cada centímetro é disputado, seja o melhor lugar para dançar, seja o mais escondido, onde não se pode ser visto. Nos termos dessa dominação e das relações simbólicas com o vivido, a acepção de territorialidade possibilita outra leitura do território, que se contrapõe ao território “unifuncional”.

Ao contrário do território “unifuncional” proposto e reproduzido pela lógica capitalista hegemônica, especialmente através da figura do Estado territorial moderno, defensor de uma lógica territorial padrão que, ao contrário de outras formas de ordenação territorial (como a do espaço feudal típico), não admite multiplicidade/ sobreposição de jurisdições e/ou de territorialidades. (HAESBAERT, 2007, p. 21)

---

<sup>118</sup>Cabe salientar que a afirmação da intencionalidade está, para mim, em suspeição, dada sua difícil aferição.

Entende-se, dessa maneira, que o “Feirão” encerra uma série de territorialidades,<sup>119</sup> ou melhor, multiterritorialidades. Em conformidade com a análise de Haesbaert (2007), o “Feirão” não se apresenta de maneira “unifuncional”, pois, como já mencionado antes, são múltiplos os usos do espaço. Há o uso “saudável” do ambiente, que inclui o flerte, o bate-papo e o consumo dos produtos, entre eles, o “chope”. Há, também, espaços bem demarcados, como o mezanino e a pista de dança, além do local do bar, os quais obedecem ao planejamento e ao gerenciamento do proprietário.

Essas divisões podem se dar em função de barreiras físicas: muros, paredes, sinalizações (como placas indicando a saída, o caixa e etc.). Outras se estabelecem pelo uso do espaço físico e pela experimentação deste, ocorrendo de maneira tão eficaz a ponto de demarcações<sup>120</sup> não serem necessárias, como as já apontadas anteriormente. É o caso, por exemplo, do território do “lado de dentro” da pista de dança, onde não é preciso que se erija nenhuma barreira física nem sinalização (como placas de banheiros, por exemplo) para que a ocupação siga certa ordenação: no centro, aquelas/es interessadas/os em dançar;<sup>121</sup> na parte próxima às paredes e circundando a pista, aqueles interessados em observar, ou constrangidos a ponto de não dançar.<sup>122</sup>

De maneira geral, é possível supor que a percepção de distintas performances, de dança e de gênero se dá em decorrência da presença não só de *gays*, mas também de “cafuçus” e de “HTs”.<sup>123</sup> Como dito anteriormente, estes últimos justificam sua presença afirmando não terem outro lugar nas proximidades para se divertirem. Dessa forma, articulo na análise o processo de “periferização” ou marginalização da área<sup>124</sup> e do entorno onde o “Feirão” está localizado e sua influência nas formulações e narrativas dos sujeitos sobre si e sobre o lugar.

---

<sup>119</sup> Segundo Haesbaert (2007, p. 25): “A territorialidade, no nosso ponto de vista, não é apenas ‘algo abstrato’, num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter de abstração analítica, epistemológica. Ela é também uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto ‘imagem’ ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural”.

<sup>120</sup> A demarcação desses espaços é feita de maneira simbólica. Sua demarcação é transmitida e entendida pelas relações sociais, cabendo a alguns dizer aos outros onde podem ou não estar. Ainda, o constrangimento de estar “fora do lugar” contribui para tal fim.

<sup>121</sup> É quase uma regra, há maior liberdade para dançar para *gays* (“afeminados”), travestis e “simpatizantes”.

<sup>122</sup> Geralmente os *gays* (“discretos”) e aqueles homens heterossexuais que não se identificam como *gays*.

<sup>123</sup> “HT” é uma categoria êmica para se referir aos homens heterossexuais.

<sup>124</sup> A periferização se relaciona ao fato de a região do DERGO e seu entorno serem historicamente conhecidos por sua ocupação pelas profissionais do sexo durante o período noturno e pelo perfil econômico dos moradores da região.

Ainda em relação à possibilidade de dançar, ou sobre o “lugar para dançar”, o ambiente da pista de dança<sup>125</sup> parece mesmo dizer algo para os sujeitos, pois, quando é anunciado o fim ou a pausa da atração que se apresenta ao vivo, e a pista é aberta, uma espécie de frisson toma conta de alguns rapazes, que se deslocam rapidamente para o centro da pista como se tomassem lugar em uma marcação coreográfica. Essa percepção de que parece haver algo de diferente ali não é exclusividade minha. Gildo, por exemplo, certa vez, alertou-me dizendo “você precisa ir lá dentro para ver o que acontece no escuro”.

Certa vez, por exemplo, reparei em um rapaz que, de tão tímido, muito se continha em seus movimentos e quase não chamava a atenção das pessoas enquanto dançava acompanhado das/dos amigas/os do lado de fora da pista. Surpreendi-me, no entanto, ao me deparar com ele dançando dentro do salão, na pista de dança, já suado e sem camisa, aparentando querer mostrar o corpo enquanto dançava mais livremente.

Transitar entre algumas territorialidades é quase uma ofensa, porém ultrapassar alguns de seus limites não implica necessariamente em um grande atrito. Tudo depende de como e de quem o fez, podendo configurar desde uma simples gafe até uma luta corporal, com ou sem uso de armas. Tratemos então de um exemplo que ilustra tal situação. No exemplo em questão, o problema teve relação com a embriaguez e a forma assediadora pela qual Pereira<sup>126</sup> abordava ou “tentava conversar” com algumas mulheres, sempre no intuito de um flerte bem-sucedido. Mesmo sendo assíduo e sabendo que a maioria das mulheres ali presentes se afirmam lésbicas, ou seja, interessam-se preferencialmente por mulheres, o senhor em questão insistia e via no lugar interessante oportunidade de flertar e conquistar a companhia de uma ou mais mulheres.

A situação pode nos parecer paradoxal ou no mínimo infértil, uma vez que acreditamos e respeitamos a orientação sexual das mulheres lésbicas, mas aos olhos de homens (e mulheres) machistas esta não configuraria um problema. O motivo pelo qual sujeitos machistas agiriam dessa forma insistente se relaciona a uma crença de senso comum de que “não existe mulher que resista” aos homens, contanto que insistam bastante em suas investidas, independentemente de sua orientação sexual. Tal situação se agrava ainda mais devido a outra crença machista, a de que a lesbiandade é uma condição passageira decorrente de uma experiência ruim/frustrada de sexo com um homem inapto, e que poderia/deveria ser

---

<sup>125</sup>Em relação a esse ambiente, realço a luz mais baixa e os efeitos luminosos, bem como a música alta, os quais geram algo diferente da área aberta e mais ampla.

<sup>126</sup>Pereira é um senhor de quase 60 anos, que se diz heterossexual e cuja fonte de renda parece ser venda ou rendas provenientes de algo. Ele parece ser uma pessoa importante, considerada ou “respeitada” naquela região, além de ser frequentador assíduo do local.

corrigida através da experimentação de uma “boa transa”, com um “homem de verdade”. Tal personagem e modelo de homem, cujo ato sexual é exemplo de convencimento e, portanto, deve ser experimentado, é encarnado por boa parte dos homens, que, em sua prepotência, acreditam ser capazes de tal convencimento.

Outra questão que pode estar presente nessa insistência é um fetiche, ou uma fantasia sexual, que ganha bastante eco nas produções pornográficas e nas mais distintas mídias, do ato sexual, conduzido por um homem, ao qual se subordinam duas mulheres. Tal prática parece ser, para muitos homens, a “realidade” do sexo entre mulheres, de modo que um homem e, mais especificamente, seu falo completariam a cena, transformando o ato em sexo “de verdade”.

De volta à cena descrita, após observar o modo como o senhor Pereira se comportava e ver Joãozinho, o proprietário, abordar-lhe para conversar, indaguei sobre o que seria feito com aquela pessoa, que visivelmente incomodava algumas mulheres. Pensei que seria convidado a se retirar do estabelecimento, porém, surpreendi-me com uma abordagem informal, permeada pela amizade de um dos seguranças, dizendo-lhe que alguém havia reclamado de sua conduta, apontando a pessoa que reclamara. O senhor em questão não foi retirado e continuou agindo da mesma forma, o que gerou um princípio de confusão, e, literalmente, os incomodados que se retiraram. A conclusão é que certas pessoas têm tratamento diferenciado,<sup>127</sup> inclusive, sendo-lhes permitido ultrapassar certos limites que delimitam as territorialidades.

### **4.3 “Eu vim acompanhando meu vizinho...”**

O “estar em campo” às vezes possibilita a vivência de certas situações que o pesquisador nem poderia imaginar, e que se tornam intrigantes e passíveis de análise. Uma das qualidades de uma investigação social *in loco* é ser inusitada.

Um exemplo dessa situação ocorreu em uma noite daquelas em que o pesquisador se indaga sobre a continuidade do campo, que parece ter se saturado. Nessa noite, tudo parecia “normal” até que, já próximo ao encerramento das atividades daquele domingo, e já cansado de ficar em pé, procurávamos (eu e Pedro) um lugar para sentar. Fomos em direção às mesas que ficavam próximas ao caixa, ao banheiro feminino e ao guarda-volumes. Ali estavam um casal de mulheres e, indo na direção delas, um homem. Ele parecia bem animado, como se

---

<sup>127</sup>Figuram entre os elementos deste tratamento diferenciado, a demasiada cordialidade na abordagem, além da referida tolerância e permissão para permanecer no local, mesmo diante das queixas realizadas por outros clientes.

tivesse acabado de chegar, querendo ‘curtir’ a noite. Ele se aproximou delas, e, puxando conversa, perguntou: “Parece que está fechando. Vocês sabem o que tem para fazer?”. Uma delas então respondeu, dizendo que havia a possibilidade da “Total Flex”<sup>128</sup> estar aberta. Ele, já sentando sozinho em uma cadeira a uma certa distância da mesa delas, reparou nossa aproximação. Mostrando-se muito receptivo, o rapaz, que vou chamar aqui de Leandro, quis interagir conosco. Dizendo que gostava do lugar e que tinha ido para lá “acompanhando um vizinho”, logo sacou o *smartphone* do bolso e nos mostrou orgulhoso uma foto, primeiro para elas e depois para nós, dizendo: “É meu filho! Lindo como o pai, né?”. Ele se estendeu um pouco, falando da situação com a mãe da criança. Eu, que já estava refletindo sobre o rapaz e suas práticas sexuais, deixei-o continuar a conversa. Ele, então, disse que no dia seguinte estava de folga e, por isso, aproveitou para sair com o vizinho, e complementou dizendo que trabalhava em uma companhia de segurança patrimonial, como agente de segurança.

Enquanto ouvia essas informações, uma espécie de equação se processava sobre ele, ou sobre a masculinidade que ele queria comunicar, e, por isso, até então, eu estava acreditando. Eis que, em alguns minutos, o tal amigo chegou. Vindo do bar, trazia uma bebida para si e outra pra Leandro, que pediu um cigarro e disse que iria ao banheiro. O amigo era uma senhor que aparentava e dizia ter 60 anos, enquanto o rapaz, “pardo”, aparentava ter por volta de 28 anos, bem alto, cerca de 1,90m, braços e corpo definidos pela malhação, condizente com o estereótipo da profissão. Quando ele saiu, o amigo se sentou conosco, apresentou-se e começou a conversar, dando a entender que Leandro o acompanhava porque estava sendo “bancado” por ele.

Não demorou muito para o segurança voltar, e, já mais próximo, reparando-o chegar, percebi seu olhar fixo em nossa direção. Ele ficou em pé, em um ângulo que seu amigo não conseguia vê-lo conversar. Ele voltou a puxar conversa, quando, de repente, perguntou “mas, e vocês? O que vocês vão fazer depois daqui mesmo?”. Uma resposta trivial, como “ir para casa”, não foi o suficiente. O rapaz continuou e intensificou a sua espécie de galanteio, passando a falar de gostos e de quão bom era seu desempenho na cama. Todo esse ritual constituía um repertório que visava ao sexo. Seu aparente interesse pelo casal, seu comportamento, bem como o que o “amigo” contara sobre ele foram dados consistentes para entender que Leandro, além de um profissional de segurança, era adepto de praticar sexo com

---

<sup>128</sup>Total Flex CLUB é uma boate GLS localizada na Avenida República do Líbano, 1742, no Setor Oeste, em Goiânia. Funciona às quartas e de sexta a domingo.

outros homens em algumas situações, que, de preferência, envolvessem pagamento. Leandro era michê nas horas vagas.

Dito isso, a nossa problematização avança com o intuito de indagar se o “chope” barato, a música ao vivo e os atrativos da casa/do espaço seriam ou não suficientemente motivadores para fazer aqueles homens, supostamente heterossexuais, deslocarem-se e permanecerem no local. Obviamente não se trata de questionar a “real” orientação sexual do sujeito, haja vista a natureza subjetiva dessa identificação, mas sim de problematizar os motivos que levam esses sujeitos a entender o lugar como “não indicado” ou “não apropriado” *a priori*, necessitando assim que seja tecida uma narrativa que justifique sua presença. Desta maneira, conforme o exemplo dado, geralmente, relatos que se baseiam na escassez de opções de lazer na região – evidenciada pela frase recorrentemente ouvida em campo de que “não tem outra opção para a gente ir” – são utilizados pelos sujeitos como pretexto para estarem ali.

Outra justificativa muito citada é: “essa é a primeira vez que eu vim aqui” – e também: “um amigo me disse que tinha um forró ao vivo muito bom” –, que só é colocada em suspeição quando vemos o mesmo sujeito repetir o mesmo argumento pela segunda ou terceira vez. Foi essa a justificativa de Ricardo,<sup>129</sup> que, em mais de uma abordagem minha, repetiu-a, enquanto tentava seduzir diferentes mulheres. Nota-se, porém, que essas narrativas são apenas uma das maneiras de se reforçar uma identidade sexual e de gênero<sup>130</sup> hegemonicamente masculina, uma vez que há homens que a reafirmam de outras maneiras, dentre as quais performando uma masculinidade capaz de impressionar e convencer as outras pessoas por outros meios, como vimos ao tratar da categoria de homens “cafuços”.

Ao levar em consideração a narrativa desses sujeitos, entendemos que há uma parcela de homens, frequentadores assíduos e/ou casuais, que buscam o “Feirão” no intuito de encontrar uma mulher também heterossexual para “ficar” e que com a qual consigam interagir no espaço sem muitos (ou quase sem) conflitos com outros segmentos não estritamente heterossexuais, demonstrando a diversidade existente no “Feirão”, cujo ambiente mistura

---

<sup>129</sup>Ricardo é o *barman* que se reivindica heterossexual e que flertará com Giselda.

<sup>130</sup>Miguel Vale de Almeida, em seu livro, *Senhores de Si*, advoga pela tese da fragilidade da masculinidade e chega a essa conclusão ao perceber que, no contexto de interação masculina, as características e os elementos de uma masculinidade “ideal” precisavam ser, a todo tempo, reforçados, o que faz supor sua fragilidade. Se de fato esta fosse concreta e fosse dada, não precisaria ser reforçada, pois já seria um “fato”, uma verdade inquestionável.

grupos sem haver muitos conflitos,<sup>131</sup> o que reforça a possibilidade de territorialidades sobrepostas, como dito anteriormente.

Ainda em relação aos sujeitos, também é conhecida outra performance desempenhada por homens que, por dinheiro<sup>132</sup> e/ou por vontade, frequentam o espaço com a finalidade de encontrar uma ou um parceiro sexual, no estilo “topo o que vier”. Mas há de se destacar que, no caso de ser outro homem e havendo o compromisso de manter sua impressão de “macho”, é necessário que a performance do outro, de antemão, corroborasse o entendimento de que este deve ter uma posição sexual bem definida de “passividade” no sexo, algo que se complementa com uma performance de gênero “feminina”, reiterando essas posições. Sobre o assunto, Peter Fry (1982) já havia constatado e catalogado a existência de um sistema conhecido como “par bicha/bof” junto às classes populares.

É nesse sentido que entendo a performance de gênero e toda a expressão corporal ali desempenhada como contribuindo para dizer que, “apesar” de estar ali e de (poder) estar/transar com outro homem, ele é o “macho” e “só faz ativo”,<sup>133</sup> ou seja, apesar de estar ali e vivenciar essas práticas não hegemônicas, a fama e a “essência” viril do mesmo se mantém inalterada. Para além da problematização que busca confrontar o discurso público e o que de fato ocorre na intimidade, ou seja, se este discurso se converte fielmente na prática (sexual), considero que esses homens atraem e são atraídos por homens *gays* que conhecem a sua “fama” de “comer viado” – e se isso de fato se concretiza ou não, não desmerece e tampouco altera a repetição dessa forma de abordagem, remetendo, mais uma vez, ao sistema descrito por Peter Fry (1982).

Quanto a essa performance, em se tratando do “mercado sexual”, Néstor Perlongher (1987), em “O Negócio do Michê”, aponta que a virilidade, mais do que a masculinidade,<sup>134</sup> é um atributo valorizado neste comércio. Nesse sentido, é interessante notar que, mesmo quando não há cobrança ou recebimento de valores, pode-se notar a existência do que

---

<sup>131</sup> Os grupos conseguem usufruir do mesmo espaço sem, ou quase sem tensões advindas do preconceito ou das “fobias” que se dão, na maioria das vezes, em outras situações única e exclusivamente por estarem no mesmo espaço.

<sup>132</sup> Quando se usa a expressão “por dinheiro”, evoca-se a relação de contrato, a lógica do serviço e a justificativa por via da “profissão”.

<sup>133</sup> Dado as posturas, os estilos de roupa e o comportamento de homens e mulheres no espaço, há a reiteração das expectativas de gênero que, por serem sociais, repetem-se ali com algum grau de permissividade, haja vista a “tolerância” ou o respeito por sujeitos não heterossexuais.

<sup>134</sup> Embora virilidade e masculinidade tenham uma associação, a primeira trata das qualidades sexuais do homem, justamente por ter relação com a fase da vida de maior vigor físico e sexual.

podemos chamar de intencionalidade na ação,<sup>135</sup> uma noção de sociabilidade estritamente “voluntariosa”, a qual perpassa boa parte dos estudos das sociabilidades imbricadas no mercado de consumo, como mostram Facchini, França e Braz (2014). Ou seja, mesmo que não haja cobrança de um valor, nada é tão estritamente “voluntarioso”.

Tudo aquilo que parece bem esquemático e “verdadeiro” é problematizável. A extensão (temporal) da observação forneceu elementos que me fizeram atentar para descompassos entre o dito e o desejo, ou, ainda, entre a performatividade e a performance. Meu esforço, contudo, não era de encontrar a “verdade” ou algo do tipo, mas sim o de investigar quais são as relações hierárquicas e os aprendizados/ensinamentos<sup>136</sup> que figuram entre as intenções e as ações dos sujeitos.

Ainda que não seja exatamente assim na ‘intimidade’, ou seja, durante o ato sexual, estes atributos (virilidade, “atividade” e “heterossexualidade”, entre outros, como a “cor”) são valorizados e/ou fetichizados, o que chama atenção para esses elementos na dinâmica da sociabilidade.<sup>137</sup> Quando se percebe que não se trata de algo isolado e que toda a paquera e flerte no espaço parecem ser atravessados por esses elementos e atributos, conseguimos também perceber e analisar que o apreço ou o gosto demonstrado por esses estereótipos são, também, algo que pode ser compartilhado, quando se encontra outras pessoas com as mesmas afinidades, ou socializado, quando é internalizado por outros sujeitos a fim de fazerem parte de certo grupo. Essa aprendizagem é, portanto, condicionada pelo pertencimento.

Nesse sentido, o descompasso e a ambiguidade que o sujeito constroem revelam, em alguma medida, a eficácia de suas intenções, ou seja, para convencer e ser convencido parece haver certa etiqueta, relativa ao que pode ou não ser feito ou dito. Há, ainda, uma série de pré-requisitos a serem considerados de uma ou de outra maneira. Na pista, por exemplo, o sujeito deve se comportar de maneira condizente com a impressão que ele quer passar. Logo, aquele que se dirige ao centro da pista (um lugar de destaque), rebola “demais”, sabe a coreografia “demais”, bate palma e grita “demais” será identificado como feminino; por outro lado,

---

<sup>135</sup>Intencionalidade aqui pensada não em um sentido tão racional e premeditado, mas, mais precisamente, em oposição à voluntariosidade. Ver Simmel (2006).

<sup>136</sup>Ensinaamentos e aprendizado são utilizados para denotar o resultado objetivo ou os efeitos destas hierarquias nas sociabilidades, o que aproxima, em alguma medida, as noções de sociabilidade e socialização, ao borrar a perspectiva estritamente voluntarista da primeira, a qual parece desconsiderar a existência das estruturas de poder que já mencionei.

<sup>137</sup>Como dito em nota anterior, as análises recentes que buscam refletir acerca das produções em contexto de consumo sob a ótica da sociabilidade revelam certa aproximação com a noção de socialização, justamente por entenderem que, muitas vezes, a primeira acaba permitindo que ‘passem despercebidas’ as estruturas hierárquicas de poder que compõem as relações sociais.

aquele que se comedir – ou, de preferência, sentar-se ou se encostar à parede – logo será visto como masculino, ou na gíria *gay*, como *boy*.

A ênfase na fuga ou na extrapolação de certos limites faz surgir uma dúvida em relação à forma ou à maneira pela qual se prescreve ou se determina tais limites. Aquilo que é percebido em demasia, destacado pelo uso da palavra “demais” adjetivando a ação, como em “coreografar demais”, é assim percebido, ou se espera que o seja, se comparado com algo. Só se grita, rebola ou coreografa “demais” em relação a alguém. Pode-se dizer que a normalidade e o limite do aceitável está na performance do *boy* ou não? Acredito que sim. Isso faz sentido, por exemplo, na questão da “bermudinha dobrada”, tratada no capítulo anterior, pois pelo uso desta, Bento passou de *boy* a “ela”.

Destarte, posso afirmar que o sistema que estrutura e reitera as performances e limites entre masculino e feminino é tão tênue que parece não admitir performances “descontroladas”, imputando a elas o exílio no outro gênero, uma vez que não seriam dignas de permanecerem entendidas como masculinas.

Essa noção de “descontrole” aparece como uma variável interessante para entender a extensão dos atos e a demasia a estes imputada, que, se manifestada sob a forma de risadas, piadas, olhares repressores e etc., acaba impondo certos limites às coreografias, roupas, formas de dançar e tudo mais. Ao analisar os clubes de sexo para homens de São Paulo, Braz (2012) evoca a noção de “descontrole controlado”, proposta por Featherstone (1995), para entender os processos de controle<sup>138</sup> e descontrole no consumo de lazer, que se manifestavam no interior dos clubes e por meio dos quais os proprietários e/ou empresários atribuíam “um sentimento de legitimidade, como um mercado erótico possível, viável” (BRAZ, 2012, p. 163), contando, para tal tarefa, com a ajuda de alguns frequentadores. Em última instância, portanto, “os próprios frequentadores acabam ajudando em certo sentido a ‘vigiar’ o uso de preservativos e mesmo de drogas recreativas ilícitas” (BRAZ, 2012, p. 162).

Featherstone (1995), ao aludir à relação entre consumo e pós-modernidade, refere-se ao modo como o “desligamento do mundo real”, por exemplo, presente nas feiras medievais, é, na contemporaneidade, limitado ou constrangido, porquanto é cada vez mais intensa a expectativa de autocontrole e mais latentes são os sistemas de vigilância e de segurança, constantemente à procura dos incapazes ou dos inadequados.

---

<sup>138</sup>Torna-se quase impossível entrar no tema do controle e vigilância sem fazer ao menos uma menção ao esquema do panóptico prescrito por Michel Foucault, sistema este que tornou mais eficiente a vigilância sobre os corpos, a qual se manifesta a partir, não mais do controle e da violência em si, mas da possibilidade (remota) de estar sendo vigiado.

Ainda sobre esse tema, é interessante notar que, apesar das reações coercitivas, alguns sujeitos afirmaram que no Feirão se sentiam mais livres para dançar de determinada maneira, o que não acontecia em outras casas ou espaços, mesmo dentro do mercado GLS. Assim, mesmo que o limite entre excessivo e razoável tivesse como parâmetro a postura dos “boys”, os sujeitos continuavam bailando segundo seu desejo, mesmo que este fosse tolhido, em alguma medida, por coerções controladoras. Ainda assim, alguns entendem aquele espaço como sendo um dos únicos onde se é possível vivenciar aquela situação de “descontrole controlado”, no sentido de saberem que as experiências são controladas e que existem alguns limites às reações, ou seja, ali as “bagaceiras”, as “femininas” e outras conseguem mediar suas performances e, também, controlar as reações e os perigos que as envolvem.

#### 4.4 “Você vai ‘lá’ esse fim de semana?” – o lugar que não se deve dizer o nome

Como já sinalizado no capítulo anterior, os lugares de afinidade são contextualmente acionados para compor a caracterização que cada sujeito faz de si. Um fato que revela essa dimensão situacional e eletiva que os sujeitos fazem de si próprios, a fim de promover boa impressão (ou uma boa imagem), aconteceu em uma das oportunidades em que me encontrei com Marcos. Eu transitava rumo a um ponto de integração de linhas de ônibus quando o avistei parado, próximo a um dos pontos do Terminal da Praça da Bíblia. Ele estava acompanhado, conversava com um rapaz. Tentei ser o mais breve possível, pois entendi que os dois almejavam ficar a sós. Na ocasião, Marcos me interpelou sobre eu andar “sumido”, o que era fato, pois eu havia realizado uma viagem para um congresso durante a semana que antecedeu ao encontro. Dei continuidade à conversa, explicando sobre a viagem e o que a havia motivado. Preparando-me para despedir, Marcos me indagou novamente com a seguinte pergunta: “Você vai lá esse fim de semana?”, mesmo sabendo que este “lá” era o “Feirão”, retruquei, “Lá aonde?”, e ele então respondeu “você sabe, lá aonde a gente vai”. Nesse momento, ele já falava olhando para mim e para o rapaz, para saber se ele estávamos prestando atenção, para poder sinalizar algo. Do desconforto dele, pude apreender que não queria que o rapaz soubesse que ele era um frequentador, e assíduo, diga-se de passagem, do “Feirão”. Fato que se confirmou no nosso próximo encontro, no fim de semana seguinte. Lá estava ele no “Feirão”. Resolvi perguntar se o rapaz não podia saber de algo do ocorrido, e ele respondeu: “Uai, eu tava conhecendo ele, pega mal logo de cara falar que eu venho aqui **de vez em quando**” (grifo meu).

Um detalhe, porém, dimensiona melhor a situação e a localização. Não se tratava de Marcos estar na parada de ônibus ou num local reservado conversando/paquerando um rapaz, mas sim de estarem em um ponto ‘estratégico’ do terminal, bem próximo à porta do banheiro masculino. Para quem observa com alguma atenção, como fazem os vigilantes do terminal e a administração do terminal, é sabido que aquele banheiro público em específico é utilizado como ponto de encontro para homens *gays*, “cafuçus” e outros HSH,<sup>139</sup> o que na gíria *gay* é chamado de lugar para “pegação”.

Resta refletir o motivo pelo qual Marcos, que estava num local apropriado à “pegação”, encontrando outro rapaz que também estava ali com a mesma intenção, teria

---

<sup>139</sup> Esta categoria, HSH, é mais comumente utilizada pela saúde pública para designar aqueles homens que fazem sexo com outros homens, mas que não se reconhecem numa identidade *gay*.

vergonha de dizer que frequentava um local como o “Feirão”. Poderíamos supor que, muito possivelmente, o que ele buscava ou que o levava ao “Feirão”, ou, mesmo, a sua assiduidade no local, entraria em desacordo com a ideia construída sobre si e com a ‘boa impressão’ que queria passar neste outro espaço.<sup>140</sup> Essa atitude pode se justificar a partir de outra ideia, a valorização, nessa situação de “pegação” ou flerte homossexual, em ser alguém de “fora do meio”, ou seja, que não frequenta espaços reconhecidos como *gays*. Assim, uma vez que o “Feirão” é reconhecido como um local “do meio”, ao não mencionar que conhece ou frequenta tal lugar, nosso sujeito pode conseguir construir/manter a pretendida ‘boa impressão’ de si.

#### 4.5 Tanta diversidade assusta?

Uma característica do espaço, como já dito anteriormente, é a “diversidade” de estilos, mais ou menos próximos dos padrões de comportamento e das expectativas sociais quanto à sexualidade e ao gênero. Não é raro,<sup>141</sup> por exemplo, a presença de pessoas como as “travinhas”, categoria êmica do “universo travesti”, que designa aquelas que ainda se encontram em processo de transformações corporais.<sup>142</sup> Também frequentam, ou são vistas esporadicamente no “Feirão”, as travestis propriamente ditas, ou seja, aquelas que já parecem haver concluído o ciclo de todas as transformações necessárias para serem travestis, passando a serem aceitas em certa rede de pertencimento.<sup>143</sup>

Pontua-se que não são apenas essas frequentadoras que vivificam a colorida aquarela da diversidade no local. Posso citar, ainda, homens e mulheres “heterossexuais”, além de mulheres lésbicas (“masculinizadas”<sup>144</sup> ou não) e homens *gays* (afeminados ou não), implicando assim performatividades que se aproximam ou se afastam do ‘ideal’. Devido a seu público, o “Feirão” difere de outros espaços GLS, pois se tornou um espaço onde circula um

<sup>140</sup> Como já pontuado no Capítulo 3, o acionamento de determinados gostos ou marcas se faz de maneira contextual, restando-nos supor que, existe algo no ato de frequentar o Feirão do Chope, que torna esse gosto depreciado, mesmo em contexto de flerte em um ambiente de banheiro público que, via de regra, é visto como mais depreciativo do que o bar.

<sup>141</sup> Trato a presença travesti como exemplo justamente para evidenciar que essas pessoas raramente são vistas na grande maioria dos espaços GLS, o que se torna mais nítido quanto mais alto for o perfil dos espaços, os quais geralmente são muito mais “G”, ou seja, para homens *gays* do que para lésbicas e T’s.

<sup>142</sup> Algumas ainda não aplicaram ou injetaram silicone, outras ainda usam perucas, pois o cabelo não está satisfatoriamente comprido, entre outras alterações.

<sup>143</sup> Tal rede diz respeito tanto às sociabilidades e às afinidades com outras travestis quanto à rede de prostituição e “cafetinagem” em determinado território de prostituição.

<sup>144</sup> Na falta de outro termo que “ilustre” melhor estas corporeidades, faço uso desse adjetivo e o retomarei posteriormente quando fizer outras referências a elas.

grande número<sup>145</sup> de mulheres (lésbicas ou não) e travestis.<sup>146</sup> Ainda assim, a maioria dos frequentadores continua sendo composta de homens (*gays* ou não).

A ideia de ‘aquarela’ é interessante para transmitir a imagem de que as pessoas, mais especificamente seus corpos, dão contorno à “paisagem” do lugar, inspirando proximidade ou não. Tal apropriação do conceito contribui para a sua desnaturalização. A presença ou não dos corpos, a homogeneidade ou não desses mesmos corpos, produz lugares de afeição ou de fobia, lugares “de brancos” e “lugares de pretos”, por exemplo.

Em relação aos homens, mais especificamente àqueles que não se “assumem”<sup>147</sup> ou não se percebem numa identidade *gay* ou numa performance de gênero que “levante suspeitas” da sua orientação sexual,<sup>148</sup> são diversas suas justificativas ou explicações para frequentar aquele espaço. A principal destas é: “não tem outra opção para a gente ir e poder ouvir uma música ao vivo”; corroborando a hipótese de escassez de iniciativas do poder público ou de desinteresse do “mercado” em promover outras possibilidades de lazer para a parcela da população que vive naquela região da cidade.

Quanto ao “perfil” de paquera, este se configura como um dos atributos responsáveis por estabelecer vínculos de pertencimento a um grupo no “Feirão”. A valorização de certos atributos é ‘compartilhada/ensinada/transmitida’ de uns sujeitos a outros com a sociabilidade, geralmente dos frequentadores mais antigos para os mais novos. Essa propagação ocorre de algumas maneiras, dentre as quais, por meio da admiração que uma relação (de amizade ou não) pode inspirar nos sujeitos, pois, assim, ao se estabelecer o sentimento de admiração,<sup>149</sup> o admirador passa a querer “ser ou parecer” o admirado.

Outra maneira de compartilhamento é pela prática de brincadeiras ou de comentários jocosos que os sujeitos fazem uns sobre os outros, quer dizer, pela “lição que se passa” quando um/a sujeito/a ‘situa’ o/a outro/a em ‘seu devido lugar’. É justamente no compartilhamento de ideias e gostos que se estabelece o pertencimento ao grupo ou à rede.

---

<sup>145</sup> “Maioria” é entendida aqui não como uma maioria numérica, mas sim como uma constatação visual contrastante do que se vê na maior parte das boates e dos bares *gays/GLS*.

<sup>146</sup> Incluindo as que trabalham no ponto de prostituição instalado nos arredores do “Feirão”, entre os terminais de ônibus da Praça A (Campinas) e do DERGO.

<sup>147</sup> Há atualmente uma discussão em torno da categoria ser ou não “assumido”, o que geralmente tem a ver com a assunção pública ou com a divulgação da preferência ou opção sexual do indivíduo, e tem como pressuposto “assumir” tudo aquilo que foge à norma, uma vez que “heterossexuais” não precisam assumir absolutamente nada.

<sup>148</sup> A distinção, não só teórica entre as categorias gênero e sexualidade, muitas vezes se torna bem borrada, haja vista que, em tese, designa uma parcela da vida e da subjetividade de cada indivíduo.

<sup>149</sup> Ver Rezende e Coelho (2010).

Voltando a análise para a ‘intencionalidade/racionalidade’ que pode haver nos atos, ao mesmo tempo em que levanta a questão acerca da “repetição” e o aprendizado de determinados atos “estilizados”, evoco a noção de “performatividades de gênero” enunciada por Judith Butler (1988), que implica considerar que certos comportamentos e performatividades foram, há muito tempo, ensinados aos sujeitos. Quanto à “linguagem”, a qual pretende informar às pessoas algo sobre si, segundo o que pude perceber nas falas, pode ser entendida como premeditada, isto é, inclui, por exemplo, a escolha do que vestir naquele dia, a que horas sair e como chegar.

Em relação à escolha do que vestir, como já dito anteriormente, essa preocupação pode ser redobrada se, naquele dia ou naquele fim de semana, for anunciada alguma atração diferente ou especial. Nesse caso, a “ocasião pode exigir” uma roupa nova, acessório novo ou, mesmo, um novo corte de cabelo. Para Marcos, por exemplo, o fato de Joãozinho Mercês ter anunciado uma “atração especial” e com certa antecedência tornou aquele dia (ou aquela noite) especial. Disse Marcos: “Uai, é uma atração especial, que está sendo anunciada. Deve dar mais gente e eu não quero repetir roupa, justo nesse dia”. Verifica-se na fala do sujeito que a atração torna o programa de cada fim de semana diferente e a roupa nova o habilitaria para um evento especial.

Mas será que esse processo é tão racional e lógico assim? Daniel Miller (2013), assim como eu, acredita que não. Para ele, a perspectiva semiótica, da qual podemos ressaltar como representativa a figura de Mary Douglas, qualificaria a indumentária como uma espécie de ‘linguagem’ que poderia dizer quem somos. Ainda para o autor, esse entendimento relegaria as coisas (materiais) à condição de objetos de análise. É a partir desse cenário que Miller postula um estudo da significação dos “trecos” (*stuff*).<sup>150</sup>

Ressalte-se que essa perspectiva não ignora os ganhos do recurso semiótico para os estudos dos bens/coisas, mas aponta para a limitação analítica em que se converteu, ao fazer das “roupas meros servos, cuja tarefa é representar o Sujeito Humano” (MILLER, 2013, p. 22). Nem só a semiótica, nem só a “significação dos trecos”, Miller aponta que vivemos em um momento no qual convivem esses dois paradigmas possíveis de interpretação das ações e das coisas; um é exemplificado pela preocupação de Marcos em relação ao que a roupa dirá sobre ele, já o outro, acerca do qual nos debruçaremos a seguir, não versa sobre essa condição de ambiguidade inerente ao consumo.

---

<sup>150</sup> Fez-se opção por trazer o termo no original, em inglês, de modo a remeter à imprecisão inerente ao termo no original.



#### 4.6 Entre a intenção e a comunicação existe um...

Pudemos observar, até aqui, que uma das dimensões que impulsionam os sujeitos a agirem de determinada maneira está intimamente ligada aos gostos apurados, às afinidades construídas e até aos constrangimentos que atuaram e atuam transmitindo o que é valorado ou não. Desse modo, pautar a investigação pelo argumento da performance implica manter no horizonte próximo o tema da intencionalidade. Esta estaria, por exemplo, na preocupação do sujeito em “escolher” a roupa, os calçados e os acessórios que usaria em determinada ocasião, configurando-se, portanto, como uma preocupação dos sujeitos, na medida em que a escolha realizada é resultado da equalização entre a expectativa social e a agência do sujeito.

Observo que, em um contexto social com alguma influência de ideias e preocupações com a aparência, a velha máxima de que “ter” é mais importante do que “ser” precisa ser melhor averiguada, levando em consideração a medida em que a possibilidade e a preocupação podem “causar boa impressão”. Logo, a intencionalidade deliberada dos sujeitos de “impressionar” outra(s) pessoa(s) e/ou simbolizar uma identidade pode ser revelada pela roupa escolhida; por exemplo: a “bermudinha dobrada”. A intencionalidade também pode se expressar na maneira de se apresentar, desdobrando-se em distintas ‘performatividades’; como exemplo: o “carão de diva”, tratado na introdução desta dissertação.

Sobre esta questão, Daniel Miller (2013), ao refletir acerca da abordagem semiótica nos estudos da cultura material, ilustra, a partir do exemplo dos estudos da indumentária, que, dentro da lógica dessa matriz filosófica, entender-se-ia que as escolhas das vestimentas (em todos os contextos sociais) significariam um movimento consciente norteador pela ideia de avaliar em qual medida o conjunto das peças nos representaria mais fielmente/verdadeiramente, segundo, é claro, a nossa própria imagem de nós mesmos (autoimagem). A primeira questão que este autor coloca a esta abordagem é a dificuldade que implicaria, caso isso fosse possível, mapear a complexa rede de correspondências estabelecida entre “autoimagem”, “autorrepresentação” e “comunicabilidade” das roupas e do corpo. Tal imbróglio ocorre, entre outros motivos, pelo simples fato de não haver necessariamente correlação entre a imagem que produzimos, as que são produzidas de nós e nosso reflexo (no espelho), bem como a percepção de que são inúmeros os “ruídos” ou fatores sociais que fazem com que nem sempre a recepção seja condizente (*ipsis litteris*) à intenção ao comunicar.

Se da perspectiva de um sujeito, a “minha roupa mostra que sou *sexy*, ou esloveno, ou inteligente ou as três coisas”, segundo Miller (2013, p. 21), a indumentária se configuraria em uma “pseudolinguagem” que pode dizer quem somos. Em conformidade com as abordagens de Mary Douglas e Marshall Sahlins, tal fato relegaria as coisas (materiais) à condição de objetos de uma análise simbólica. Miller (2013) postulou, assim, um estudo da significação dos “trechos” (*stuff*), ao mesmo tempo em que lançou novas contribuições aos estudos do consumo. Ressalto, todavia, que compartilho parcialmente da perspectiva de Miller (2013), uma vez que ele ignora em parte os ganhos do recurso semiótico, apontando apenas para a limitação analítica do mesmo se tomado restritamente, para valorizar a sua análise da materialidade.

Conduzimos este capítulo com o intuito de salientar situações e experiências vividas no “Feirão”, bem como as narrativas desenvolvidas pelos sujeitos para justificar (reforçando ou abonando) sua presença nesse espaço, marcado por uma fama e pelo interesse específico de um nicho de mercado: o GLS. As experiências tratadas nesta dissertação podem representar, para algumas pessoas, um fardo, ou uma brecha no “armário” onde escondem ou omitem algumas de suas predileções, ou práticas esporádicas, ou exploratórias, como também, a depender de como cada pessoa encara essas experiências, podem representar perigos ou riscos, como o perigo de “ser confundido com homossexual”, ou o perigo de “ter sua virilidade questionada”, o perigo de “ser visto”, o perigo de “se relacionar com alguém que não seja de Goiás”, entre outros.

Há, também, uma outra dimensão de perigo, que é a possibilidade da violência, a qual pode ocorrer tanto dentro quanto fora do “Feirão” e tomar proporções que, via de regra, exigem mais precauções. Lá dentro, ao menos, os sujeitos conseguem negociar o ‘controle’ das reações violentas dentro de uma margem do ‘tolerável’, contrapondo-se à imprevisibilidade dos limites e manobras possíveis no ambiente da rua, objetos de estudo no próximo tópico deste capítulo.

#### **4.7 Do medo de “ter que ir embora sozinho”**

Passado o trabalho de campo, período em que o etnógrafo se dedica a criar estratégias para entrar (e sair) do campo, há o momento em que, apesar de distante temporal, espacial ou emocionalmente da realidade experienciada, o etnógrafo deve ser capaz de ler ou interpretar

“um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências”, transformar vivências em um relato inscrito, e que poderá “ser consultado novamente”. (GEERTZ, 1989, p. 20)

A professora Urpi Montoya Uriarte (2012b, p. 172) ressalta que, dado “o prestígio que o método etnográfico alcançou inclusive entre os antropólogos”, “ela [etnografia] se tornou a forma mais simples de definir a nossa disciplina. Ou seja, o método se tornou mais conhecido do que a própria disciplina que o engendrou!”. Porém, ao contrário, digo isso para evidenciar que tão ou mais importante que o método é o “o que ou quem se pesquisa”, que, no caso desta dissertação, são as intersecções entre certos marcadores sociais da diferença em um contexto de consumo de uma região ‘periferizada’ específica da cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás, no Brasil.

É, portanto, nesse referido momento posterior ao campo que os relatos etnográficos são articulados a fim de compreender melhor a realidade da experiência de campo e a sociedade na qual está inserida. Foi esse, então, o trabalho realizado e relatado até esta parte do texto meu de dissertação, restando a este pesquisador tecer suas considerações finais. Estas se apresentam aqui em articulação com a última etapa produzida em campo: a “hora de ir embora”, o que vai ao encontro do que propus nas primeiras linhas desta dissertação: provocar a sensação de “uma ‘ida a campo’ junto comigo”.<sup>151</sup>

Como acontecia com todas as pessoas que estavam no “Feirão”, a cada uma das noites em que eu estava realizando o trabalho de campo, ao fim, era preciso ir embora, porque o bar tinha de encerrar o expediente daquela(s) noite(s), o que geralmente acontece quando a maioria dos clientes já foi ou estava indo embora. De modo semelhante, é condicionante do trabalho de campo, o pesquisador ter a sensibilidade<sup>152</sup> (aguçada pela prática) de perceber o momento<sup>153</sup> de concluir a imersão e a escrita da etnografia e, de forma complementar, tal qual pude aprender (e apreender) com os sujeitos, buscar a melhor estratégia para encerrar o trabalho em campo “são e salvo”, livre dos riscos<sup>154</sup> inerentes à trajetória, os quais se iniciam ao sair de casa e só terminam com o retorno a este mesmo local.

---

<sup>151</sup> Ver Capítulo 2.

<sup>152</sup> Magnani (2009), afirma existir o momento da “‘sacada’ na pesquisa etnográfica”, que diz respeito ao momento no qual o pesquisador começa a perceber certa ordem nos fatos, inclusive os mais triviais, que os tornam significativos dados de pesquisa.

<sup>153</sup> O “momento” de concluir a pesquisa vincula-se ao que Magnani (2009, p. 136) enfatizou como sendo a “presença continuada em campo”, ou seja, só consegue ter essa percepção o/a pesquisador/a que se compromete durante um considerável tempo com o campo, que, segundo Uriarte (2012a, p. 6), “não pode ser de umas horas, alguns dias, umas semanas”.

<sup>154</sup> Riscos, neste texto, dizem respeito, como já dito na introdução desta dissertação, à dimensão probabilística que conjuga experiências topofóbicas pessoais ou socializadas com uma cultura e/ou sentimento

De maneiras distintas, a trajetória do etnógrafo e dos sujeitos terminam de volta à casa, mas cada um, à sua maneira, pode, no caso deles, e deve (no meu caso) registrar e/ou fazer um balanço do que viveu naquela noite. Para tanto, podemos optar por uma conversa com amigos pela internet, pela troca de *SMS* ou pelo compartilhamento de registros daquela noite. No caso do etnógrafo, é aconselhado que seja feito via caderno e anotações de campo.

Posta esta formulação, gostaria de sinalizar que, no plano do que seria o ideal, a volta estaria em consonância com o que se entende e se espera em relação à “segurança”, a qual se persegue e pela qual se advoga para uma salutar condução da vida em sociedade.<sup>155</sup> Contudo, devo evidenciar que se imiscuem, nesse plano do que seria importante ou fundamental para a introjeção desse sentimento de segurança idealizado para uma noite bem-sucedida de lazer no “Feirão do Chope”, alguns elementos que fogem ou relativizam tal ideal.

Com base em Giddens (1991), Silva (1998) analisa que a “noção de risco” e que os “fantasmas do perigo” só são subjulgados através do que o autor chama de “sistema perito”. Este atuaria na domesticação do risco, na medida em que passa a inspirar “conhecimento” e “confiança”. Tal sentimento de “confiança” se revela importante para análises da vivência do risco, uma vez que a “segurança” nada mais é do que um sentimento diretamente relacionado à confiança. Como mostra a autora, ao analisar o acidente radiológico ocorrido em Goiânia no ano de 1987, o medo e o sentimento de insegurança que os boatos inspiravam tinha efeitos mais devastadores que os causados pelo próprio acidente. Analogamente, a possibilidade de o evento acontecer pode provocar impactos mais profundos na estabilidade do que o evento em si.

Dentre esses elementos, gostaria de chamar atenção para um ponto fundamental para o diálogo, o que diz respeito à percepção de que há distinções de entendimento ou que há distintas ‘importâncias’ dadas a diferentes elementos do campo quando considerados pelo pesquisador ou pelos sujeitos, o que precisa ser exposto para garantir que não se tome unicamente o que o pesquisador pensa como perigoso, mas sim por meio e um diálogo, que nos impele a verificar a(s) noção(ões) de risco que os sujeitos têm e compartilham, bem como o que consideram ou não perigoso.

Silva (1998) sustenta que a dimensão da “experiência cotidiana de grupos diversificados numa dada população” deve ser integrada à análise das representações e

---

intersubjetivo de medo, o qual é construído por diferentes grupos sociais e se relaciona ao medo de estar/transitar por determinados lugares em determinados horários.

<sup>155</sup> O monopólio da força (ou da violência) e a manutenção da ordem social permeiam os estudos sociais e preocupam os cientistas sociais desde o surgimento e a institucionalização da disciplina no século XIX.

classificações sociais do “risco”. Numa apropriação metaforizada deste exemplo da autora, temos que a exposição às dinâmicas da região do DERGO interagiria com a noção genérica de senso comum sobre o local, produzindo a “concepção de risco daí advinda”, e que “são próprias a este grupo e se distinguem em relação aos riscos vividos pela população em geral” (SILVA, 1998, p. 2).

Sobre o que é ou não perigoso para os interlocutores da pesquisa, a leitura de Jeolás (2010) nos remete a uma série de sutilezas e nuances, dentre as quais nos interessam ao menos duas. A saber, a dimensão geracional e suas implicações na formulação e na vivência do risco, e o gênero e suas consequências no estabelecimento de riscos diferentes para gêneros e/ou sexos diferentes, como veremos mais à frente.

Na primeira, o caráter geracional é salientado pela autora a partir de uma dicotomia expressa no par: ‘riscos para nós profissionais’ vs. ‘riscos para eles jovens’, que alude à construção: ‘risco para gente da **nossa** idade’ vs. ‘risco para **eles** jovens’. Isso já nos permite relativizar as noções de risco e perigo, permitindo enxergar a influência da dinamicidade com que a sociedade e os pensamentos mudam no curso das gerações e suas implicações nas relações sociais e na linguagem. Esse exercício analítico pode fornecer elementos que nos ajudam a responder a pergunta feita no segundo capítulo, a saber: por que as pessoas vão para o “Feirão”?

A primeira das considerações é a de que talvez fosse mais apropriado reformular a pergunta para: “por que, apesar dos riscos (relativos à segurança pública), as pessoas vão ao Feirão?”. Questão que começa a ser desmistificada tendo por base as contribuições de Jeolás (2010, p. 11), a qual é propositiva ao enunciar que: “Há uma grande distância entre o (nosso) discurso preventivo sobre os riscos e o expresso pelos jovens, podendo o risco, muitas vezes, ser aceito como parte de sua experiência e ser valorizado positivamente por eles”.

Mesmo que uma afirmação localizada seja tratada apenas por dados localizados, ainda assim é de grande valia para as pesquisas antropológicas que tratam ou transversalizam o tema, pois ajudam a desconstruir uma impressão e uma ideia genérica que se tem sobre as noções de “perigo” e “risco”, revelando nuances inerentes a experiências e conjunturas específicas, como bem apontou Telma Camargo da Silva (1998) em comunicação à Reunião Anual da ANPOCS sobre a “percepção do risco” no exemplo aqui evocado do acidente radiológico em Goiânia.

No caso desta pesquisa no “Feirão”, essas análises podem fornecer subsídios que ajudem a pensar e supor que os frequentadores, principalmente jovens que moram naquela

região,<sup>156</sup> desconsiderem ou deem menor importância a certos “riscos”. Sobre o modo de análise dessa dimensão relativa à percepção do grupo de jovens sobre sua vivência do “risco”, concordando com Silva (1998, p. 2), acredito ser necessário “integrar à análise de representações sociais e classificação de risco a perspectiva da experiência cotidiana de grupos diversificados numa dada população”. A autora nos chama atenção para a possibilidade de que o contato com “as experiências concretas dos indivíduos estudados” revele a coexistência de representações – genéricas e específicas – da noção de risco, construídas por grupos específicos, podendo (ou não) ser contraditórias entre si e, ainda assim, coexistirem dentro de uma mesma configuração social.

Essa formulação ‘harmoniza’ com a afirmação de Jeolás (2010), pois, sendo a juventude ou a faixa etária a principal marca a unir analiticamente esses indivíduos, só nos resta acreditar que se trata da configuração de um grupo. Apesar de isso ainda parecer um tanto genérico para os antropólogos,<sup>157</sup> ainda assim, a categoria “jovens” se configura como um “grupo”, que, ao compartilhar experiências e elaborar repertórios de si e do mundo, como vimos nos capítulos anteriores, atuam ‘fortalecendo’ a rede e ‘filtrando’ as possibilidades de agrupamento, dadas as semelhanças e divergências de gostos e as marcas sociais da diferença.

Tais repertórios fazem alusão, inclusive, aos perigos e aos riscos a serem prevenidos. Logo, não é radical reiterar que existem distâncias entre as perspectivas dos diversos grupos com relação à vivência e à perspectiva dos riscos. Poderíamos elencar, por exemplo, que, dentro do macrogrupo “jovens”, a noção genérica de risco ganha contornos e conotações singulares, como a noção particular de Marcos sobre sua dependência do transporte público ou sobre estar sozinho durante os trajetos.

#### **4.7.1 “E como você faz para ir embora?” – notas sobre risco e performances**

Para que tal percurso, ao qual aludo nas primeiras linhas deste capítulo, conclua-se da maneira menos problemática possível, ou seja, sem que aconteça algo que surpreenda os sujeitos por sua negatividade, como, por exemplo, um assalto ou algum tipo de agressão, é preciso que aquele ou aquela que dependa do transporte público, seja pela falta de veículo

---

<sup>156</sup> Aqui, levo em consideração a recorrente afirmação dos sujeitos da pesquisa de que na Região (do DERGO) não existem outras possibilidade e lugares de lazer noturno além do “Feirão”, o que leva a supor que são moradores da Região.

<sup>157</sup> Como dito na introdução, para nós, o recorte “juventude” nos parece um tanto vago, pelo menos para o escopo desta pesquisa, que busca interseccionar esta marca a outras também já mencionadas: gênero, sexualidade e raça/etnia.

próprio, seja por limitações financeiras, capte e apreenda, o quanto antes, os códigos e as regras da noite na periferia goianiense.

É preciso ter uma noção nítida de que, embora o “evento negativo” tenha relação com a noção de “risco”, não pode ser reduzida a esta. Sobre essa confusão conceitual, Leila Sollberger Jeolás (2010, p. 12) diz que: “A antropóloga Mary Douglas advertiu sobre os perigos de se fixar o significado da noção de risco ao seu conceito moderno”; e que, nas palavras de Douglas (apud JEOLÁS, 2010, p. 12), o risco não se reduz à “probabilidade de um evento negativo ocorrer” mas compreende valores e “significados atribuídos aos resultados deste evento”, e isso se dá no contexto particular das pessoas e de seus grupos pessoais. Tal interpretação reforça a presente análise de que, a partir da atribuição de significados e valores ao “evento negativo”, o próximo passo é socializar a experiência, como um alerta visando evitar que outros se envolvam em um evento similar.

Ainda sobre a noite, tratada por Pelúcio (2005, p. 247) como de “uma temporalidade abstrata, na qual há espaço para a transgressão e sedução”, e na qual, infelizmente, há muitas surpresas, dentre as quais, a difícil realidade (da perspectiva de sujeitos diurnos)<sup>158</sup> e condições de trabalho, em especial as de prostitutas e michês, mas não só desses, afinal, os sujeitos que frequentam espaços noturnos de lazer, como é o exemplo do “Feirão”, também estão propensos e, de alguma maneira, precisam se submeter às regras e dinâmicas dessa realidade.

Essas dimensões nos chamam atenção ao compartilhar com alguns dos sujeitos da pesquisa os dilemas<sup>159</sup> de depender do transporte público prestado na capital goiana. Motivo que nos impele a prestar atenção às narrativas elaboradas pelos sujeitos da pesquisa, as quais aludem a certo risco, e, assim, analisá-los à luz de teorias. Tal escolha implica justamente a produção, no bojo da etnografia, de uma espécie de memória do trajeto da chegada ao Feirão e, em especial, da saída do espaço, através da qual esses sujeitos compartilham conosco suas impressões, dilemas e o que mais fosse marcante para eles.

Para tanto, a experiência de compartilhar relatos sobre a situação de deslocamento foi utilizada na produção de dados. Foi possível, desse modo, relativizar a importância atribuída e a atenção dirigida ao momento que chamei “durante”, ao qual geralmente se atêm os trabalhos

---

<sup>158</sup> Entende-se por diurnos e diurnas, aqui, toda a parcela da população que exerce sua atividade laboral durante algum período do dia e que reserva a noite ou uma parte dela ao descanso e/ou lazer, ou seja, como se diz no chavão popular, quem “não troca o dia pela noite”.

<sup>159</sup> De maneiras variadas, sujeitos que dependem ou já dependeram do transporte público em Goiânia apresentam várias queixas sobre as condições, seja de segurança ou de frequência, de superlotação ou de demora, da frota ou do serviço prestado pelas empresas que operam no sistema metropolitano de transporte público.

etnográficos.<sup>160</sup> Poderia, então, indagar sobre a avaliação e a receptividade das performances de gênero nos outros espaços que o “antes” e o “depois” (do “Feirão”) incluem; e, ainda, saber se o “carão” se perpetuava fora do espaço e, com isso, dar maior importância ao “antes” e ao “depois”. Foi considerando esse escopo espacial mais amplo da pesquisa, o qual envolve os trajetos da ida e volta, que resolvi me submeter ao único meio de transporte público disponível na cidade que atende à região do “Feirão”: o ônibus, ou, mais especificamente, o “metrobus”, no caso do Eixo Anhanguera.<sup>161</sup>

Ao indagar sobre o deslocamento ou trajetória dos sujeitos ao irem para e ao virem do “Feirão”, poderia construir uma apreensão que dissesse algo sobre a “duração” e a “localização” das performances, ou seja, poderia revelar se fora dali os sujeitos se permitiam fazer o “carão” ou agir, por exemplo, como uma ‘diva da música’, além de averiguar se o ambiente público desencorajaria tal performance. Logo, a busca por alcançar uma possível “verdade” ou, mesmo, a busca por “medir” a mesma se revelou analiticamente infrutífera, visto que algo no ambiente ou na “atmosfera” da pista de dança “encoraja” ou instiga determinadas performances, o que corrobora as análises feitas nos capítulos anteriores, nos quais expus relatos que chamavam atenção ao fato de que, “no escuro” da pista de dança, a maneira de os sujeitos se comportarem poderia variar bastante.

Dentre essas variações, havia aqueles que, em determinado momento, dobravam (com o intuito de encurtar as roupas e/ou diminuir a sensação de calor) as calças e a blusa. Havia, ainda, aqueles que, caso observados no espaço aberto, na parte destinada à apreciação do show da banda que tocava ao vivo, se portariam de maneira “mais tímida” e/ou contida, enquanto na pista “se soltavam mais” ou se sentiam mais à vontade para dançar e se mostrar, o que poderia ter a ver com o maior e melhor domínio do gestual envolvido na dança e no ritmo musical ou com a ausência deste. A constatação de que sujeitos agem de maneiras distintas nos espaços dentro do “Feirão” reforça a hipótese de que as experiências topofílicas e topofóbicas revelam que dentro de um lugar pode haver outros lugares mais específicos, de predileção ou não.<sup>162</sup>

---

<sup>160</sup> Gostaria de agradecer ao Professor Roberto Lima por expressar, durante arguição de banca de qualificação desta dissertação, uma preocupação que nos remete à vida “cotidiana” desses sujeitos. Esforço que, de alguma forma, condensa-se neste momento da escrita sob a forma da análise da “Hora de ir embora”, momento em que os sujeitos saem do bar e são lembrados (ou não) de certa preocupação com a impressão que estão causando ao mundo, ou, como diria Goffman, com a sua “fachada”.

<sup>161</sup> Eixo Anhanguera é o principal itinerário de transporte público/ônibus da cidade e da região metropolitana, interligado pela RMTTC, empresa da Região Metropolitana de Transporte Coletivo de Goiânia.

<sup>162</sup> Pode-se dizer, de outra maneira, que a relação é a mesma que temos com a casa, que, em virtude da experiência social humana, é um espaço lugarizado, mas que não exclui a possibilidade de serem inscritos dentro dela outros lugares, um cômodo preferido, por exemplo.

Outra dimensão que nos chamou atenção na realização desta análise e que refreou, ou adiou, a análise da performance fora do “Feirão” foi o entendimento de que tal comparação, em alguma medida, poderia acabar soando ou se transformando em uma procura ideal pela “real” performance dos sujeitos, objetivo que destoava totalmente do escopo desta pesquisa. Assim, percebi que estar dentro ou estar fora condicionava as ações dos sujeitos, uma vez que envolvia a dimensão do interesse ou dos interesses em jogo em cada um dos espaços, e suas subdivisões.

O fato é que, ao mesmo tempo em que conseguia argumentos para denunciar as distintas performances dos sujeitos, essa distinção também salientava que não era possível encarar os fatos apenas da perspectiva das performances. A “atmosfera” dos lugares deveria ser levada em consideração, pois também suscitava tais diferenças, podendo ou não influenciar uma mudança de performance, de modo que uma “atmosfera” de insegurança ou “inapropriação”, que a norma social nos ensina, agiria moldando ou contendo cotidianamente a performance, como veremos a seguir.

Apesar de meu interesse nestes momentos (de “chegar” e de “ir embora”) não encontrar precedente metodológico como fundamentação ou render muitas análises na busca inicial deste trabalho, ainda assim, o interesse por estes me motivou a fazer o trajeto, produzindo dados e algumas análises possíveis que se revelam interessantes. Para além do que assimilei durante a realização do trajeto, este tema esteve presente em conversas informais e relatos sobre os quais se debruça esta dissertação. De fato, estimulei este assunto durante as conversas ou passei por situações junto aos sujeitos, o que os incentivava a narrar sobre esse deslocamento, ou seja, eu acompanhava os indivíduos no ônibus e percebia sua maneira de agir e o que diziam sobre a situação.

Era sabido por mim (tendo em vista a minha experiência de ir ao “Feirão” de Metrobus) que, por se tratar não só de uma área mais ‘periferizada’, fora do raio de prestígio<sup>163</sup> da cidade e por ser necessário atravessar o centro da cidade (pouco movimentado aos fins de semana e à noite), o trajeto poderia implicar riscos<sup>164</sup> inerentes aos fatores enunciados. É preciso lembrar que toda e qualquer pesquisa inclui riscos, que, neste caso, dada a falta de segurança pública, poderia culminar em situações de assalto ou furto. Contudo,

---

<sup>163</sup> Como em toda cidade e região (em distintas escalas, como estados federativos, países e etc.), os moradores de Goiânia também atribuem sentidos valorados à determinadas regiões e setores (bairros) da cidade. São exemplos de territórios bem valorados: o Setor Jaó, o Setor Marista e o Setor Bueno, entre outros poucos; já bairros como o Setor Aeroporto e os bairros da região do DERGO são mal valorados.

<sup>164</sup> Quando menciono a prostituição, não quero dizer que a prática em si apresenta algum risco aos possíveis transeuntes, tal perigo está mais diretamente ligado àquelas pessoas que circulam no local com o intuito de agredir prostitutas, bem como o perigo representado por “clientes” agressivos.

esses riscos não são exclusivos do pesquisador, mas de todo e qualquer cidadão, em diferentes graus.

Tal noção de risco estava presente ao logo de todo o percurso, pois, entre outros fatores, o trajeto incluía a travessia da região de Campinas que, à noite, caracterizava-se pela prática da prostituição e pelo notório decréscimo de fluxo de pessoas em comparação com o dia (horário comercial), e a mudança de conjuntura do dia à noite implica conhecimento e compartilhamento de regras diferentes daquelas diurnas.

Campinas é um dos setores antigos da cidade de Goiânia, visto que antes da fundação desta última já era um município e que foi anexado como um bairro à nova capital, quando fundada nos anos 1930. Situado próximo ao Centro e cortado pela Avenida Anhanguera, o bairro recebe grande fluxo de transeuntes no horário comercial, por ser um polo comercial da cidade, abrigando, inclusive, além de variadas lojas, “camelódromos”, estruturados em boxes, e nos quais é comercializada uma vasta gama de produtos.

Sobre esses riscos e medos que envolvem o acesso ao “Feirão do Chope” pela via do transporte público, afirmo que estes decorrem, em grande parte, da menor movimentação nas ruas nos finais de semana, ocasionando aumento da incidência de furtos e roubos, aos quais os/as jovens *gays* e *lésbicas* se sentem vulneráveis, como me relatou em uma noite Marcos, quando me ofereci para ir embora com ele.

Eu tenho medo. Quando eu tenho que ir embora sozinho. Aqui (na plataforma da estação do Metrobus), fica passando esse pessoal de motocicleta olhando. Semana passada mesmo, a hora que eu desci na estação, eu corri pra casa, e na rua de casa eu quase fui assaltado, a minha sorte foi que eu corri para dentro de casa. (Marcos, 19 anos, estudante de psicologia; grifo meu)

Na noite em questão, perguntei a Marcos se poderíamos ir embora do “Feirão” juntos, visto que nosso trajeto de volta para casa seria em parte o mesmo: esperaríamos o Metrobus (“eixão”) e nos deslocaríamos até o terminal da Praça da Bíblia. Marcos concordou, e, na hora que ele quis ir embora, nós fomos, e, no percurso até a plataforma de embarque (ver Figura 3 – Visão frontal/lateral da fachada do Feirão), enquanto ele guardava o celular na bolsa e separava algum dinheiro, ele me revelou que preferia ir e voltar na companhia de alguém, pois tinha “medo de ir embora sozinho”, sobre o qual já trouxe a transcrição acima.

Então, tentei perguntar mais sobre o motivo pelo qual ele ainda ia ao Feirão. O máximo que ele disse foi que “estava cansado dessa **vida de sair**” (grifo meu), e que queria “ficar mais em casa”. Dentro da divisão proposta para esta dissertação e com base na

etnografia realizada, a intenção neste capítulo é a de entender a relação entre a “hora de ir embora” e os “trânsitos permitidos” aos sujeitos naquele horário, condicionado ao funcionamento do estabelecimento.

Outro elemento importante que pontuo, por acreditar também que tenha interferência na incidência dos crimes,<sup>165</sup> é a questão do “gênero”, ou, mais especificamente, das performances de gênero, em paralelo à “sexualidade” e ao pertencimento étnico-racial. Minha preocupação acerca desse tema é como e ‘quanto’ esses sujeitos narram os “riscos” e os perigos imbricados na “hora de ir embora” e quais as estratégias que possam ter precisado aprender e utilizar no intuito de diminuir esses riscos.

Priorizo a relação entre gênero e crimes pois, além da violência contra a “mulher”, boa parte dos crimes de ódio e/ou homofobia são motivados pelas expressões não hegemônicas de gênero de pessoas homossexuais ou não. No Brasil, tem crescido o número de relatos e o conhecimento sobre agressões homofóbicas perpetradas contra duplas de irmãos, pais e filhos e outros pares de pessoas do mesmo sexo em atos de demonstração pública de afeto.

Sobre as estratégias para dirimir os riscos e tendo como foco as questões anteriores, é preciso adiantar que uma análise interseccional se torna uma tarefa árdua, pois, entre outros motivos, a própria tipificação da violência nos formulários de boletim de ocorrência criminal não é algo tão fácil de obter. Como, no Brasil, o “crime homofóbico” ainda não é criminalizado na forma de lei, a nível nacional, a tipificação da “causa” do crime nos boletins de ocorrência também não é explícita, geralmente sendo registrado como “crime de ódio” (BRASIL, 1989). Mesmo em lugares onde existe tal tipificação, os agredidos/as tem de se submeter ao/a escrivã(o) e contar com a sensibilidade deste para obter ajuda. Essas e outras questões dificultam a contabilidade e as estatísticas de crimes desta natureza no Brasil.

Outra questão é a própria dificuldade que se observa em relação à apreensão da articulação de marcadores produzindo em diferentes hierarquias sociais, como, por exemplo, as que analisamos ao longo desta dissertação, as quais são analisadas parcialmente se enfocada uma ou outra dimensão. Logo, tal dificuldade torna-se latente em circunstâncias como as de crimes, nas quais o fato em si muitas vezes esconde os “reais” motivos que levaram à prática de tal ato.

---

<sup>165</sup>Tal interferência pode ser apontada nos índices de criminalidade divulgados pelos órgãos de segurança pública, bem como nos crimes noticiados pelos veículos de comunicação. Riscos apresentados no genocídio de uma população de jovens negros ou, ainda, em casos de violência sofridas por mulheres negras em pontos de ônibus por “parecerem” prostitutas podem ser citados como exemplo.

#### 4.7.2 ‘Performances de gênero’ vs. ‘risco de homofobia’

Tentando revelar tais articulações da maneira mais esquemática possível, opto por tratar, de modo breve, a homofobia genérica<sup>166</sup> e, em seguida, a articulo com as implicações que o pertencimento étnico pode suscitar. A hipótese aqui é de que a quebra da expectativa da continuidade, de senso comum, do sistema sexo-gênero descrita por Gayle Rubin (2003), pode ser entendida como “risco” pelos sujeitos; ou seja, levando em consideração o complexo leque de marcadores da diferença que podem ser considerados, desde aqueles “vulnerabilizadores” dos sujeitos até os “riscos” na noite e considerando as questões de gênero e sexualidade, nota-se que uma performance pode ser mais ou menos “tolerada” ou permitida no espaço da pista de dança do Feirão, no ambiente “externo”, na rua ou no ônibus, por exemplo, o que pode incomodar e/ou ocasionar uma agressão ou outro tipo de crime, uma vez que “ser” ou “parecer” homossexual, leia-se afeminado, configura uma quebra da expectativa de uma masculinidade e uma suposta justificativa para o ato violento.

Sobre “parecer” e/ou “ser” homossexual, Martins et al (2010, p. 2) trazem, por exemplo, que “há casos de heterossexuais assassinados apenas por serem confundidos com gays”. Assim, ao denunciar que tais crimes são torpemente motivados por uma “confusão”, na qual as vítimas parecem ser *gays*, os autores reiteram e confirmam nossa hipótese de que existe uma confusão, de senso comum, que atrela gênero à sexualidade. Os autores ainda denunciam que:

Notamos que se delineiam diferentes dinâmicas da violência para cada segmento LGBT. Tais crimes se articulam e tomam forma de acordo com as diversas dinâmicas da violência, mas o que sobressai é a violência de direitos motivada pela não conformidade de gênero, quando se trata de assassinatos desconhecidos e de homofobia, quando há revelação não são raras as vezes que a agressão ou a homofobia, quando há relação de conhecimento pelo assassino da orientação sexual da vítima. (MARTINS et al, 2010, p. 3)

Sobre o que foi dito antes, o fato de ‘confundirem’ as vítimas com homossexuais, os agressores/criminosos, que, nesse exemplo, desconhecem as vítimas, agem impelidos pelo ódio à maneira como os homossexuais se comportam e não devido a ações como, por exemplo, uma cantada ao agressor ou um flagrante de algum tipo de ato sexual, que, no senso comum, seriam passíveis de serem consideradas a motivação ou a justificativa de um crime de

---

<sup>166</sup>Trato de “homofobia genérica”, aquela cujas dimensões dizem respeito à orientação sexual e/ou à performance de gênero.

homofobia. Via de regra, crimes cometidos por desconhecidos contra homens (*gays* ou não) são fundamentados na não conformidade de gênero dos agredidos, havendo em suas performances de gênero não hegemônicas a subversão da heteronorma.

Para não criar a impressão de que a homofobia ou o preconceito estão localizados apenas “do lado de fora”, retomo a dimensão das performances no lugar. Remeto-me então a um trecho desta etnografia, no qual tento descrever algumas impressões acerca de algumas masculinidades observadas em campo:

Quanto aos corpos, dentre alguns, havia dois tipos que chamam atenção. O primeiro estava mais no centro da pista e parecia estar muito interessado em dançar as músicas com o máximo de precisão e procurando acompanhar toda a coreografia e letra, até das músicas internacionais, nem todos conseguiam, mas o “carão” era o fundamental ali. Pareciam que todos queriam ‘ser’ ou ‘estar’ *Beyoncé*, *Anitta* e outras “divas” da música naquele momento. As roupas com fendas, calças coladas, coletes, óculos de grau e de sol com armações aviador e retrô e tênis de cano alto pareciam seguir a tendência da moda. Nas bordas/paredes um tipo mais ‘masculino’, próximo da norma, com roupas mais largas, arrumados ou não, sem muita elaboração, sem cremes, sem decotes, apenas tomavam seus *chopes* ou outras bebidas, ensaiavam alguns passos, enquanto eram ‘afrontadas’, de alguma maneira, por aquelas performances, gritos e delírios daqueles outros que estavam ao centro da pista. (grifo meu)

Nesse meu registro de campo, é possível perceber que, dentre o público de homens, duas performances distintas na maneira de dançar podem ser notadas. Enquanto alguns “queriam ‘ser’ ou ‘estar’ *Beyoncé*, ou *Anitta* e/ou outras ‘divas’ da música naquele momento”, outros “apenas tomavam seus ‘chopes’ ou outras bebidas, ensaiavam alguns passos”. Essas breves descrições permitem aferir, ao menos, que, em relação ao primeiro grupo, há uma “repetição estilizada e subversiva” das normas, como proporia Butler (1988), visto que sua performance não condizia com as expectativas sociais de gênero.

A situação já problematizada anteriormente<sup>167</sup> exemplifica a dimensão da homofobia ou das violências contra homossexuais em situações fora do lugar, o que não quer dizer que não haja essa possibilidade dentro do lugar, mesmo que, como já frisado no início, a receptividade e a aceitação do proprietário inibam tal postura. Ainda assim, pareceu-me impossível eliminar a possibilidade de acontecer discriminação e/ou agressão a alguém no interior do bar, dado o volume de frequentadores e a ‘vista grossa’ que os seguranças faziam ao comportamento de alguns dos frequentadores.

---

<sup>167</sup> Para a referida discussão, rever Capítulo 4, subitem 3, “*Eu vim acompanhando meu vizinho...*”.

De modo geral, a situação se resumiria então ao estar (ou retornar ao) “armário”, como diria Eve Kosofsky Sedgwick (2007) em *Epistemologia do Armário*, em que afirma:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em Peter Pan, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. (SEDGWICK, 2007, p. 22)

Diferentemente da busca intermediada por meio virtual (MISKOLCI, 2013) e pelas potencialidades que a internet garante, até mesmo de anonimato, os usos do espaço do mercado GLS (FRANÇA, 2006) constituem uma prática que vincula a busca do prazer ao perigo. Afinal, a possibilidade do sujeito ser ‘pego’/descoberto é agravada pelo fato de haver, em determinados ambientes, muitas pessoas do convívio diário, por exemplo, colegas de trabalho. Questão esta que ainda é um problema para muitos sujeitos e atesta o fato, já explanado, de que há poucas pessoas, mesmo entre as mais ‘assumidas’, que não estejam ainda ‘no armário’ relativamente a alguém que considerem ‘importante’ para elas. Isso nos ajuda a pensar sobre a necessidade da intimidade e de certas práticas culturais do Ocidente de modo geral e sobre o fato de haver, nessa privacidade, algo peculiar ou que vem sendo necessário/útil à “cultura gay”. Segundo Sedgwick (2007, p. 27): “Numa escala muito mais ampla e com uma inflexão menos honorífica, a epistemologia do armário também tem sido produtora incansável da cultura e história do ocidente como um todo”.

Aprofundar a análise sobre a existência da ‘cultura gay’ seria quase impossível agora, porém, há de se perceber que as agressões de cunho homofóbico crescem no Brasil, e um jornal de grande circulação (Folha de S.Paulo) chegou a indicar o “não dar pinta” como uma medida protetiva, gerando vários protestos nas redes sociais e outros veículos de imprensa. Atesta-se, também, que há um perfil socioeconômico que se livra de tal possibilidade de agressão, bem como a habilidade dos sujeitos de adaptarem performatividades ou performances de gênero em determinados ambientes, pois, em sociedades hegemonicamente heteronormativas e racistas o ‘respeito’ está condicionado há padrões reconhecidos. Como diz Appiah (apud SCOTT, 2005, p. 14):

Exigir respeito a pessoas porque elas são negras ou gays requer que existam alguns padrões para o que seja considerado afro-americano ou desejo sexual pelo mesmo sexo. Haverá formas apropriadas para ser um negro ou um gay, haverá expectativas a serem alcançadas, demandas a serem atendidas. É

nesse momento que alguém que leva seriamente em consideração a autonomia poderá perguntar se nós não estamos substituindo uma espécie de tirania por outra.

Talvez hoje (após o campo) eu reflita pensando que minha abordagem demonstra que minha postura, minhas escolhas e minha performatividade de gênero tenham valores e tenham sido lucrativas num mercado de procura de parceiros sexuais, ou em contextos erotizados, como aponta Braz (2012), e, até, quem sabe, tenham sido também fetichizadas por/para meus sujeitos de pesquisa, pelo fato de poderem querer estar comigo.

Como disse, ao comentar os mecanismos de reforço e reiteração da norma nas margens, estes se tornam interessantes para pensar o aspecto tratado por Miguel Vale de Almeida (1995) em “Senhores de Si”, que diz respeito à não naturalidade das **expectativas** de gênero, no caso masculino, não só na vila aonde ele trabalhou, como também na sociedade de forma geral, como também afirmaram Das e Poole (2008).

#### 4.7.3 “É possível evitar o risco de ser negro?”

No âmbito do pertencimento étnico-racial, a intenção é perceber o quanto esse dado subjetivo pode ser objetivado como causador de vulnerabilidade ou não. Digo subjetivo, pois, pelo menos para o sujeito, seu pertencimento depende de uma autodefinição, ou, como formula Munanga (2012, p. 52), consiste em assumir tal condição e dizer com a “cabeça erguida: sou negro”.

Independentemente da autopercepção do sujeito, existe uma dimensão externa (e também subjetiva) que diz respeito ao fato de as demais pessoas acharem ou não que a pessoa é negra. Tais fatores, combinados ou não, aliados a um estereótipo, fruto das dinâmicas coloniais, que subestima o negro na sociedade, ora hipersexualizado, ora escravizado, ora lhe sendo imputado a periculosidade/criminalidade/imprevisibilidade. Atributos que, combinados ou isolados, criam uma áurea estereotipada que inspira a “possibilidade do perigo”.<sup>168</sup>

Haja vista tais estigmas e a subordinação a qual negros foram submetidos na estrutura social capitalista pós-colonial e o que fora apontado por Osmundo Pinho, sobre sua agência (do negro), mesmo na condição de “atividade” e virilidade sexual, que poderia ser questionada. Quanto à vulnerabilidade a crimes e riscos, esses estariam em uma espécie de

---

<sup>168</sup> Vale reforçar a ideia desenvolvida por Silva (1998) de que a “possibilidade” do evento tem um potencial danoso e de instauração do medo maior do que o ato em si.

“desvantagem” no que diz respeito ao acionamento seletivo de características, que apresentaria sua fachada, pois, como afirma Jean-Paul Sartre (1960, p. 111):

Ora, no caso, não há escapatória, nem subterfúgios, nem passagem de linha a que possa recorrer; um judeu branco entre homens brancos pode negar que seja judeu, declarar-se homem entre homens. O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: ele é preto.

Remetemo-nos assim simultaneamente à dissimulação de outras marcas identitárias e da diferença em contextos vantajosos ou de risco, com o intuito de preservar sua vida. Numa apropriação metaforizada do autor, temos que, tal qual o judeu, o homem *gay* branco pode se reivindicar homem entre outros homens. Já o *gay* negro, a lésbica negra e a travesti negra que reclamarem para si essa abstrata humanidade incolor<sup>169</sup> não terão, muitas vezes, e independente de seus investimentos,<sup>170</sup> êxito, pois ele e elas continuarão sendo negros.

Sendo a performance de afirmação de uma “branquitude”, mesmo que para evadir do risco, inócua, percebe-se um problema, cuja primeira face já tratei ao abordar a dificuldade que existe nos órgãos investigativos e nos sujeitos dos crimes em perceber a intersecção de marcas motivadoras do ódio que culminam em um crime. A segunda faceta é a maneira velada ou desmerecida/ignorada como vítimas, investigadores/as e a sociedade admitem e/ou percebem esta dimensão dos/nos crimes.

Mais uma vez, Sartre (1960) é feliz em sua consideração, pois ao tratar a reinvidicação de certa condição, no caso da branquitude, a partir do exemplo do homem judeu, afirma que tal acionamento se faz de forma estratégica e pontual, pois, em contextos desfavoráveis e para preservar sua vida ou evitar algo, é necessário se reivindicar ou ‘negar’ um credo, um gosto ou orientação sexual, sem que isso implique em uma mudança “real” de identidade.

#### 4.7.4 “Performance ou enquanto performance?”<sup>171</sup>

<sup>169</sup>Essa categoria de “humanidade incolor”, utilizada por Sartre, pode ser muito produtiva, principalmente para os estudos sobre a “branquitude”, pois denuncia que, em contextos de discriminação racial, a “branquitude” é algo universal e que não precisa de definição, assimilando-se à ideia de Homem Universal, um discurso questionado pelos estudos contemporâneos sobre a ‘diferença’ e a ‘diversidade’ (de gêneros, etnias, cosmologias, fenótipos, estilos de vida, identidades culturais e sociais, etc.).

<sup>170</sup>Podem ser incluídos nesses investimentos aqueles que envolvem cirurgias plásticas, aplicação de química nos cabelos, peruca, lentes de contato e etc., desde que, o/a sujeito/a afirme que é esta a intenção que motiva o ato, a de reclamar uma humanidade incolor.

<sup>171</sup>A expressão faz referência ao postulado de Richard Schechner (2006) de que, embora nem tudo seja de fato performance, pode ser analisado “enquanto performance”.

MacRae (2004, p. 299), ao argumentar em defesa do “gueto” homossexual, demonstra que os grupos homossexuais se estabelecem “de maneira mais informal, nos bares, nas discotecas e em outros estabelecimentos que compõem o chamado ‘gueto homossexual’”, compondo “grupos de reflexão e troca de experiência”,<sup>172</sup> evidencia o estabelecimento de redes de pertencimento e, principalmente, sociabilidades.

A questão da informalidade é interessante por não implicar, necessariamente, efeitos melhores ou piores. Nesse sentido, um exemplo interessante trazido por MacRae (2004, p. 294, grifo meu) é a percepção de que o jornal O Lampião, que circulou no Brasil de 1978 e 1981, em plena ditadura militar, era “demasiadamente voltado ao homossexual que frequenta o gueto, o Lampião esqueceria a enorme parcela que prefere um modo de vida mais ‘discreto’, ‘sério’, ‘menos visível’”.

A pesquisa de campo, todavia, e a opção por certa bibliografia crítica me possibilitaram atentar para o que se faz com a “diferença”, em especial, as inclusões subordinadas que o mercado possibilita ao selecionar os fregueses, os corpos desejados e erotizáveis.

Ao tratar das sociabilidades e das dinâmicas do lugar, bem como dos motivos pelos quais os sujeitos frequentavam o espaço, acreditava-se que estaria tendo acesso aos dilemas e aos riscos ou perigos que estavam envolvidos ao estar ali e, ainda, àqueles envolvidos na hora de ir embora. Elementos e preocupações estas que são produtos de intempéries, por exemplo, as que estão imiscuídas na (in)segurança do transporte público da capital de Goiás.

Numa dimensão introdutória, vimos nos tópicos anteriores que a intenção de prevenir que outras pessoas tivessem a mesma ilusão amorosa motivou Marcos e Gildo a compartilharem ou socializarem suas experiências afetivas frustradas ao se relacionarem com rapazes de outros estados da federação brasileira. Os sujeitos afirmaram, inclusive, que namorar um goiano seria provavelmente menos arriscado em comparação, por exemplo, a maranhenses, baianos e etc. Aqui, cabe ressaltar que, ao comparar tais experiências, podemos captar a dimensão intencional das/nas sociabilidades em produzir e compartilhar códigos através dos quais é possibilitado aos sujeitos estar em grupo e/ou sociedade.

---

<sup>172</sup> A dinâmica da troca de experiência é, até hoje (2014), uma grande ferramenta destes grupos, assim como a ação entre pares.

## 5 CONCLUSÕES

Início com uma constatação elementar – a de que conceitos acadêmicos, assim como outras ideias da nossa experiência, mudam no tempo e no espaço, isto é, são históricos e são contextuais. Nenhum conceito tem um significado perene. (PEIRANO, 2008, p. 2)

A antropóloga Mariza Peirano reforça o caráter contextual e histórico dos conceitos, fazendo-o da perspectiva de quem viveu para ver (e rever) determinadas realidades de pesquisa e campos de pesquisa etnográfica se modificarem no intervalo entre a visita e a revisita. Assim, gostaria de me apropriar dessa constatação e acrescentar que, tal qual os conceitos, a realidade e os dados são também contextuais.

Faço tal menção para salientar que, em virtude de compartilhar de tal formulação, parto de uma perspectiva mais reflexiva e crítica em relação à formulação e à formatação do saber. Assim, o estabelecimento ou a formulação de ‘conclusões’, no que diz respeito à expectativa que criamos sobre seu teor e conteúdo, torna-se terreno árido para mim.

Acredito que a apreensão e a defesa de que os dados produzidos e analisados aqui são contextuais e historicamente datados é uma das primeiras conclusões que consigo vislumbrar, e sua importância está na esperada coerência com o texto dissertativo e com uma máxima que confere a esta pesquisa as especificidades das ciências sociais.

É preciso, contudo, salientar que considerar as especificidades da realidade de pesquisa analisada em sua dimensão contextual não implica, ou não deveria implicar, desconsiderar as ligações desta realidade específica à de outras ordens. Dimensão para a qual o professor Roberto Lima chamou atenção no Exame de Qualificação, ao indagar metaforicamente sobre o que “as mariposas fazem durante o dia”. Ele continuou, dizendo que essas pessoas têm vidas cotidianas fora daquele lugar, o que implicava levar em conta se elas trabalham ou estudam, se têm (ou não) família e se, ao menos, têm vizinhos/as. É através destas relações sociais “compulsórias” que a experiência vivenciada no Feirão se reformula, choca-se, reforça-se ou se enfraquece.

Nessas interações se articulam, sobrepõem-se ou se justapõem, de maneira conflitiva ou convivendo de maneira mais ou menos tranquila, as representações e as perspectivas gerais com as elaborações pessoais e de grupos específicos, como bem nos chamou atenção Silva (1998).

É por meio dessa análise que se reitera a afirmação feita em momento inicial desta dissertação, referente à questão de o mito da igualdade estar ou não presente no “mundo gay”.

Aqui, mais uma vez, reafirmo que não só “a diferença está no mundo gay” (FRANÇA, 2012), como também o preconceito, pois, por mais que as experiências sejam diferenciadas e muitas vezes radicalmente opostas a elementos que figuram como uma norma social, ainda assim, tais experiências não conseguem ser radicalmente dissidentes. Além disso, conforme nos apontam Braz (2012) e Pinho (2006), as experiências eróticas e fetichizadas muitas vezes incorrem em uma dimensão reafirmadora da norma, na qual o desejo se restringe ao uso da diferença e não de estar/ser a diferença, como podemos perceber com o fetiche em torno dos “cafuçus”.

Nota-se, ainda, que atributos socialmente valorizados também o são no “lugar” (Feirão). Assim, a virilidade e/ou masculinidade, característica tão valorizada na sociedade, também o é ali. É bem verdade também que esta ganha novas especificidades inerentes àquela sociabilidade, não se tratando simplesmente da masculinidade heterossexual, mas também daquela ligada à prática homoerótica, geralmente reprimida e não permitida.<sup>173</sup>

Complementarmente, a feminilidade e os seus estereótipos são, no âmbito genérico das relações sociais, também desvalorizados e subordinados no “Feirão”, de maneira que seus/suas performers são alvos de controle e vigília todo o tempo, principalmente dos homens *gays*, visto que é preciso “controlar os exageros” (BRAZ, 2012).

Ainda sobre estes exageros, Joãozinho afirma

Às vezes uma comemoração aí eles chegam a subir em cima da mesa, isso que é exagero. Mas você quer às vezes saber do namoro, né? Não, a gente deixa à vontade, as pessoas tanto as mulheres quanto os homens podem estar namorando normalmente. Não sexo, né? O exagero que falo é no comportamento, mas dentro da convivência deles no bar, né, na sociedade, esquema normal aí não tem problema, não.

Remetemo-nos, mais uma vez, à questão da “moralização” desses espaços GLS, em consonância com a abordagem de Braz (2012), detectando a associação desse tipo de discurso à “legitimidade” ou à busca por uma legitimação do/no mercado. Resta, por fim, apresentar uma distinção que pode ou não ser relevante, mas que deve ser considerada, a qual diz respeito ao fato de Joãozinho ser heterossexual, o que, em termos sociais, pode ter influência na sua busca por instituir e/ou manter certos limites inerentes à moral heterossexual.

---

<sup>173</sup> Mesmo dentro do plano da masculinidade heterossexual, que se reivindica a única e a verdadeira, vemos serem acionados discursos com o intuito de conformar a prática à identidade heterossexual. Um exemplo é aquele tratado pela epidemiologia como HSH, homens que fazem sexo com homens.

Outro fato a se pontuar sobre o “Feirão” é que o espaço não conta com um *dark room*,<sup>174</sup> outrora tão comum, mas em aparente desuso pelas boates GLS em Goiânia, como aponta Braz (2013). Fato que, se analisarmos sob à perspectiva inspirada por Jardim (1991), teria a ver com a forma do espaço selecionar os “gostos” ou os clientes, reiterando um movimento, intencional ou não, na direção de uma moralização do espaço; ação cuja eficácia pode ser relativizada, ao passo que observamos, por exemplo, um movimento de duplas de clientes que se ausentam do espaço e que geralmente vão ter um momento mais reservado (para sexo ou não) no lote ao lado do “Feirão” (ver Figura 3 – Visão frontal/lateral da fachada do Feirão).

Por fim, assim como a fala de Joãozinho e a análise de que não possuir *dark room* pode ter relação com uma ideia de credibilidade que se difunde pelo mercado, estereótipos e imagens de senso comum dos frequentadores, em especial “cafuçus” e “bagaceiras”, acabam não sendo exclusividade do “Feirão”. Porém, a maneira como as marcas da diferença e outras são tratadas e compartilhadas revela especificidades das sociabilidades no/do “Feirão”, no caso, vinculadas à localização (social e geográfica) do estabelecimento na cidade. Foi com a intenção de produzir conhecimento a partir desta “experiência marginal” que a presente investigação se desenvolveu, buscando, assim, fornecer elementos para ajudar futuros leitores a adentrarem no universo da discussão interseccional de marcadores sociais da diferença.

---

<sup>174</sup>Segundo Braz (2013, p. 5), os *dark rooms*, ou simplesmente *darks* são “salas de tamanhos variados (dependendo da casa), pouco iluminadas e destinadas à ‘pegação’, termo que alude à ‘caça’ ou à prática sexual anônima, geralmente entre homens”.

## 6 REFERÊNCIAS

ASAD, Talal. ¿Dónde están los márgenes del estado? **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, n. 27, p. 53-62, jul. 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n27/n27a03.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

APPADURAI, Arjun. **Introdução**. Mercadorias e a política de valor. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A vida social das coisas*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 15-86.

BARBOSA, Bruno Cesar. **Normas e Diferenças**: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Disponível em:

<[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1945\\_1054\\_BRUNO\\_CESAR\\_BARBOSA.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1945_1054_BRUNO_CESAR_BARBOSA.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2018.

BARBOSA, Lívía; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 21-44.

BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. (Org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Ilha de Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

BENTO, Berenice. **A reinvenção corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel Difusão Editorial; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. (Coleção Memória e Sociedade).

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 26, p. 239-276, jun. 2006. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 set. 2017.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Disponível em:

<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7716.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm)>. Acesso em: 21 set. 2017.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. “*DarkRoom...cadê?!*” Reflexões sobre a (ausência de) “pegação” em boates GLS de Goiânia, Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Fazendo

Gênero, 2010. Disponível em:

<[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373219559\\_ARQUIVO\\_ST25BrazCamiloDarkRoomCade.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373219559_ARQUIVO_ST25BrazCamiloDarkRoomCade.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2018.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Corpo a corpo: notas sobre uma etnografia imprópria.

**Revista Artêmis**, João Pessoa, v. 7, p. 128-144, 2007c. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2157/1915>>. Acesso em: 21 set. 2017.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **À meia-luz...: uma etnografia em clubes de sexo masculinos**. Goiânia: Editora UFG, 2012.

BUTLER, Judith. Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory. **Theatre Journal**, Baltimore, EUA, v. 40, n. 4, p. 519-531, dez. 1988.

Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3207893>>. Acesso em: 21 set. 2017.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.) **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.47-64.

CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores do século XXI, cidadãos do XVIII: o consumo serve para pensar. In: \_\_\_\_\_. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução Maurício Santana Dias. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. 228p., p. 29-73.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e na trajetória socioespacial de Milton Santos**. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – IESA, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em:

<<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1857>>. Acesso em: 21 set. 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774>>. Acesso em: 21 set. 2017.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes: etnografías comparadas.

**Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, n. 27, p. 19-52, jul. 2008. Disponível em:

<[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1850-275X2008000100002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-275X2008000100002&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 21 set. 2017.

DOUGLAS, Mary. Limites Externos. In: \_\_\_\_\_. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 232 p., p. 141-158.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. Os usos dos bens: exclusão, intrusão. In: \_\_\_\_\_. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 101-147.

ESCOBAR, Arturo. **La invención del tercer mundo:** construcción y deconstrucción del desarrollo. Santafé de Bogotá: Norma, 2007.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu:** trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

EUGENIO, Fernanda. *Corpos voláteis: estética, amor e amizade no universo gay.* In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Comunicação, consumo e espaço urbano:** novas sensibilidades nas culturas jovens. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Mauad, 2006.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas:** movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 99-140, jun. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332014000100099&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100099&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 fev. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420099>.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução Paula Siqueira. **Cadernos de campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p.155-161, mar. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376>>. Acesso em: 21 set. 2017.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** Tradução Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 223 p. (Coleção cidade aberta. Série megalópolis).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. v .1. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes:** o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-141155/publico/TESE\\_ISADORA\\_LINS\\_FRANCA.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-141155/publico/TESE_ISADORA_LINS_FRANCA.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2017.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares:** homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Para inglês ver:** identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GEERTZ, Clifford. **Tras los hechos:** dos países, cuatro décadas y un antropólogo. Barcelona: Paidós, 1996.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GELEDÉS – INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Racismo e sua (inter)face de gênero. In: \_\_\_\_\_. **Racismo institucional:** uma abordagem conceitual. São Paulo: Geledés, 2013. p. 11-16. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2013/05/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991, 177 p.

GOFFMAN, Erving. Sobre a preservação da fachada – uma análise dos elementos rituais na interação social. In: \_\_\_\_\_. **Ritual de interação:** ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

GOIÂNIA. Prefeitura. **História:** história de Goiânia. *Website* oficial da prefeitura de Goiânia, contém informações inerentes à cidade e oferece serviços diversos. 2014. Disponível em: <<http://www4.goiania.go.gov.br/portal/goiania.asp?s=2&tt=con&cd=1964>>. Acesso em: 21 set. 2017.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro.** Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

GOOGLE MAPS. Contém mapas interativos do globo terrestre. 2015. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 21 set. 2017.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, RJ, v. 9, n.17, p.19-46, 2007. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/213/205>>. Acesso em: 21 set. 2017.

HAMMES, Bruno dos Santos; BRAZ, Camilo Albuquerque de. Entre o “Feirão” e o Armário: Um estudo sobre discursos de pertencimento e *relatedness* entre jovens *gays* da periferia de Goiânia-GO. In: Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais, 4., 2013, Natal/RN. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: Gênero e Práticas Culturais, 2013. Disponível em: <<http://www.itaporanga.net/genero/4/gt10/06.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

HAMMES, Bruno dos Santos. Um estudo sobre discursos de pertencimento e parentesco entre jovens *gays* e suas famílias. 2013a. 69 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

HASENBALG, Carlos. Introdução. In: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Vale (Org.) **Origens e destinos:** desigualdades sociais ao longo da vida. Rio de Janeiro. Topbooks. 2003. p. 9-33.

HEBDIGE, Dick. **Subculture:** The meaning of style. London: Routledge, 2002.

JARDIM, Denise Fagundes. De bar em bar – identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares. 1991. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/1404>>. Acesso em: 21 set. 2017.

JEOLÁS, Leila S. O diálogo interdisciplinar na abordagem do risco: limites e possibilidades. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 9-21, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29625/31494>>. Acesso em: 22 set. 2017.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE BRETON, David. O corpo acessório. In: \_\_\_\_\_. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas / SP: Papyrus, 2003. 240 p.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal e lógica dialética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004. p. 291-308.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Coleção Os Pensadores).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, dez. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 fev. 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.

MARTINS, Marco Antonio Matos; FERNANDEZ, Osvaldo; NASCIMENTO, Érico Silva do. Acerca da violência contra LGBT no Brasil: entre reflexões e tendências. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Fazendo Gênero, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278500487\\_ARQUIVO\\_ACERCAD\\_AVIOLENCIACONTRALGBTNOBRASIL.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278500487_ARQUIVO_ACERCAD_AVIOLENCIACONTRALGBTNOBRASIL.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2017.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MESSEDER, Suely Aldir. **É só um jeito de corpo: um estudo sobre masculinidades a partir das representações e do uso do corpo por jovens, negros, de setores populares na cidade do Salvador**. 1999. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999. Disponível em:

<<http://www.ppgcs.ufba.br/main.asp?view=Detalha.dissertacao&id=413>>. Acesso em: 22 set. 2017.

MIGNOLO, Walter. **Historias locais/disenos globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2003.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28., p. 33-63, dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832007000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 set. 2017.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MISKOLCI, Richard. Machos e *brothers*: um estudo sobre o armário a partir de relações homoeróticas masculinas criadas online. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, mai. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100016>>. Acesso em: 22 set. 2017.

MIRANDA, Rosângela de. **Goiânia**: as parcerias público-privadas e as zonas de interesse urbanístico/áreas especiais de interesse urbanístico. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) – UniEvangélica, Anápolis, 2011. Disponível em: <<http://www.unievangelica.edu.br/files/images/Rosangela%20de%20Miranda.PDF>>. Acesso em: 22 set. 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo, 2012.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros**: dos quilombos às favelas. Relatório narrativo final. [s.l.]: 1981. Mimeografado.

NEIVA, Giórgia de Aquino. **Nas redes dos alternativos**: mercado, sexualidade e produção de diferenças na cidade de Goiânia. 2014. 129 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4096>>. Acesso em: 22 set. 2017.

NOLETO, Rafael da Silva. **Poderosas, divinas e maravilhosas**: o imaginário e a sociabilidade homossexual masculina construídas em torno das cantoras de MPB. 2012. 259 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. Disponível em: <[https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/Poderosas\\_\\_divinas\\_e\\_maravilhosas\\_\\_\\_Completa.pdf](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/Poderosas__divinas_e_maravilhosas___Completa.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2017.

NUNES, Paulo Reis. Para além de Dzi Croquettes: performances *Drag-Queens* e sociabilidade LGBT a partir do espetáculo “Jú Onze e Vinte Quatro”, em Goiânia (GO). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA:

PRÁTICAS, PEDAGOGIAS E POLÍTICAS PÚBLICAS, 7., 2014, Rio Grande, RS. **Anais...** Rio Grande: FURG, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, jun. 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579/109656>>. Acesso em: 22 set. 2017.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **PontoUrbe**, São Paulo, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1890>>. Acesso em: 22 set. 2017.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 217-248, 2005. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>>. Acesso em: 22 set. 2017.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos *queer* no Brasil? **Revista Acadêmica Periódicus**, v. 1, n. 1, p. 68-91, 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>>. Acesso em: 22 set. 2017.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PINHO, Osmundo. “A vida em que vivemos”: raça, gênero e modernidade em São Gonçalo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 169-198, jan. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000100010/7609>>. Acesso em: 22 set. 2017.

PINHO, Osmundo. Heróis Ultra-Modernos: raça, gênero e modernização desigual na periferia do Rio de Janeiro. In: HERINGER, Rosana; PINHO, Osmundo. **Afro Rio século XXI**: modernidade e relações raciais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 54-91.

PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 38, p. 159-195, jan.-jun. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332012000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 set. 2017.

PINHO, Osmundo. Relações raciais e sexualidade: raça, cor e outros conceitos analíticos. In: PINHO, Osmundo; SANSONE, Lívio (Org.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. 2. ed. rev., Salvador: Ed. UFBA, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p.263-274, jul.-dez. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/4295>>. Acesso em: 22 set. 2017.

RATTS, Alex J. P. Entre personas e grupos homossexuais negros e afro-lgttb. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira; LIMA, Solimar Oliveira. (Org.). **Homossexualidade sem fronteiras: olhares**. Rio de Janeiro: Booklinks, 2007. v. 1, p. 97-118.

RATTS, Alex J. P. Os lugares da gente negra: raça, gênero e espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Universidade Federal da Bahia; Centro de Estudos Afro-Orientais. 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/13195631-Os-lugares-da-gente-negra-raca-genero-e-espaco-no-pensamento-de-beatriz-nascimento-e-lelia-gonzalez-alex-ratts-1.html>>. Acesso em: 22 set. 2017.

REBELO, Samantha Cardoso. As conexões do forró com diferentes realidades na sua trajetória. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 3., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura; UFBA, 2007. Disponível em: <[www.cult.ufba.br/enecult2007/SamanthaCardosoRebello.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecult2007/SamanthaCardosoRebello.pdf)>. Acesso em 22 set. 2017.

REDUZINO, Rodrigo Antonio. **Existe preto e branco para além do arco-íris? Estudo de interseccionalidade de raça e sexualidade: um olhar interseccional da Rua da Lama – RJ**. 2012. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. O embuste do conteúdo e a rebelião da forma: notas sobre “homidade” e cultura. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS SOBRE VARONES Y MASCULINIDADES, 5., 2015, Santiago de Chile. **Anais eletrônicos...** Santiago de Chile, 2015. Disponível em: <[https://mega.co.nz/#F!okJFGIoA!I8vwCQNO2Ub\\_7U\\_c31C2hQ](https://mega.co.nz/#F!okJFGIoA!I8vwCQNO2Ub_7U_c31C2hQ)> Acesso em: 22 set. 2017.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 136p.

ROSA, Waldemir. **Homem preto do gueto**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília. 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2769>>. Acesso em: 22 set. 2017.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (Comp.). **Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina**. Madrid: Talasa Ediciones, 2003.

SAHLINS, Marshall. *La pensée burgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura*. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 166-203.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 9-19.

SARMENTO, João. **Geografias do corpo: ensaios de geografia cultural**. Porto: Figueirinhas, 2009. p. 11-36.

SARTRE, Jean-Paul. Orfeu negro. In: \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o racismo**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1960.

SCHECHNER, Richard. What is performance? In: \_\_\_\_\_. **Performance studies: an introduction**. 2. ed. New York; London: Routledge. 2006, p. 28-51.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. **Revista da ABPN**, [s. l.], v. 6, n. 13, p. 134-147, mar.-jun. 2014. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/155>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SCHUCMAN, Lia Vainer. CARDOSO, Lourenço. Apresentação dossiê branquitude. **Revista da ABPN**, [s. l.], v. 6, n. 13, p. 5-7, mar.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/146/144/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000100002/7778>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 19-54, jun. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 set. 2017.

SERVIÇO DE MENSAGENS CURTAS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Servi%C3%A7o\\_de\\_mensagens\\_curtas&oldid=47659303](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Servi%C3%A7o_de_mensagens_curtas&oldid=47659303)>. Acesso em: 6 jan. 2017.

SILVA, Telma Camargo da. Corpos em perigo: uma análise sobre a percepção de risco em caso de desastre radiológico. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 22., 1998, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1998. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt11-5/5128-telmasilva-corpos/file>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SILVEIRA, Raphael Moraes. Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória: um estudo da prática do *swing* em Goiânia. 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – FCS, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4508>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: o indivíduo e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora; MACEDO, Márcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 35, p. 37-78, 2010. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 set. 2017.

SOUSA, Alemar Moreira. **O espaço que ousa dizer seu nome: territórios GLBTS em Goiânia**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – IESA, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

TUAN, Yi-Fu. Space and Context. In: SCHECHNER, Richard; APPEL, Willa (Ed.). **By means of performance**. New York: Cambridge University Press, 1993, p. 236-44.

URIARTE. Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **PontoUrbe**, São Paulo, n. 11, 2012a. Disponível em: <<https://pontourbe.revues.org/300>>. Acesso em: 25 set. 2017.

URIARTE. Urpi Montoya. Podemos todos ser etnógrafos? **Redobra**, Salvador, n. 10, p 171-189, 2012b. Disponível em: <[http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/Redobra\\_10\\_22.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/Redobra_10_22.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2017.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995. 270 p.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

## APÊNDICE

**Apêndice A** – Quadro informativo dos sujeitos.

<b>Sujeito</b>	<b>Idade</b>	<b>Páginas onde é mencionado</b>	<b>Profissão</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Raça</b>
Marcos	21	33; 50; 51; 58; 59; 61; 66; 71; 73; 76; 80; 86; 87; 97; 100; 117	Vendedor e Estudante	Superior incompleto	M	Negro
Gildo	38	33; 46; 58; 59; 60; 61; 66; 71; 73; 74; 80; 86; 90; 117	Funcionário Público	Superior	M	Pardo
Bento	23	33; 63; 71; 72; 73; 74; 95	Açougueiro	Médio	M	Branco
Jean	19	33	Estudante	Médio	M	Pardo
Gena	24	33; 46; 48; 76	Doméstica	Médio	F	Negra
Ricardo	21	33; 46; 93	Barman	Médio	M	Negro
Leandro	24	92	Vigilante	Médio	M	Pardo
Pereira	+/- 60	90; 91	?	?	M	Branco
Helga	18	48	Estudante	Médio	F	Negra